

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**DISPOSITIVO DE HOS(TI)PITALIDADE ESTRANGEIRA:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ENUNCIADOS JORNALÍSTICOS ACERCA DO
ACOLHIMENTO AOS MÉDICOS CUBANOS NO BRASIL**

JOÃO PAULO SANTOS BATISTA

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2025**

JOÃO PAULO SANTOS BATISTA

**DISPOSITIVO DE HOS(TI)PITALIDADE ESTRANGEIRA:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ENUNCIADOS JORNALÍSTICOS ACERCA DO
ACOLHIMENTO AOS MÉDICOS CUBANOS NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: Estudos do discurso, identidades e relações de poder.

Orientador: Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2025**

TERMO DE APROVAÇÃO

JOÃO PAULO SANTOS BATISTA

DISPOSITIVO DE HOS(TI)PITALIDADE ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE ENUNCIADOS JORNALÍSTICOS ACERCA DO ACOLHIMENTO AOS MÉDICOS CUBANOS NO BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras. Esta dissertação foi julgada e aprovada pela comissão abaixo assinada em 12 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos – UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente (Orientador)

Prof. Dr. Israel de Sá – UFU
Universidade Federal de Uberlândia
1º Examinador (Externo)

Prof. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano – UFS
Universidade Federal de Sergipe
2ª Examinador (Interno)

Prof. Dr. Nilton Milanez – UNEB
Universidade Estadual da Bahia
1º Suplente (Externo)

Prof. Dra. Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno –UFS
Universidade Federal de Sergipe
2ª Suplente (Interno)

São Cristóvão/SE
2025

Aos meus pais, Rosangela e João, que me incentivaram a seguir um caminho construído sobre o conhecimento em meio aos tortuosos desafios da vida, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pelas conversas que me dão a força da qual preciso para seguir.

Agradeço aos meus pais, Rosângela e João, por serem tão grandiosos em seu amor e por me incentivarem sempre, eu os amo infinitamente.

Agradeço a minha irmã, Raniele, por fazer essa caminhada da vida ao meu lado.

Agradeço às minhas amigas e companheiras de jornada, Camila e Francielle, por se juntarem a mim em um desafio que mudou nossas vidas e por partilharem os bons dias e os ruins comigo. Vocês foram meu alicerce.

Agradeço ao meu orientador, Jocenilson Ribeiro, por ser tão generoso e bondoso em partilhar seu conhecimento. Sua orientação e conversas me trouxeram mais clareza sobre os caminhos seguidos nesta pesquisa. Obrigado por confiar em mim e dedicar seu tempo às minhas reflexões.

Agradeço às minhas companheiras de pesquisa Cristiana, Graziela, Elislane, Esther e Joesia por dividirem experiências comigo nesse processo de formação.

Agradeço aos membros do Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades (*imaGine*), do qual não listei todos, mas que quero que saibam que nossas reuniões me fizeram absorver aprendizados valiosos nesta caminhada.

Agradeço aos amigos Isabela, João, Samuel, Juliane, Danillo, Debora, Max, Mauro, Jamilly, Talita, Caio, Gabriel, Guilherme, Bruna, Leandro, Tainara, Thiago, Pablo, Ernandes, Verena e Evelyn por fazerem parte de algum modo dessa conquista.

Agradeço aos membros do projeto DiASPORA por diálogos tão interessantes e produtivos.

Agradeço aos professores Taysa Damaceno, Israel de Sá, Renata Ferreira Bonifacio, Marluza da Rosa, Doris Matos, Marcia Mariano, Cleide Pedrosa, Alexandre Melo, Jorcemara Cardoso e João Paulo Andrade por contribuírem com minha formação e aprendizado.

Agradeço aos membros da coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras e a comissão discente pela dedicação e trabalho prestados durante o tempo em que fiz o mestrado.

Agradeço a todos que fazem a Universidade Federal de Sergipe funcionar e ser um local de conhecimento, de troca de saberes, mas também de amizades e afetos.

Agradeço aos meus familiares e amigos.

Agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

De tudo que vi meu pai bem-querer na vida, talvez fosse a escrita e a leitura dos filhos o que perseguiu com mais afinco. Quem acompanhasse sua vida de lida na terra ou a seriedade com que guardava as crenças do jarê, acharia que eram os bens maiores de sua existência. Mas pessoas como nós, quando viam o orgulho que sentia dos filhos aprendendo a ler e do valor que davam ao ensino, saberiam que esse era o bem que mais queria poder nos legar (Itamar Vieira Júnior, *Torto Arado*, 2021, p.66).

BATISTA, João Paulo Santos. **Dispositivo de hos(ti)pitalidade estrangeira:** uma análise discursiva de enunciados jornalísticos acerca do acolhimento aos médicos cubanos no Brasil. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – concentração em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025.

RESUMO

Em 2013, o *Projeto Mais Médicos para o Brasil* (PMMB) foi criado pelo Governo Federal, durante a gestão da presidenta Dilma Rousseff, como uma tentativa de resolver dois problemas do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo: I) a dificuldade de recrutar médicos para atender à população em regiões longínquas e de difícil acesso pelo Brasil e II) a baixa oferta de médicos especializados em saúde da família e comunidade. A Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013, que promulga a criação do *Programa Mais Médicos* (PMM), é o ponto de partida desta pesquisa que observou seus desdobramentos até o ano de 2023. A lei permitiu a migração de médicos estrangeiros para trabalhar em regiões do interior do Brasil ou em locais periféricos e de difícil acesso por meio do PMM, e é o que se entende como um acontecimento discursivo (Foucault, [1969] 2020). Desde a promulgação da lei, circularam discursos de acolhimento em disputa, especialmente sobre os médicos cubanos, que variam entre a hospitalidade e a hostilidade. O objetivo geral desta pesquisa é investigar o funcionamento discursivo da *hos(ti)pitalidade* aos médicos cubanos no Brasil, em análise de jornais *on-line*, a partir do conceito de dispositivo de Foucault (2023). Os objetivos específicos são: I) reunir materialidades discursivas nos jornais *Gazeta do Povo* e *Carta Capital* que constituem discursos sobre os médicos cubanos no Brasil, sendo hostil ou hospitaleiro; II) identificar regularidades discursivas em disputa de verdade sobre os médicos cubanos; e III) analisar enunciados que discursivizem violências e resistências sobre os médicos cubanos. Assim como Derrida (2003), acreditamos que a hospitalidade ao estrangeiro nem sempre é só hospitaleira ou somente hostil, ela pode ser uma “*hostipitalidade*”, conceito cunhado pelo filósofo para tratar da mistura dos modos de recepção ao estrangeiro (Kristeva, 1994). O problema de pesquisa compreendido, então, está na variação de discursos *hostis* e *hospitaleiros* sobre os médicos cubanos no Brasil. A pergunta que orientou esta pesquisa é: como os médicos cubanos, no Brasil, se tornaram objeto de discursos ambivalentes, contraditórios e em disputa? O *corpus* da pesquisa foi constituído por notícias que circularam entre 2013 e 2023 em dois jornais *on-line* (*Gazeta do Povo* e *Carta Capital*), em que se observaram as tensões e as disputas de “verdade” sobre os médicos cubanos. A perspectiva teórico-metodológica ancorou-se na análise do discurso de linha francesa, centrada nos estudos discursivos foucaultianos (Foucault, 2002, 2006, 2008, 2020, 2023), com a utilização de conceitos como discurso, enunciado, dispositivo, sujeito, saber-poder, entre outros. A partir do método arqueogenalógico de Michel Foucault e da noção de *hostipitalidade* de Jacques Derrida, investigamos o funcionamento discursivo de um dispositivo sobre o acolhimento a médicos cubanos no Brasil. Os resultados demonstram que, durante o período de atividade no PMM, os médicos cubanos foram recorrentemente comparados com médicos brasileiros e profissionais de saúde de outras nacionalidades. Ademais, o dispositivo de *hos(ti)pitalidade* demonstrou que mecanismos de normalização, controle e seletividade funcionaram no (des)acolhimento aos cubanos, o que resultou em subjetivações e objetivações com uso de termos como “escravos”, “não qualificados”, “deuses”, entre outros. A pesquisa aponta para uma necessidade de estudos mais aprofundados sobre a seletividade do brasileiro na recepção a estrangeiros no âmbito das humanidades, dos estudos linguísticos e, em especial, da análise do discurso.

Palavras-chave: Análise do discurso; Michel Foucault; Programa Mais Médicos; Hostipitalidade; Enunciados jornalísticos; mídia.

BATISTA, João Paulo Santos. **Foreign hospitality device:** a discursive analysis of journalistic statements about the reception of Cuban doctors in Brazil. 166 f. Dissertation (Masters degree in Modern Languages) – focus on Linguistics Studies, Federal University of Sergipe, São Cristóvão, 2025.

ABSTRACT

In 2013, the More Doctors for Brazil Project (PMMB) was implemented by the Federal Government, during the administration of President Dilma Rousseff, as an attempt to solve two problems of the Unified Health System (SUS), being: I) the difficulty of recruiting doctors to serve the population in remote and difficult-to-access regions of Brazil and II) the low supply of doctors specializing in family and community health. Law No. 12,871, of October 22, 2013, which enacts the creation of the Mais Médicos Program (PMM) is the starting point of this research. The law allowed the migration of foreign doctors to work in interior regions of Brazil through the PMM, and what we understand to be a discursive event (Foucault, 2020), resulted in the circulation of disputed discourses, especially about Cuban doctors, who vary between hospitality and hostility. The general objective of this research is to investigate the discursive functioning of hostility towards Cuban doctors in Brazil, in an analysis of online newspapers, based on Michel Foucault's concept of dispositive (2023). The specific objectives are: I) to gather discursive materialities in the newspapers *Gazeta do Povo* and *Carta Capital* that constitute discourses about Cuban doctors in Brazil, whether hostile or not; II) identify discursive regularities in the dispute over the truth about Cuban doctors; and III) analyze statements that discuss violence and resistance against Cuban doctors. Like Derrida (2003), we believe that hospitality to a foreigner is not always just hospitable or just hostile, it can be hostility, a concept coined by the philosopher to deal with the mixture of ways of welcoming a foreigner (Kristeva, 1994). The research problem understood, then, is the variation of hostile and hospitable discourses about Cuban doctors in Brazil. The question that guided this research is: how did Cuban doctors, in Brazil, become the object of ambivalent, contradictory and disputed discourses? From the analysis of statements in four online newspapers (*Gazeta do Povo* and *Carta Capital*) we observed the tensions and disputes over the “truth” about Cuban doctors. The theoretical-methodological perspective is anchored in the analysis of French discourse, centered on Foucauldian discursive studies (Foucault, 2002, 2006, 2008, 2020, 2023), with the use of concepts such as discourse, statement, device, knowledge-power, among others. Using Foucault's archaeogenealogical method and Derrida's notion of hostility, we investigated the discursive functioning of a device on the reception of Cuban doctors in Brazil. The results demonstrate that during the period of activity at the PMM, Cuban doctors were repeatedly compared with Brazilian doctors and health professionals of other nationalities. Furthermore, the hospitality device demonstrated that mechanisms of normalization, control and selectivity worked in the (un)welcome of Cubans, which resulted in subjectifications and objectifications with the use of terms such as “slaves”, “unqualified”, “ gods”, among others. The research points to a need for more in-depth studies on the selectivity of Brazilians when welcoming foreigners within the scope of humanities, linguistic studies and, in particular, discourse analysis.

Keywords: Analysis discours; Michel Foucault; Cuban doctors; Hospitality, Journalistic statements, Media.

BATISTA, João Paulo Santos. **Dispositivo de hos(ti)pitalidad extranjera: un análisis discursivo de declaraciones periodísticas sobre la recepción de médicos cubanos en Brasil.** 166 f. Tesis de maestría (Maestría en Letras) - con énfasis en Estudios Lingüísticos, Universidad Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025.

RESUMEN

En 2013, el Proyecto Más Médicos para Brasil (PMMB) fue implementado por el Gobierno Federal, durante la administración de la Presidenta Dilma Rousseff, como un intento de resolver dos problemas del Sistema Único de Salud (SUS), siendo: I) la dificultad de reclutamiento de médicos para atender a la población en regiones remotas y de difícil acceso de Brasil y II) la baja oferta de médicos especializados en salud familiar y comunitaria. La Ley N° 12.871, de 22 de octubre de 2013, que dicta la creación del Programa Más Médicos (PMM) es el punto de partida de esta investigación. La ley permitió la migración de médicos extranjeros para trabajar en regiones del interior de Brasil a través del PMM, y lo que entendemos como un evento discursivo (Foucault, 1969), resultó en la circulación de discursos disputados, especialmente sobre los médicos cubanos, que varían entre hospitalidad y hostilidad. El objetivo general de esta investigación es investigar el funcionamiento discursivo de la hospitalidad hacia los médicos cubanos en Brasil, en un análisis de periódicos en línea, a partir del concepto de dispositivo de Foucault (2023). Los objetivos específicos son: I) recoger materialidades discursivas en los diarios *Gazeta do Povo* y *Carta Capital* que constituyen discursos sobre los médicos cubanos en Brasil, hostiles o no; II) identificar regularidades discursivas en la disputa por la verdad sobre los médicos cubanos; y III) analizar declaraciones que discuten la violencia y resistencia contra los médicos cubanos. Al igual que Derrida (2003), creemos que la hospitalidad hacia un extranjero no siempre es solo hospitalaria o simplemente hostil, puede ser una hos(ti)pitalidad variable, concepto acuñado por el filósofo para abordar la mezcla de formas de acoger a un extranjero (Kristeva, 1994). El problema de investigación entendido, entonces, es la variación de los discursos hostiles y hospitalarios sobre los médicos cubanos en Brasil. La pregunta que guió esta investigación es: ¿cómo los médicos cubanos, en Brasil, se convirtieron en objeto de discursos ambivalentes, contradictorios y disputados? A partir del análisis de declaraciones en cuatro diarios digitales (*Gazeta do Povo* y *CartaCapital*) observamos las tensiones y disputas sobre la “verdad” sobre los médicos cubanos. La perspectiva teórico-metodológica se ancla en el análisis del discurso francés, centrado en los estudios discursivos foucaultianos (Foucault, 2002, 2006, 2008, 2020, 2023), con el uso de conceptos como discurso, enunciado, dispositivo, conocimiento-poder, entre otros. Utilizando el método arqueogenealógico de Michel Foucault y la noción de hospitalidad de Jacques Derrida, investigamos el funcionamiento discursivo de un dispositivo sobre la recepción de médicos cubanos en Brasil. Los resultados demuestran que durante el período de actividad del PMM, los médicos cubanos fueron comparados repetidamente con médicos brasileños y profesionales de la salud de otras nacionalidades. Además, el dispositivo de hospitalidad demostró que en la (in)acogida de los cubanos funcionaron mecanismos de normalización, control y selectividad, lo que derivó en subjetivaciones y cosificaciones con el uso de términos como “esclavos”, “incalificados”, “dioses”, entre otros. La investigación apunta a la necesidad de estudios más profundos sobre la selectividad de los brasileños en la acogida de extranjeros en el ámbito de las humanidades, los estudios lingüísticos y, en particular, el análisis del discurso.

Palabras clave: análisis del discurso; Michel Foucault; médicos cubanos; hospitalidad, declaraciones periodísticas, medios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA FOUCAULTIANA	18
1.1 Arqueogenealogia em Foucault	19
1.2 Arcabouço teórico-metodológico: alguns conceitos e reflexões	25
1.2.1 Discurso, verdade e enunciado.....	27
1.2.2 Sujeito e acontecimento	33
1.2.3 Biopoder e biopolítica.....	35
1.3 Da noção de dispositivo em Foucault ao dispositivo de hos(ti)pitalidade em Derrida	36
1.3.1 A hospitalidade em Derrida	41
1.3.2 O dispositivo de hos(ti)pitalidade dos médicos cubanos	44
1.4 Procedimentos e critérios metodológicos	51
1.4.1 A mídia como suporte e materialidade.....	52
1.4.2 Regras de constituição do <i>corpus</i>	53
2. BREVE ARQUEOGENEALOGIA DA ESTRANGEIRIDADE	56
2.1 Os bárbaros, os metecos e a estrangeiridade	60
2.2 Os selvagens: estrangeiros na história do Brasil	63
2.3 Os estranhos são os outros.....	75
2.4 Os estranhos comunistas: medo e rejeição.....	81
3. AS DISPUTAS DE “VERDADE” SOBRE OS MÉDICOS CUBANOS	85
3.1 Programa Mais Médicos.....	86
3.2 Vontade de verdade e os cubanos	92
4. DISPOSITIVO DE HOS(TI)PITALIDADE ESTRANGEIRA NO BRASIL	98
4.1 A origem do cubano incomoda	99
4.2 “Escravos da ditadura”	110
4.3 “Não sabiam nada de medicina”.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	146

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
DSEIs	Distritos Sanitários Especiais Indígenas
GT	Grupo de Estudo
PMM	Programa Mais Médicos
PMMB	Projeto Mais Médicos Pelo Brasil
L1	Primeira Língua/Língua Materna
L2	Segunda Língua/Língua estrangeira
ONU	Organização das Nações Unidas
PIASS	Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento
PITS	Programa de Interiorização do Trabalho em Saúde
PISUS	Programa de Interiorização do SUS
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde

INTRODUÇÃO

A diferença é então tornada objeto de investigação, de produção de saber, de títulos, de reconhecimento - poder, enfim - e produz, ademais, os saberes insurgentes que emergem do campo da resistência, disputando a produção da verdade [...].

[Sueli Carneiro, *Dispositivo de racialidade*, 2023]

Em 2013, enquanto médicos estrangeiros, em sua maioria cubanos, deixavam o local do primeiro dia de um curso de formação sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), em Fortaleza (CE), foram surpreendidos com um protesto de médicos brasileiros com gritos, xingamentos e vaias direcionadas aos estrangeiros. Segundo o portal de notícias G1¹, foram utilizadas palavras como “escravos” e “incompetentes” para se dirigir aos médicos que participavam do curso. O filósofo Jacques Derrida (2001, 2003), em seus estudos sobre a hospitalidade ao imigrante, a um convidado, um hóspede ou a àquele que é um estranho para alguém, nos diz que o ato de receber um indivíduo (em sua casa, país ou espaço delimitado) pode passar por momentos hospitaleiros e hostis. Não necessariamente somente um ou outro, mas por vezes, uma mistura dos dois, uma “hostipitalidade”².

Os médicos hostilizados na saída desse evento, promovido pelo governo estadual junto ao Ministério da Saúde, faziam parte do Programa Mais Médicos (PMM), criado através da Lei nº 12.871/2013. O programa ampliou investimentos na formação médica no Brasil, aumentando o número de vagas em cursos de medicina e criando novos cursos em regiões com carência de profissionais de saúde. Além disso, incentivou médicos brasileiros e estrangeiros a atuarem em regiões do interior do país ou que são consideradas de difícil acesso e que, até então, apresentavam escassez de médicos.

O recorte sobre a temática dos médicos cubanos se deu no entrecruzamento entre discussões feitas no *Laboratório de Estudos de Discurso, História e Estrangeiridades (ImaGine/CNPq/UFS)* e em pesquisas preliminares sobre uma certa rejeição de uma parcela de políticos e cidadãos brasileiros aos cubanos. A partir de um maior aprofundamento no tema se decidiu buscar compreender as tensões que envolvem o acolhimento a esses estrangeiros.

¹Governo do Ceará promove ato contra hostilidades com médicos estrangeiros. Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/08/governo-do-ce-promove-ato-contr-hostilidades-medicos-estrangeiros.html>. Acesso: 20/05/2024.

² Jacques Derrida (2003) cunhou o termo *hostipitalidade* para tratar de uma hospitalidade ambígua e muito presente na sociedade. O ato de acolher que por vezes é hospitaleiro com determinados migrantes e hostil com outros, ou ainda, uma mistura dos dois. Quando nos referirmos diretamente ao conceito cunhado por Derrida usaremos a forma “hostipitalidade” e ao utilizarmos o conceito de Derrida enquanto um dispositivo, segundo os preceitos foucaultianos, usaremos a forma “hos(ti)pitalidade” para respeitar as características elaboradas pelo filósofo e diferenciá-lo de nossa abordagem.

Para esta pesquisa, o Programa Mais Médicos é um ponto de partida, um recorte, temático em certo sentido, mas principalmente temporal. É a partir de seu início, da lei que promulga a criação do programa em 22 de outubro de 2013 até o ano de 2023, que recortamos uma temporalidade em que circularam os discursos reunidos nesta pesquisa como *corpus*. É nesse recorte temporal que investigamos nosso objeto. Nesse espaço de tempo específico que nos propusemos a observar e analisar os discursos que circularam em jornais *on-line* sobre os médicos cubanos no Brasil. Logo, é em busca de compreender os efeitos de verdade, as subjetivações e tensões sobre os médicos cubanos no funcionamento discursivo do que denominamos como “dispositivo de hos(ti)pitalidade” que nos debruçamos nesta pesquisa.

Derrida (2001, 2003) investiga principalmente dois tipos de hospitalidade, a absoluta e a condicional. Enquanto a primeira é aquela que acolhe o migrante ou o hóspede, sem qualquer tipo de restrição ou imposição; a segunda, é caracterizada por critérios, é a partir de determinadas condições que se decide quem entra ou não em determinado espaço delimitado. Apesar da migração ser inerente à condição humana, questão aprofundada no segundo capítulo desta pesquisa, o direito de migrar é vetado a depender de circunstâncias ou regras regidas pela soberania de cada Estado ou nação. Tais condições, por vezes, excluem indivíduos ou propiciam hierarquias pautadas na alteridade entre os sujeitos (Fantini, 2014).

Segundo o pesquisador Gustavo de Lima Pereira (2019), a intolerância ao estrangeiro é um grande problema mundial. A problemática é profunda e pode suscitar contradições e polarizações com base na arbitrariedade de quem é o estrangeiro “ideal” e quem é o estrangeiro “incômodo” (Koifman, 2012). Nesse sentido, o acolhimento aos sujeitos não nacionais pode ser assimétrico e variável a depender das características do estrangeiro (Ribeiro, 2022). No caso dos médicos cubanos a “hostipitalidade” é um problema que condiciona diferentes posicionamentos sobre esses estrangeiros e que produz discursos hospitaleiros e hostis. O problema de pesquisa a ser investigado é: “Como os médicos cubanos, no Brasil, se tornaram objeto de discursos ambivalentes, contraditórios e em disputa?”

A hipótese elaborada é de que no funcionamento discursivo do dispositivo de hos(ti)pitalidade estrangeira se arrolam elementos discursivos e não discursivos, saberes e exercícios de poder que tensionam “verdades” sobre os médicos cubanos e que, por isso, surgem discursos ambivalentes, contraditórios e em disputa.

Após a criação do PMM, circularam discursos dissonantes na televisão, nos jornais e nas redes sociais. Se por um lado houve discursos sobre uma formação inadequada dos médicos cubanos e críticas às políticas econômico-sociais do seu país de origem; de outro, também circularam discursos de enfrentamento que asseguravam a qualidade da formação médica

cubana e a defesa de outros modelos socioeconômicos que não se encaixam no *modus* capitalista. São discursos em disputa. São tensões em meio ao que chamamos de acontecimento discursivo (Foucault, [1969] 2020), em meio à irrupção de certa singularidade, na emergência daquilo que é raro, mas que também do que é vil e possui regularidades. Por isso, nosso objeto de pesquisa são os discursos hostis ou hospitaleiros, arrolados no dispositivo de hos(ti)pitalidade, sobre os médicos cubanos no Brasil.

Para nosso aporte teórico-metodológico, usamos a análise do discurso francesa, a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF). Além dos trabalhos de Foucault (1996, 2002, 2008, 2020, 2023), também refletimos a partir dos trabalhos e investigações de pesquisadores como Gregolin (2004, 2015, 2021), Sargentini (1999, 2006, 2011), Navarro (2015, 2020, 2022), Ribeiro (2015, 2022), entre outros³. Utilizamos dos conceitos e reflexões teóricas desses autores para analisar o *corpus* da pesquisa e nos auxiliar nas reflexões que foram empreendidas. A partir das reflexões do filósofo francês ancoramos nossa teoria e metodologia em uma perspectiva discursiva e mobilizamos conceitos como discurso, enunciado, acontecimento, verdade, saber-poder, entre outros. Com o objetivo geral de investigar o funcionamento discursivo da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, em análise de elementos presentes em matérias de jornais *on-line*, a partir do conceito de dispositivo.

Para contemplar o objetivo geral elencamos três objetivos específicos, que são: I) reunir materialidades discursivas em jornais *on-line* que constituem discursos sobre os médicos cubanos no Brasil, sendo hostil ou hospitaleiro; II) identificar regularidades discursivas em disputa de verdade sobre os médicos cubanos; e III) analisar enunciados que discursivizem violências e resistências sobre os médicos cubanos.

Para o recorte e constituição do *corpus*/arquivo, em um segundo momento da pesquisa, foi elaborado um plano de sistematização de regularidades que envolveram a separação de enunciados e o agrupamento de regularidades. A partir de notícias sobre os médicos cubanos no Brasil foram escolhidos dois jornais *on-line* (*Gazeta do Povo* e *Carta Capital*). A escolha buscou evidenciar diferentes posições jornalísticas sobre os médicos cubanos. Os títulos de notícias, imagens, recortes de falas e opiniões jornalísticas, nossos enunciados, formam o *corpus* da pesquisa e nos serviram para análises preliminares durante os capítulos subsequentes e, de modo mais aprofundado, no quarto capítulo. Ademais, também foram mobilizados artigos,

³ A perspectiva discursiva dos estudos de Michel Foucault vem ganhando força e muitos adeptos nas últimas décadas, principalmente no Brasil. Não nos cabe nomear todos os pesquisadores que se ancoram nessa abordagem, mas refletiremos a partir dos trabalhos de alguns deles ao longo da dissertação.

livros, capítulos e textos de outros jornais como parte do que Foucault (2020) compreende como “domínio associado” ou a relação entre diferentes discursos.

O conceito de dispositivo é central no escopo teórico do nosso trabalho. Mobilizado principalmente a partir das reflexões de Foucault (1976, [1979]2023), mas também em torno de contribuições de pesquisadores como Deleuze (1996), Agamben (2005), Gregolin (2015), Navarro (2015), Carneiro (2023), entre outros. Aliamos tais reflexões teóricas às pesquisas de Derrida (2001, 2003), sobre a hospitalidade ao estrangeiro. Assim, tratamos de investigar o que denominamos como dispositivo de hos(ti)pitalidade estrangeira, nele estão aspectos do acolhimento ao migrante, leis, saberes sobre o estrangeiro, instituições, exercícios de poder, entre outros elementos discursivos e não discursivos, interligados pela disputa discursiva sobre a presença dos médicos cubanos no Brasil.

Segundo Foucault ([1979] 2023), o dispositivo é um conjunto diverso de elementos, discursivos e não discursivos, que agem sobre os sujeitos de modo a atravessá-los e constituí-los. Nas linhas que formulam esse dispositivo, que responde a uma determinada questão que surge na sociedade, estão relações de força e tensões. Observamos as disputas entre o que se considera hostil e o que é visto como hospitaleiro, a partir do que entendemos ser um acontecimento discursivo (Foucault, [1969] 2020), a criação do Programa Mais Médicos (PMM). Com o intuito de compreender o funcionamento discursivo da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil.

A partir de pesquisas preliminares⁴, foi possível perceber que a temática dos médicos cubanos é mais explorada em investigações que emergem no campo da saúde e pouco explorada a partir de recortes com abordagens linguísticas ou ainda, mais especificamente, da análise do discurso. Os poucos trabalhos encontrados em nível de dissertação e tese que se ancoram na análise do discurso ou em uma perspectiva foucaultiana não utilizam uma abordagem voltada às tensões discursivas que operaram no acontecimento discursivo da vinda dos médicos estrangeiros ao Brasil, e tão pouco, em termos de temática, abordam o acolhimento ao estrangeiro ou a hospitalidade do brasileiro. O que torna essa pesquisa ainda mais importante para os estudos discursivos e das humanidades, como uma contribuição para futuros projetos.

Ao enveredar pelos caminhos da pesquisa científica que suscitaram em um trabalho investigativo voltado à linguística, o pesquisador deve fazer escolhas teóricas, temáticas,

⁴ Foram feitas pesquisas preliminares que levam em conta as abordagens teóricas e temáticas desta pesquisa em plataformas como o Repositório de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Sergipe, Scielo, Periódicos Capes e no buscador do Google.

metodológicas e restritivas que ao mesmo tempo deem conta da análise do *corpus*, dentro de certo número de possibilidades, e também permitam um aprofundamento das questões elaboradas ou das que surgem antes e ao longo do projeto. Não é necessário que todas as perguntas sejam respondidas, nem que se chegue a uma verdade universal e final sobre dada questão, pois, o trabalho de reflexão também faz parte da investigação. Por isso, marcamos esse trabalho enquanto uma pesquisa exploratória e de caráter qualitativo (Gil, 2009), sob o escopo teórico da análise do discurso (AD) francesa, situado sob a perspectiva foucaultiana. Assim como Foucault, entendemos que o próprio *corpus* permite que sejam adotados certos elementos de análise e outros não, que as materialidades acabam por condicionar o que será melhor para dada investigação.

Com o campo teórico e metodológico da análise do discurso francesa e a temática do acolhimento, hostil ou hospitaleiro, ao estrangeiro, pudemos nos deter sobre um projeto de pesquisa interdisciplinar, assim como é a teoria da AD. Além de aprender sobre teorias da linguagem, também investigamos perspectivas do acolhimento ao estrangeiro, sobre quem é visto ou lido socialmente como estrangeiro, sobre as práticas de violência contra esses sujeitos, como a xenofobia, mas também sobre as lutas de resistência que se incluem nesta temática. Foi possível nos aproximar de estudos sobre a alteridade, sobre a colonização, sobre questões de raça, gênero e classe e observar na língua(gem) como todas essas questões se entrecruzam.

A justificativa desse estudo diz respeito a três razões: a primeira está ligada ao exercício do trabalho investigativo e científico, na busca de contribuir para a sociedade com novas perspectivas acerca da temática, com reflexões e exercícios de mudança arraigados ao tema da hospitalidade, do acolhimento, da estrangeiridade e da intolerância a estrangeiros no Brasil. A segunda, está na importância do tema e dos poucos trabalhos relacionados a temática da hospitalidade a estrangeiros, de um ponto de vista linguístico, e que abarquem a questão dos médicos cubanos na área dos estudos do discurso. A terceira se constitui na possibilidade de contribuição material para outros estudos, podendo auxiliar na construção de futuros trabalhos e pesquisas no âmbito dos estudos linguísticos e do discurso.

A pesquisa empreendeu uma investigação que perpassou por quatro etapas. A primeira está relacionada ao I) aporte teórico-metodológico, ancorado na abordagem arqueogenealógica de Foucault (1996, 2020, 2023), e visto a partir das lentes da análise do discurso francesa; a segunda compete a II) acepção do termo “estrangeiro” e a construção de um arquivo sobre a “estrangeiridade” durante a história, com o objetivo de compreender como o conceito se desloca socialmente e sobre quem e/ou como podem ocorrer violências a partir da categorização de um

sujeito como estrangeiro; a terceira está relacionada III) às tensões discursivas, que atravessam o dispositivo de hos(ti)pitalidade; e a quarta IV) tem como objetivo analisar o *corpus* da pesquisa. Para as quatro etapas, são mobilizados os conceitos e o aporte teórico da análise do discurso de linha francesa, particularmente dos estudos foucaultianos.

No primeiro capítulo, denominado *Reflexões a partir de uma perspectiva discursiva foucaultiana*, discutimos questões teóricas voltadas à análise do discurso francesa e aprofundamos a perspectiva dos estudos foucaultianos, para, assim, contemplar a primeira etapa da pesquisa. Tratamos, brevemente, de algumas reflexões sobre a AD, traçamos diferenças entre os eixos arqueológico e genealógico do filósofo francês (Foucault, [1969] 2020, [1976] 2023) e discorremos sobre alguns dos conceitos que são utilizados ao longo do trabalho. Posteriormente, nos aprofundamos no conceito de *dispositivo* (Foucault, 2023) e no conceito de *hospitalidade* (Derrida, 2003).

O capítulo dois, denominado *Breve arqueogenealogia da estrangeiridade*, é dedicado a reflexões que se aliam à história e a questões sociais que atravessam perspectivas sobre o acolhimento ao estrangeiro no Brasil. Com isso, constituímos um arquivo sobre alguns dos usos dos termos “estrangeiro”, “selvagem”, “estranho” e “comunista” durante a história e, assim, aprofundamos alguns saberes sobre a estrangeiridade. Utilizamos reflexões como as de Fantini (2014), sobre alteridade; Pereira (2019), sobre migração e direitos humanos; Charleaux (2022), sobre o estrangeiro; Ribeiro (2022), sobre intolerância linguística e xenofobia, entre outros.

A partir do terceiro capítulo, *As disputas de “verdade” sobre os médicos cubanos*, nos aprofundamos sobre as tensões entre discursos com perspectivas distintas sobre o Programa Mais Médicos e os médicos cubanos. Discutimos sobre discursos que permeiam o imaginário social do brasileiro enquanto sujeitos *hospitais*. Além disso, nos aprofundamos em noções como acontecimento e verdade a partir da perspectiva de Foucault ([1969]2020, [1979] 2023) e de pesquisadores como Gregolin (2003), Ribeiro (2015), Da Rosa (2015), entre outros.

O quarto capítulo, *Dispositivo de hos(ti)pitalidade estrangeira no Brasil*, é dedicado às análises do *corpus*. Dividido em três seções, nos dedicamos a usar as lentes foucaultianas em uma perspectiva discursiva para analisar os discursos de hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos que circulavam no interior desse dispositivo.

Após isso, retomamos alguns aspectos da pesquisa, refletimos sobre os resultados encontrados e traçamos nossas considerações finais.

A seguir, estão reflexões teórico-metodológicas sobre a análise do discurso francesa e a perspectiva discursiva dos estudos de Michel Foucault.

1. REFLEXÕES A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA FOUCAULTIANA

[...] um mesmo campo de objetos, um domínio de objetos que procuro isolar, utilizando instrumentos encontrados ou forjados por mim, no exato momento em que faço minha pesquisa, mas sem privilegiar de modo algum o problema do método. [...] Não tenho uma teoria geral e tampouco tenho um instrumento certo. Eu tateio, fabrico, como posso, instrumentos que são destinados a fazer aparecer objetos. Os objetos são um pouquinho determinados pelos instrumentos bons ou maus fabricados por mim (Foucault, 2006b, p. 229).

A análise do discurso (AD), enquanto campo teórico-metodológico, possui uma história iniciada na França, por volta do final de 1960, com estudos voltados principalmente à análise do discurso político. É nessa época que surgem as primeiras teorias voltadas à construção de uma disciplina específica que contém o discurso como seu objeto de estudo. Ao longo do tempo e de processos de construção e desconstrução (Maldidier, 2017), a teoria ganha corpo e muitos adeptos, se constituindo em um campo de investigação com métodos, conceitos e instrumentos de análise.

Filósofos como Michel Pêcheux e Michel Foucault, linguistas como Denise Maldidier, Jean Dubois, Françoise Gadet, Paul Henry, Francine Mazière, Jacqueline León, cada um a seu modo, tornaram-se grandes expoentes da análise do discurso e contribuíram a partir de suas pesquisas e perspectivas para os estudos discursivos. Suas reflexões serviram de inspiração e método para que outros investigadores pudessem se dedicar às análises de diferentes temáticas e objetos.

Escolheu-se neste capítulo explicitar parte das contribuições de Michel Foucault para AD e delinear reflexões sobre alguns conceitos e métodos usados pelo filósofo. Na primeira seção descreve-se brevemente os eixos arqueológico e genealógico, assim como a adoção da união desses eixos como método de pesquisa. Já na segunda seção, se desenvolveu um arcabouço de reflexões e definições de conceitos foucaultianos, que são usados ao longo do trabalho de investigação. A terceira seção é dedicada a compreender o conceito de dispositivo (Foucault, [1979] 2023), além da formulação de uma perspectiva de uso ao aliar a concepção do filósofo francês, Michel Foucault, às reflexões de Jacques Derrida sobre a hospitalidade (2001, 2003). A quarta seção define os critérios metodológicos desta pesquisa e destrincha o processo de formulação do *corpus*. Ao fazer isso, também marca-se as escolhas teórico-metodológicas da pesquisa voltadas à arqueogenealogia e à perspectiva discursiva dos trabalhos de Michel Foucault.

1.1 Arqueogenealogia em Foucault

Existem particularidades que diferenciam teoricamente e temporalmente a arqueologia e a genealogia foucaultiana. Podemos dividi-las em eixos, sendo o primeiro voltado à metodologia arqueológica com trabalhos publicados durante a década de 60 em obras como *História da loucura* (1961), *O nascimento da clínica* (1963), *As palavras e as coisas* (1966) e culminando em *A arqueologia do saber* (1969); enquanto na década de 70 temos *Vigiar e punir* (1975), *A história da sexualidade* (1976), *Microfísica do poder* (1979) e outras obras que fazem parte do eixo genealógico de sua teoria.

Iniciamos pelo que se entende por arqueologia em Foucault. No prefácio de *As palavras e as coisas* ([1966] 1999), o autor trata de descrever algumas características do método arqueológico e nega que as análises a que se pretendeu se tratem de uma história das ideias ou das ciências. O filósofo descarta a perspectiva de seguir os métodos de uma historiografia clássica e reitera que seu esforço está na investigação de compreender as bases do que fez dado conhecimento emergir. Sem julgamentos de valor sobre as racionalidades do que se analisa, já que o intuito não é verificar uma progressão de conhecimentos à perfeição, mas as condições de possibilidade. Foucault assim descreve:

Tal análise, como se vê, não compete à história das idéias ou das ciências: é antes um estudo que se esforça por encontrar a partir de que foram possíveis conhecimentos e teorias; segundo qual espaço de ordem se constituiu o saber; na base de qual a priori histórico e no elemento de qual positividade puderam aparecer idéias, constituir-se ciências, refletir-se experiências em filosofias, formar-se racionalidades, para talvez se desarticulem e logo desvanecerem. Não se tratará, portanto, de conhecimentos descritos no seu progresso em direção a uma objetividade na qual nossa ciência de hoje pudesse enfim se reconhecer; o que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a *epistémê* onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma “arqueologia” (Foucault, [1996] 1999, p.17-18).

Inferimos, então, que Foucault investigou as regras que constituem o saber, os elementos que tornam possíveis a emergência de determinados discursos no lugar de outros. Nessa rede de instrumentos utilizados pelo filósofo francês é possível compreender a

arqueologia como método de investigação sobre a formação dos discursos. Sua descrição sobre a arqueologia parece nos colocar nos bastidores, no lugar de produção ou configuração dos discursos. Distante de querer tratar sobre uma verdade empírica ou sobre uma progressão do conhecimento rumo à perfeição. Foucault descreve as condições que possibilitaram a existência de dado conhecimento, que pode ganhar corpo e densidade ao longo do tempo, como também pode desaparecer ou ser reavaliado. Por isso, o que interessa para ele é sua condição de possibilidade.

Aliás, é aqui que se encontra outra reflexão importante em meio a essa teia de conceitos, o discurso, segundo Foucault ([1969] 2020), está longe de ser uma representação de objetos, mas sim aquilo que os constitui. Discurso produz, é prática social. A arqueologia foucaultiana examina as regras de formação dos discursos. Em *A arqueologia do saber* ([1969] 2020), o autor trata da arqueologia não como aquela que busca ver algo que está “atrás” dos discursos, como se houvesse um discurso transparente, mas seu intuito é atravessar a opacidade de sua própria constituição. Como explica o filósofo da seguinte maneira:

A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos; mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras. Ela não trata o discurso como documento, como signo de alguma coisa, como elemento que deveria ser transparente, mas cuja opacidade importuna é preciso atravessar frequentemente para reencontrar, enfim, aí onde se mantém à parte, a profundidade do essencial; ela se dirige ao discurso em seu volume próprio, na qualidade de monumento. Não se trata de uma disciplina interpretativa: não busca um “outro” discurso mais oculto. Recusa-se a ser “alegórica”. (Foucault, [1969] 2020, p. 159)

O trecho descrito por Michel Foucault nos avisa que não estamos diante de uma disciplina interpretativa, mas sim que o método arqueológico descreve o discurso em seu “volume próprio”. O discurso está sempre em confronto ou aliança com outros discursos. Na perspectiva foucaultiana a vontade de verdade é questionada, descrita para que no interior do discurso se veja o acontecimento, as regularidades e as discontinuidades.

Para que se compreenda um pouco mais sobre o conceito de arqueologia foucaultiana voltemos-nos à noção de arquivo. Para o filósofo, não se trata de agrupar textos ou documentos que darão uma resposta a determinada pesquisa ou que determinem uma identidade sobre algo, não é essa a noção de arquivo que lhe interessa. O que o autor trata enquanto arquivo é o sistema

que coordena a emergência de determinados acontecimentos, são as regras do que pode ser dito ou não dito (Foucault, [1969] 2020).

A pesquisadora Amanda Braga, que publicou sua tese de doutoramento em 2013, cujo título é *Retratos em branco e preto: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil*⁵, utilizou a arqueologia de Foucault como metodologia de análise discursiva em sua pesquisa. O trabalho fez “uma leitura do arquivo sobre a beleza negra na história do Brasil, conforme propõe Foucault em sua arqueologia” (Braga, 2013, p.11). O escopo de sua pesquisa incluiu reflexões sobre a maneira como o corpo negro foi discursivizado em diferentes temporalidades, sobre a manifestação estética de modelos de beleza africanos e europeus, assim como, o papel e a conservação da memória nesses discursos. Braga utilizou da metodologia arqueológica e da noção de arquivo para analisar práticas discursivas sobre a beleza negra em determinados períodos de tempo. Sobre a noção de arquivo Foucault assim define:

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas [...]” (Foucault, [1969] 2020, p. 158)

O sistema que coordena o aparecimento de enunciados não é linear, não é homogêneo e sem rupturas, o arquivo é em si uma relação de múltiplos enunciados, com suas singularidades. Segundo Sargentini (2006, p. 41), o arquivo é “um modo de acompanhar as práticas discursivas de uma sociedade”. Por isso, é importante salientar que o arquivo foucaultiano é sempre inacabado, não é fechado em si mesmo, não abarca tudo sobre determinado assunto, ele acompanha práticas discursivas.

Perpassado tais apontamentos sobre o método arqueológico em Foucault passemos a refletir sobre o genealógico. A partir da década de 70, o filósofo aprofunda sua metodologia para empreender investigações, a chamada genealogia, trouxe uma nova perspectiva para análise de seus objetos e com ela conceitos como biopoder, biopolítica, poder disciplinar e

⁵ A tese de doutorado da professora Amanda Braga, defendida em 2013, culminou na publicação de um livro, em 2021, cujo título é: *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*.

dispositivo. Michel Foucault utilizou esse método de pesquisa em livros como *Vigiar e punir* (1975) e *História da sexualidade* (1976), mas também em aulas que ministrou no Collège de France, entre 1970 e 1984, (exceto em 1977). As aulas posteriormente foram transformadas em livros como *Em defesa da sociedade* (1975), *Segurança, território e população* (1977), *Nascimento da biopolítica* (1978), entre outros.

Para empreender o método genealógico, Foucault se utilizou e “bebeu” das reflexões de Nietzsche, que já pensava sobre uma genealogia da moral. O método de ambos os pesquisadores, salvaguardados seus diferentes interesses, produções, temáticas abordadas e particularidades em seu uso, está relacionado a batalhas, guerras e tensões entre os sujeitos e os discursos. O uso desses termos exemplifica bem a questão de disputa, das tensões entre as práticas discursivas e as verdades, que se articulam e que são também estratégicas. Enquanto na arqueologia Foucault investigou os conjuntos de regras de possibilidade sobre os discursos, em observação do controle e organização dos discursos; na genealogia o filósofo investiga o poder, ou o exercício de poder. Nessa perspectiva, são as tensões, as disputas, as estratégias de poder que controlam e constituem os sujeitos e as práticas sociais. Sobre isso Foucault diz:

Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha (Foucault, [1979] 2023, p.41).

As práticas sociais, então, segundo Foucault, estão imbricadas em relações de força e disputas. Em suas análises anteriores o saber emergia a partir de regras de possibilidade, mas a partir da genealogia, o autor investiga uma relação intrínseca entre o saber-poder. É a partir de exercícios de poder que o saber é legitimado ou invalidado, que ele ganha corpo e força, que constitui métodos de controle sobre os corpos. Essa leitura sobre as táticas de poder em relação com o saber sobre os corpos pode ser exemplificada ao olharmos para o campo da medicina historicamente. Pois, é ao longo do tempo e de relações de força, de construção e verificação de métodos que a medicina ganha corpo, voz de autoridade, que atesta verdades (Foucault, [1979]2023). É o médico que dispõe da verdade sobre a saúde de um indivíduo, que pode atestar a incapacidade mental de um sujeito, que autoriza através de exames se alguém pode dirigir um carro ou não, entre outros exemplos.

É preciso enfatizar que as reflexões de Foucault sobre a relação entre os exercícios de saber-poder e as verdades em disputa junto ao exemplo da medicina não significam que o filósofo francês questiona e relativiza campos científicos ou o saber médico. Essa seria uma leitura do poder como unicamente negativo, o que não é a proposta do autor. Os exercícios de poder estão em toda a sociedade, em suas práticas, de modos positivos e negativos.

Outro exemplo de pesquisa com perspectiva foucaultiana é o livro *A voz do povo: uma longa história de discriminações* (2020), do professor Carlos Piovezani. A obra utiliza da genealogia de Foucault como método para empreender análises, em média e longa temporalidades, sobre a legitimidade dada à fala de membros da elite política, religiosa e intelectual em contraponto à deslegitimidade dada à voz do “povo”. Enquanto a primeira foi/é considerada elegante, correta e sábia, a segunda é considerada incorreta, grosseira, levada por emoções.

No capítulo *Breve genealogia da voz e da escuta populares*, o autor se volta aos instrumentos foucaultianos para traçar uma “genealogia de dizeres antigos e recentes a propósito dos vícios e incapacidades atribuídos aos desempenhos oratórios e interpretativos dos sujeitos das classes populares” (Piovezani, 2020, p.73). Os exercícios de saber-poder estão nos variados exemplos tratados no texto do autor, que vão desde o vínculo de discursos sobre o pobre como sujo e grosseiro até os discursos sobre a limpeza e a elegância das elites.

A aliança entre os dois eixos foucaultianos (arqueologia e genealogia), como uma teoria e um método, é denominada de arqueogenealogia. Os estudos de Michel Foucault, constituídos entre os anos 60 e 80 e que reverberam até hoje, demonstraram críticas ao pensamento de sua época, seja da visão da história como linear, contínua e evolutiva; como também da racionalidade como preceito humano ou, ainda, das formas do saber metafísico como uma resposta sistemática sobre a sociedade. A arqueogenealogia Foucaultiana observa as regras que possibilitam a emergência de determinados discursos e as práticas e exercícios de poder que os orientam. Para Ferreira, Paixão e Oliveira (2022):

A arqueogenealogia é uma epistemologia, uma estratégia teórica, metodológica e técnica de pesquisa que combina tanto uma análise arqueológica, que preserva um certo afastamento do discurso, quanto uma análise genealógica, que parte do interior das práticas discursivas e culturais, capaz de mostrar, ainda que interpretativamente, através da compreensão do significado e do sentido mais profundo da tradição das práticas, como em nossa cultura os seres humanos tornam-se tanto sujeito quanto objeto, tanto

estrutura quanto hermenêutica, tanto objetivação quanto subjetivação (Ferreira, Paixão, Oliveira, 2022, p. 87).

Ao estudar o sujeito a partir da arqueologia e da genealogia, Michel Foucault, se volta para a morte do homem, enquanto um indivíduo livre e autodeterminado. O filósofo ancora suas investigações no nascimento do sujeito, atravessado pelos exercícios de poder, pelas práticas discursivas, pelo saber, pela subjetividade e pela posição sujeito que o constitui. É na arqueogenealogia que se imbricam os discursos e os acontecimentos históricos com as práticas e os exercícios de poder que os constituem. A linguista e professora Maria do Rosário Gregolin corrobora com essa descrição ao dizer que “fazer análise arqueogenealógica significa que nosso olhar investigativo se debruça sobre os discursos a fim de enxergar a trama das relações entre saberes, poderes e processos de subjetivação pela lente crítica da história” (Navarro, Sargentini, 2022, p. 38)⁶.

O método arqueogenealógico é, em suma, o enlace entre os dois eixos de pesquisa foucaultianos (arqueológico e genealógico). Logo, ao utilizar conceitos e reflexões de diferentes obras do filósofo e se ancorar em sua perspectiva como um aporte para pesquisa e investigação dos discursos nos colocamos diante de análises não só sobre as regras que possibilitam a emergência de determinado discurso, mas também sobre os exercícios de poder que os atravessam.

No artigo *As comissões de verdade e a ‘política dos restos’: entre a produção de memórias e a formação do autoritarismo contemporâneo* (2022), escrito pelo linguista Israel de Sá, e tomado aqui como exemplo de pesquisa voltada ao método arqueogenealógico, utilizou-se alguns dos conceitos de Foucault em uma perspectiva discursiva de análise. É a partir da arqueogenealogia foucaultiana que o autor desenvolveu uma investigação que levou em conta as regras de possibilidade que fizeram emergir discursos de ataque aos indígenas no Brasil, o papel da memória e exercícios e práticas de poder que condicionam a subjetivação e objetivação desses sujeitos.

Entendemos que trabalhos como os de pesquisadores como Maria do Rosário Gregolin (2003, 2015), Kátia Menezes de Souza (2015, 2019), Vanice Sargentini (1999, 2006), Nilton Milanez (2007, 2022), Pedro Navarro (2015, 2020), e tantos outros utilizam das reflexões de Michel Foucault para auxiliar teórica e metodologicamente suas pesquisas. É a partir do aporte

⁶ Entrevista concedida aos professores Pedro Navarro e Vanice Sargentini em 2022 e publicada na revista Anpoll.

metodológico da arqueologia, da genealogia, e da arqueogenealogia, dos conceitos foucaultianos, que vários pesquisadores tecem suas análises e reflexões diante de seus objetos. É um movimento crescente que inclui grupos de pesquisas, encontros em congressos, livros e artigos publicados.

Na próxima seção nos aprofundamos em alguns dos conceitos cunhados e estudados por Michel Foucault junto a alguns de seus comentadores. O objetivo foi constituir um arcabouço teórico-metodológico que auxilie na análise do *corpus*.

1.2 Arcabouço teórico-metodológico: alguns conceitos e reflexões

Nesta seção elaboram-se algumas considerações sobre conceitos formulados e/ou usados na teoria foucaultiana junto a reflexões que descrevem algumas das distinções entre a fase arqueológica e genealógica de seus estudos. O intuito é construir um arcabouço de conceitos que são aportados ao longo da pesquisa, além de explicitar características do método arqueogenealógico seguido neste trabalho.

Segundo o linguista Navarro (2020), as reflexões foucaultianas foram introduzidas no campo da linguística teórica no final dos anos 1990 e se fortaleceram a partir da pesquisa de diferentes grupos de estudos, de discussões em congressos e da publicação de diferentes trabalhos em revistas científicas e livros. Em 2018, criou-se o GT Estudos Discursivos Foucaultianos, filiado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Esse projeto tem contribuído como política acadêmico-científica na ampliação e na divulgação dos trabalhos científicos voltados à perspectiva discursiva foucaultiana.

O amplo trabalho de Michel Foucault envolve várias temáticas importantes para os estudos da linguagem, da filosofia, da história e das humanidades em geral. Alguns já confundiram seu trabalho com o de um historiador, confusão desfeita pelo autor, que diz: “Meu projeto não é de fazer um trabalho de historiador, mas descobrir por que e como se estabelecem relações entre os acontecimentos discursivos. Se faço isso, é com o objetivo de saber o que somos hoje” (Foucault, 2006c, p. 258). Outros resumiam suas pesquisas como tendo o objetivo central da “análise das formas de poder”, o que também é contestado pelo próprio filósofo que compreende o objetivo de sua investigação centrada nos modos pelos quais os seres humanos se tornam sujeitos (Foucault, 1995). Então, seu trabalho não se restringe à atividade do

historiador nem à mera análise do poder, a exemplo do politólogo; é, no entanto, o de um filósofo da subjetividade: pensar nas relações e nas transformações do indivíduo em sujeito no decurso dos processos históricos.

Em *A arqueologia do saber* ([1969] 2020), Foucault faz uma crítica ao que se entende enquanto *história tradicional*, mais especificamente a uma visão da história como sendo algo linear, constituída de uma lógica evolutiva e previsível. Para o autor, a tentativa de elaborar uma linha evolutiva e de explicar os acontecimentos históricos de maneira global é uma abordagem que exclui fatores que não fazem parte dessa lógica contínua, tendo-os como um subproduto, sem importância, uma perspectiva que deixa à margem certos acontecimentos enquanto centraliza outros como irruptivos e interligados (Gonçalves, 2007).

Em contraponto a isso, Michel Foucault desenvolve seu trabalho arqueológico voltado a uma perspectiva de continuidades e discontinuidades ao deixar de observar os elementos não contínuos como um problema e os trazendo para suas análises. Logo, ao explicar as diferentes relações que existem entre enunciados, sujeitos, objetos e afins o filósofo traz o elemento da discontinuidade como um fator de importância na observação histórica e não como um obstáculo ou algo a ser descartado. O autor também aponta para a constituição dos sujeitos e seus interesses, que resultam em determinadas escolhas, priorizando certos temas em detrimento de outros. Posição essa que não tem a ver com escolhas pessoais do historiador, mas da formação que o constitui enquanto sujeito.

Avesso à busca pelas origens, o filósofo francês não busca chegar a verdades universais com suas pesquisas; o que lhe interessa é compreender as regras que permitem a formação de discursos em séries de acontecimentos, investigar as regularidades e as discontinuidades que envolvem os discursos. Para o autor, “não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem: é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (Foucault, [1969] 2020, p. 31).

A seguir estão dispostas reflexões sobre alguns dos conceitos utilizados por Michel Foucault ao longo de suas pesquisas. Dentre eles estão as noções de discurso, enunciado, verdade, acontecimento, sujeito, biopolítica e biopoder.

1.2.1 Discurso, verdade e enunciado

O desafio empreendido pelo filósofo francês Michel Foucault o torna um colecionador de ferramentas que o auxiliaram na constituição de seu objetivo. Sua metodologia e teoria também são um reflexo dos problemas de sua época e da sociedade em que vivia, assim como de sua formação, incluindo a leitura de obras escritas por Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche e tantos outros pensadores que o fizeram refletir sobre o sujeito e sua constituição. Para o autor, os sujeitos são produzidos por discursos de verdade e a verdade é constituída pelos sujeitos. Estão aí dois conceitos condutores das investigações foucaultianas, o discurso e a verdade. Sobre tais conceitos, a pesquisadora Daniella Georges Coulouris explica o seguinte:

Os discursos são formados no interior de saberes que se caracterizam pelo domínio de determinados objetos e pela produção de enunciados que se pretendem mais valiosos que outros. Não há saber sem poder, assim como não há saber sem conflito, sem embate de várias posições distintas. A ciência institucionaliza a produção da verdade por deter o poder de produzir e distribuir os enunciados verdadeiros. E também de excluir, marginalizar o que estiver fora desse mundo da razão e da ordem. Ou seja, a produção de uma verdade é sempre conflituosa (Coulouris, 2004, p. 115).

A formação dos discursos, então, está ligada ao saber e ao poder, é constituída pelo sujeito e suas verdades. Para uma compreensão mais ampla sobre o discurso, voltemos ao que o discurso não é: o discurso não é uma reunião de frases ou palavras, não é um ato de fala ou escrita, não se reduz exclusivamente ao linguístico. Para Foucault ([1969]2020, p. 56), o discurso é uma “*prática social*”, que envolve elementos diversos, é “a descrição mais precisa, mais cerrada de uma formação histórica na sua nudez” (Veyne, 2009, p. 9). O discurso se caracteriza pela raridade ao mesmo passo que se encontram regularidades. Os analistas do discurso utilizam de materialidades linguísticas e imagéticas, de enunciados semiologicamente formulados, utilizam da língua para descrever o que é exterior à língua, para tratar de sentidos possíveis em determinados enunciados, para refletir sobre o que emerge em meio a acontecimentos e como ocorrem determinadas formações discursivas. A tarefa do analista do discurso não é revelar o que está oculto, nem ver as “entrelinhas”, seu trabalho é descrever, refletir e analisar as práticas discursivas.

Se os discursos são práticas sociais, se estão ligados à constituição do sujeito em um determinado período e lugar, pode-se dizer que o discurso é como uma série de acontecimentos interligados em meio a linhas de continuidade e descontinuidade, que emergem de maneira rara

e regular ao mesmo tempo. Para o analista do discurso, na perspectiva foucaultiana, o trabalho que fica é a análise e a investigação do que possibilita a emergência de dados discursivos no lugar de outros, é entender as regras que os constituem. Para tal, se utiliza do discurso em diversas materialidades, principalmente a linguística, e na busca “para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade” (Orlandi, 2015, p.14). Na obra *Foucault: conceitos essenciais*, escrita por Judith Revel, se descreve o discurso da seguinte maneira:

O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas (por exemplo, a grande separação entre razão/ desrazão): a "ordem do discurso" própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas (Revel, 2005, p. 37).

Em reflexões adicionais à descrição de Revel (2005) sobre o discurso, em uma perspectiva foucaultiana, nos voltamos à *A ordem do discurso*, originalmente ministrada no curso oferecido por Foucault no Collège de France e que, posteriormente, foi publicada como livro (1996). Nela o filósofo reflete sobre o discurso e os métodos de sua organização na sociedade. Segundo Foucault (1996), nem tudo pode ser dito por todo mundo ou em qualquer momento, pois há organização e controle sobre os discursos. A obra além de tratar dos modos como a sociedade organiza os discursos, também explica como eles se manifestam e são normalizados socialmente, partindo da suposição de que “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e distribuída [...]” (Foucault, 1996, p. 8). As reflexões formuladas perpassam pelos seguintes questionamentos: Onde está o perigo do discurso? Quais são as articulações para que o discurso seja efetivo na sociedade?

A hipótese de Foucault sobre o controle dos discursos pode ser vista no *modus operandi* dos sujeitos em suas interações sociais, na constituição dos sujeitos, no discurso enquanto prática: desde o uso de formas distintas de se falar em determinados espaços, aos assuntos determinados, o que não pode ser falado e até o silêncio e a escuta são formas sociais de controle sobre os discursos. Esse cerceamento nos leva à pergunta: “mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem

indefinidamente?” (Foucault, 1996, p. 8). Para tratar dessa questão, o teórico parte do princípio de que nas sociedades há procedimentos para o funcionamento do discurso e tenta descrever como eles são organizados. Segundo o autor, o controle pode ser visualizado tanto na exclusão de determinados discursos, quanto no privilégio dado a outros.

Em termos de exclusão, trata-se primeiro da interdição dos discursos. O filósofo disserta sobre a criação de tabus, sobre o que se pode e o que não se pode falar, seja por outorgas ligadas a uma moralidade, à educação, às leis, à religião, ou a outros fatores e instâncias. O autor aponta o domínio da sexualidade como exemplo, articulando o campo do desejo, o campo da política e o campo do poder em que se decide o que se dizer, que será tomado como verdade e respeitado ou o que não pode ser dito sobre a sexualidade, o que é um tabu e deve ser escondido e invisibilizado. Ele cita o campo da religião como método desse cerceamento sobre a sexualidade.

O segundo procedimento de exclusão apresentado pelo teórico é o da separação/rejeição, que define quem tem uma autoridade privilegiada na hora de falar. Logo, ao determinar quem terá o discurso rejeitado ou privilegiado se exprime uma relação entre o discurso e o poder. Assim diz Foucault: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 1996, p. 9). A separação entre os sujeitos que podem falar e que serão ouvidos em contraponto aos discursos rejeitados, desconsiderados, sem importância são comuns na organização dos discursos.

Foucault explicita que os discursos privilegiados são aqueles que são lógicos e ouvidos (campo do sentido) e por outro lado cita que temos o discurso ilógico (campo da falta de sentido). A partir do direito privilegiado surgem autoridades nos campos sociais: direito, psicologia, religião, entre outros. Dentro desses campos, existem pessoas privilegiadas para falar e que não podem ser questionadas. Por exemplo: não se pode interromper um padre durante uma missa, pois não se tem o direito da fala, não podemos intervir. Um outro exemplo apontado pelo filósofo é sobre o discurso ilógico que está no campo da loucura: o louco não é ouvido porque é colocado no campo da falta de sentido, por isso, não tem o direito privilegiado de dizer, de produzir discurso, de ser ouvido.

No terceiro procedimento de exclusão que cerceia o discurso, Foucault pontua a oposição entre verdadeiro e falso. Esse tipo de organização externa do discurso advém do que o estudioso chama de vontade de verdade. Assim, a partir dessas separações os discursos

passam a ser validados ou não para funcionar na sociedade. Além de ditar os discursos que devem ser aceitos dentro de uma ordem ou os que não são aceitos, organiza-se também os sujeitos aceitos e não aceitos socialmente, organizam-se os corpos. Nesse sentido, para ser considerado útil, o discurso tem que ser verificado e testado ou validado por um discurso de autoridade.

Segundo Gregolin, em uma entrevista publicada pela revista ANPOLL e concedida aos linguistas Pedro Navarro e Vanice Sargentini (2022), a investigação foucaultiana sobre a produção e circulação da verdade nos coloca diante dos efeitos de poder que ela produz. Problematizar a verdade, então, segundo a linguista, faz parte de um diagnóstico sobre “quem somos nós hoje?” e nos permite fazer uma reflexão crítica que pode levar à indocilidade. A professora ainda descreve quatro questões que podem ser provocadas sobre a verdade no que aponta ser uma *política geral de verdade*, a saber:

Quadro 1: Política geral de verdade

QUESTÕES SOBRE A VERDADE	
1	Quais tipos de discurso são aceitos e funcionam como verdadeiros?
2	Quais são os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros e os falsos e a maneira como se sancionam uns e outros?
3	Quais técnicas e procedimentos são valorizados para a obtenção da verdade?
4	Qual é o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro?

Fonte: Navarro, Sargentini, 2022, p. 31 - quadro produzido pelo autor

O intuito das investigações que se ancoram em uma perspectiva foucaultiana não é o de investigar se um discurso é verdadeiro ou falso. Não se trata de chegar a uma verdade empírica, mas sim de compreender as regras que possibilitam a emergência de um discurso enquanto verdadeiro e os efeitos que ele produz. Ainda sobre a verdade, Candiotta (2007) descreve a verdade investigada por Friedrich Nietzsche e por Michel Foucault como verdade-acontecimento, que se distancia de uma análise depositada em uma suposta história originária. Para os filósofos, interessa a interrupção, as discontinuidades, a emergência da verdade (não

como aquilo que já está feito ou que já aconteceu, mas as regras que possibilitam a emergência de um discurso e os exercícios de poder que atuam em sua constituição). O autor reitera que não se trata de investigar o binário verdadeiro e falso, mas sim de observar as regras de possibilidade que condicionam algo como verdadeiro, que possibilitam efeitos de verdade.

Passemos à compreensão do conceito de enunciado. Em *A arqueologia do saber*, livro publicado em 1969 por Michel Foucault, se empreende uma tentativa de descrição dos métodos e conceitos usados pelo filósofo em suas pesquisas anteriores. A obra trata de noções que compõem seu método arqueológico, das regras de formação dos discursos, e também descreve o que o autor entende por enunciado, elemento constitutivo do discurso ou sua unidade molecular como bem o define. Segundo Foucault ([1969] 2020, p. 142), “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”.

Ao descrever o enunciado, o filósofo trata de diferenciá-lo do que está no mesmo nível das unidades dos gramáticos (frase ou proposição) e se depara com questões sobre o limite do enunciado, sua consistência e seus traços distintivos. O teórico explica que o enunciado não é uma proposição, não é uma frase, e não é o que alguns “analistas” denominam como *speech act*⁷ (ato de fala). Para demonstrar isso, ele exemplifica diferenças: primeiro sobre proposição ao destacar que dois enunciados diferentes, como “ninguém ouviu” e “é verdade que ninguém ouviu” não se distinguem do ponto de vista lógico, mas que enquanto enunciados podemos ver o primeiro como uma constatação e o segundo correlacionado a uma conversa prévia; segundo sobre a frase, que não pode ser confundida com enunciado, pois, nem todo enunciado é uma frase; e terceiro, não é um ato de fala já que em um ato de fala podem estar vários enunciados. Foucault assim descreve:

Trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão presentes aí ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...] É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado em sua formulação (oral ou escrita) (Foucault, [1969] 2020, p. 105).

⁷ Conceito utilizado comumente na filosofia analítica.

O enunciado é, então, uma função de existência que atravessa verticalmente os signos e que, a partir da análise ou intuição, possibilita o discernimento de suas características. O enunciado dá margem de possibilidade para a existência das frases, proposições e atos de fala. Ainda em *A arqueologia do saber* ([1969] 2020), Foucault descreve a função enunciativa a partir de quatro regras: o referencial, a posição do sujeito, o domínio associado e a existência material.

Segundo Foucault (2020), o referencial é o determinante das condições de possibilidade, é a partir dele que observamos as regras de existência de um enunciado. Ele não é constituído de “seres”, “coisas” ou “fatos”, não necessita estar ligado a algo material ou real, mas de leis que possibilitem sua existência. O filósofo exemplifica o referencial com o enunciado “a montanha de ouro está na Califórnia”, que pode ser considerado sem sentido, se relacionado à realidade ou com sentido se fizer parte de um romance de fantasia, uma história imaginária ou uma metáfora. Assim, o referencial define as possibilidades de sentido e emergência de um dado enunciado. Nas palavras do autor:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (Foucault, [1969] 2020, p. 111).

Já o sujeito investigado por Michel Foucault não é o da gramática, tampouco o indivíduo. “O sujeito, na perspectiva foucaultiana, não pode ser reduzido a uma entidade linguística nem a uma subjetividade psicológica qualquer”, descreve Courtine (2014, p. 86). A posição do sujeito de que trata Foucault (2020) é uma função “vazia” que pode ser preenchida por diferentes indivíduos, até certo ponto indiferentes ao formularem o enunciado. Sobre isso, Fernandes (2014, p. 115) diz: “O sujeito não se reduz a um indivíduo corpóreo, mas é necessário um corpo que funcione como suporte para o sujeito, para o exercício da função-sujeito”. As posições do sujeito podem tanto se aliar a exercícios de poder como fazer resistência a elas.

O domínio associado apresenta relações possíveis com o passado e abre espaço para possibilidades de futuro. Para Foucault (2020, p. 120) “não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros”. É uma relação estabelecida a partir

de efeitos, funções, séries de sucessão e que resultam em adaptações, modificações, repetições, referências, oposições, etc. O domínio associado é a relação estabelecida entre enunciados, é a função que o conecta com o que lhe antecede e o que lhe sucede, com as repetições ou oposições, com alianças e antagonismos.

Por último, o enunciado deve ter uma existência material. É preciso que ele se registre, tome corpo, voz, uma marca, se exerça, constitua um elemento sensível, mesmo que por alguns instantes para logo depois desvanecer. Segundo Foucault (2020, p. 128) um enunciado “circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade”.

1.2.2 Sujeito e acontecimento

Michel Foucault não adota uma perspectiva de linearidade histórica, o autor escolhe fazer uma investigação baseada em descontinuidades e continuidades. Logo, compreende uma ruptura com a concepção do homem como sujeito da razão e totalmente livre em suas escolhas e trata da constituição do sujeito a partir dos discursos. Segundo o filósofo, o discurso promove a subjetividade, e o sujeito é um efeito desta promoção, assim como o saber e o poder (2006a). Em seus apontamentos sobre a morte do indivíduo e o nascimento do sujeito (Fernandes, 2014), se atenuam reflexões que corroboram com a visão do sujeito como sendo concebido por algo que é exterior a ele.

O sujeito da perspectiva foucaultiana, então, não é auto-constituído e absolutamente livre. Ele é constituído historicamente e atravessado por determinações exteriores ao mesmo tempo que é partícipe de práticas e técnicas que o constituem. Esse enlace contínuo sobre o sujeito em sua constituição e constante criação torna a invenção de si mesmo um percurso incessante na história. O sujeito também passa a assumir uma função e/ou posição que se materializa em um corpo, mas ao mesmo tempo independe dele já que esta função ou posição pode ser substituída por outro corpo.

Em uma perspectiva foucaultiana, os trabalhos em análise do discurso avançam a partir de reflexões acerca da inter-relação constitutiva entre sujeito, discurso e poder, uma vez que [...] a análise discursiva de um enunciado possibilita delinear uma posição sujeito e essa posição é marcada por um dado

exercício de poder; sendo ambos os sujeitos movidos por uma vontade de verdade (Fernandes, 2014, p. 114).

Segundo Fernandes (2014), o sujeito em uma perspectiva foucaultiana ocupa determinadas posições, constituídas em uma relação de saber-poder, que o faz produzir discursos - e ser constituído por eles - que enunciam certas coisas e não outras. Há na posição desnuda de um sujeito uma vontade de verdade, constituída por tensões, oposições ou em conformidade com outros discursos. Não há discurso neutro ou independente, ele tem relações com séries de discursos do passado e também abre espaço para discursos futuros. O discurso é singular em sua irrupção, mas faz parte de um determinado campo discursivo mais amplo. Vejamos o que o filósofo compreende por um outro conceito que nos é relevante, o acontecimento discursivo.

Foi de interesse de Michel Foucault investigar a irrupção de discursos, na emergência de dado acontecimento, sem que se julgue certo ou errado dado enunciado no interior dos discursos. Sua pesquisa procurou descrever os enunciados, compreender suas relações com outros e as regras que os formulam. Assim, pode ser possível visualizar o que faz com que determinadas verdades perdurem entre uns sujeitos ao invés de outras possibilidades, por que um determinado enunciado e não outro em seu lugar. Ao descrever seus interesses de pesquisa o filósofo diz:

Eu me dei como objeto uma análise do discurso [...]. O que me interessa no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar *o discurso como uma série de acontecimentos*, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de *acontecimentos discursivos* – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. [...]. O fato de eu considerar o discurso como uma série de acontecimentos nos situa automaticamente na dimensão da história [...]. Se faço isso é com o objetivo de saber o que somos hoje. (Foucault, [1973] 2006c, p. 255, grifos nossos).

O que Foucault denomina enquanto acontecimento discursivo, então, é a irrupção de uma dada singularidade. Logo, o acontecimento está nas relações de força entre os sujeitos, na emergência de sua irrupção em um dado momento da história. E ao descrever um acontecimento discursivo é possível fazer relações com outros que podem pertencer a diferentes campos do saber.

1.2.3 Biopoder e biopolítica

As organizações sociais de cada Estado-Nação possuem, por vezes, suas particularidades e semelhanças gerais, com leis e mecanismos de controle e organização dos indivíduos. Sejam eles nacionais ou estrangeiros se incidem critérios, categorizações e hierarquizações na vida e dinâmica dos sujeitos. Os partícipes dessa organização são diversos, como: a definição de um sistema político-econômico, a mudança ou continuidade dos que estão à frente desse sistema, as regulamentações ou modos disciplinares sobre os corpos, as relações sociais, as lutas por direitos, entre outros elementos que atravessam a vida e a morte dos sujeitos em uma sociedade.

Michel Foucault investigou a mudança nos modos de organização social, no ocidente, ocorridas a partir do século XVII em diversos trabalhos. É possível compreender algumas das questões tratadas pelo autor no primeiro volume de *História da sexualidade: a vontade de saber* (1998) e em seus cursos ministrados no Collège de France, posteriormente transformados em livros, como *Em defesa da sociedade* (2002) e *Nascimento da biopolítica* (2008), além de ter textos sobre essa questão também reunidos na obra *Microfísica do poder* ([1979] 2023). Segundo o filósofo francês as mudanças de regimes monárquicos para as repúblicas incidem mecanismos distintos sobre a vida e a morte.

Consoante a teoria clássica sobre o direito do soberano, aquele que incide poder sobre os indivíduos e pode fazer morrer e deixar viver, a soberania é, em suma, aquela que dá ao governante um poder absoluto sobre a morte e a vida. As regras criadas por aquele que governa devem ser sumariamente seguidas por seus súditos a ponto de, ao desígnio de quem obtém o poder absoluto, proclamar castigos, a morte ou deixar que o indivíduo viva (Foucault, 2002).

Já no século XIX há uma reconfiguração no modo como os regimes de controle e organização dos indivíduos incidem sobre a vida e a morte. De acordo com Foucault (2002), o biopoder é aquele que pode fazer viver e deixar morrer. As regras que constituem o biopoder são engendradas à dinâmica capitalista e neoliberalista cujo uso dos corpos e da força de trabalho incitam a máxima produtividade. Ao contrário do poder soberano que poderia fazer morrer ou deixar viver, o biopoder, como prática sobre um regime social, proclama regras e mecanismos sobre a vida dos indivíduos para que eles exerçam seu papel no pleno funcionamento da sociedade. Nas palavras do filósofo francês:

Aquém, portanto, do grande poder absoluto, dramático, sombrio, que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do poder sobre a população enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de fazer viver. A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e deixar morrer (Foucault, 2002, p. 207).

A regulamentação sobre a vida, da qual trata Foucault (2002), está nas práticas da biopolítica a partir dos modos de organização social do ambiente escolar, dos hospitais, das prisões, das casas, das igrejas, templos e afins. Mas não só no que constitui e organiza a função desses ambientes e sim em tudo que regulamenta a natalidade, a produtividade e a longevidade. Nesse cálculo estão incluídas as práticas de higiene, cuidados com a saúde, segurança, reprodução biológica, sexualidade, etc. No entanto, é importante salientar que na regulamentação do fazer viver nem todas as vidas serão tratadas do mesmo modo. A separação e hierarquização dos sujeitos faz parte da tecnologia neoliberal e do capitalismo como parte de seu funcionamento.

1.3 Da noção de dispositivo em Foucault ao dispositivo de hos(ti)pitalidade em Derrida

A obra *Microfísica do poder* ([1979] 2023), publicada inicialmente em 1979, com um compilado de entrevistas, artigos, cursos e debates feitos por Foucault, teve como eixo a genealogia e uma investigação sobre o poder. O filósofo se distanciou da perspectiva do *Aparelho de Estado*⁸ como único instrumento de poder sobre os corpos e empreende importância à rede de poderes moleculares que está em toda a sociedade. Suas investigações analisam questões relacionadas à economia, à gramática, à biologia ou às ciências naturais, à medicina, à psiquiatria, à geografia e também ao hospital psiquiátrico, à prisão, à sexualidade, entre outros. Vejamos como os estudos do filósofo durante a década de 70 analisam o saber como peça de um dispositivo, sobre isso, no capítulo *Sobre a história da sexualidade*, ao ser questionado por Alain Grosrichard sobre qual o sentido e a função metodológica do dispositivo, Foucault diz:

⁸ Diferente da perspectiva pecheutiana, inspirada por Althusser, Foucault não trata do Aparelho de Estado como único instrumento de poder, além de não trabalhar com a perspectiva de ideologia dos sujeitos.

Por esse termo tento demarcar[...]um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, [1979] 2023, p.364).

Segundo Foucault, é na constituição de uma rede de elementos heterogêneos que se encontra o dispositivo, na função estratégica de organização de relações de poder a partir de um conjunto diverso de elementos discursivos e não discursivos. É um “jogo” em que o dito e o não dito se relacionam, são modificáveis, e podem assumir atribuições não fixas. Sua função atende como uma resposta à urgência de determinado momento histórico e a uma estratégia de caráter dominante. No entanto, ter um papel estratégico não significa enredar efeitos somente desejados em sua constituição, o dispositivo engloba uma relação de ressonância e de contradições que se reajustam a partir de efeitos positivos e negativos e se articulam à medida em que o desejado e o não desejado aparecem.

Entende-se o dispositivo, então, como um “jogo” de caráter essencialmente estratégico que assume certa manipulação sobre as relações de força, inscrito em relações de poder ao mesmo tempo em que sustenta tipos de saber e é sustentado por eles. O dispositivo acontece no entrecruzamento das relações de poder e saber. Em comparação com o que Foucault trata como episteme, o dispositivo está inscrito em um campo mais abrangente e heterogêneo, como afirma o autor ao dizer que “a episteme é um dispositivo essencialmente discursivo, diferentemente do dispositivo, que é discursivo e não discursivo, seus elementos são muito mais heterogêneos” (Foucault, [1979] 2023, p.367).

O *dispositivo de sexualidade* empreendido na investigação foucaultiana em *História da sexualidade* trata das ferramentas do saber que fizeram os indivíduos aprenderem a se reconhecer como sujeitos de uma sexualidade e também do cerceamento, do controle, da disciplinarização e normatização dos corpos e da sexualidade. São diferentes elementos que atuam como ferramentas de constituição e organização dos sujeitos e se mostram em uma rede que abarca desde o âmbito jurídico até a arquitetura, na promoção de leis para o controle dos corpos e das ações dos sujeitos, no que tende a categorizar diferenças entre eles e os hierarquizar, no hospital ou na escola, atuando de maneira regular ou dispersa (Foucault, 1988). Para o filósofo francês:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (Foucault, 1988, p.99).

Essa rede heterogênea de que trata Foucault não atende necessariamente a uma harmonia entre esses elementos e não se enquadra enquanto uma instituição atemporal, ao contrário, o dispositivo atende a uma urgência, é a resposta heterogênea a elementos de determinado momento histórico. Além disso, seu caráter estratégico dominante organiza os sujeitos de maneira distinta, como explica o autor em suas investigações sobre a loucura, em que enfatiza que houve uma “absorção de uma massa de população flutuante que uma economia de tipo essencialmente mercantilista achava incômoda: existe aí um imperativo estratégico funcionando como uma matriz de um dispositivo, que pouco a pouco tornou-se o dispositivo de controle-dominação da loucura” (Foucault, [1979] 2023, p.365).

Para ampliar esse escopo sobre o dispositivo, vejamos outros autores que trataram dessa noção em suas pesquisas e trabalhos. Começamos pelo filósofo italiano Giorgio Agamben que apresentou um ensaio sobre o tema em uma conferência no Brasil no ano de 2005. O texto agora faz parte do livro *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, publicado em 2009 pela editora Argos. A partir da leitura de Foucault e de outras reflexões, o autor apresenta a noção de *dispositivo* da seguinte forma:

Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder e em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar (Agamben, 2005, p.13).

Para Agamben a noção de dispositivo é constitutiva das relações contemporâneas. O autor acredita que estamos sob um tempo de proliferação do dispositivo e que ele nos molda e

afeta as relações entre os sujeitos. Exemplos que vão desde uma caneta enquanto dispositivo, sendo um elemento constitutivo do saber, da escrita, da alfabetização dos sujeitos ou o celular, que se tornou uma extensão dos sujeitos, de tarefas cotidianas e de conexão. O filósofo acredita que esse amplo contato com os dispositivos acaba por constituir os sujeitos.

Seguindo essa reflexão, deparamo-nos com estudos do filósofo francês Gilles Deleuze. Contemporâneo e amigo de Foucault, o autor também aborda a noção de dispositivo de modo crítico, traçando apontamentos que se alinham e se diferem das do teórico. Para Deleuze (1996), há uma abordagem foucaultiana na análise de dispositivos concretos; no entanto, as linhas que compõem o dispositivo não se mostram sempre lineares. Elas ora se aproximam e ora se afastam. Não possuem contornos definidos e para que se analise um dispositivo é preciso cartografar o desconhecido, construir um mapa. Segundo Deleuze, não é certo que todos os dispositivos se apresentem a partir de processos semelhantes e que há dispositivos que escapam às forças de saber e de poder.

A doutora em filosofia Flávia Virgínia Santos Teixeira (UFMG) possui uma ampla pesquisa sobre a construção de gênero na arte e é autora do artigo *Dispositivo e imagem: uma relação com o fora* (2015), em que trata da noção de dispositivo a partir das leituras de Foucault e Deleuze. Em consenso com as reflexões de Deleuze, a autora afirma que a máquina governamental utiliza dos mais diversos dispositivos para conduzir a vida dos sujeitos, que também são constituídos a partir desses dispositivos. No entanto, o dispositivo não é visto como forma de controle total das ações dos sujeitos. Para ela, eles são “passíveis de subversões, seja mediante profanação, seja por fuga, seja por transgressão” (Teixeira, 2015, p.119) e é possível agir nesses dispositivos.

Teixeira (2015) também comenta sobre o repúdio ao “universal”, pois o dispositivo não possui coordenadas constantes e não é feito de regras que se aplicam do mesmo modo em qualquer época e sociedade, eles são formados por linhas de variação, por processos singulares. As ferramentas que se cruzam em um dispositivo atendem à emergência de dado acontecimento e não a uma universalização, com regras e forças exatamente iguais para diferentes situações.

Em 2023, Sueli Carneiro publica o livro *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. A obra é fruto de sua tese de doutoramento, defendida dezoito anos antes dessa publicação. Carneiro também se filia à noção de dispositivo foucaultiana para investigar as relações entre brancos e negros no Brasil e juntamente com

trabalhos como o de Charles Mills, autor de *Contrato racial* ([1997] 2023), e bell hooks⁹ escritora de *Intelectuais negras* (1995), a autora desenvolve reflexões sobre as características do racismo brasileiro.

Além de investigações e reflexões empreendidas por filósofos, como o próprio Michel Foucault e também Gilles Deleuze, Giorgio Agamben e Sueli Carneiro, a noção de dispositivo também é mobilizada por muitos linguistas. Dentre os variados trabalhos que utilizam o conceito de dispositivo estão os de Gregolin (2015) e Navarro (2015).

A pesquisa de Gregolin (2015) mobiliza o conceito foucaultiano na investigação dos elementos constituintes da escola republicana. Para a autora, a escola nos primeiros anos da república brasileira é um dispositivo que responde a uma exigência histórica sobre a identidade nacional. Imbuída de elementos que representavam o Brasil como uma pátria moderna e civilizada, dentre eles estavam cartilhas, livros e até a estrutura de prédios.

Navarro (2015), analisa a relação entre o idoso e os novos veículos tecnológicos em discursos que circulam na *web*. Segundo o autor, o dispositivo engloba elementos diversos, que podem ser “coisas”, como uma instituição; ou ainda, “ideias”, como as filosóficas. Além disso, no interior dos dispositivos também circulam práticas, como as doutrinas. As reflexões e análises do autor sobre o dispositivo são ancoradas em formulações feitas por Foucault ([1979] 2023), Deleuze (1990) e Veyne (2011).

Michel Foucault trata do dispositivo de sexualidade, sobre o qual investigou a temática do sexo e dos marcadores de normalidade e anormalidade que cerceiam a sexualidade e definem vontades de verdade sobre ela. Carneiro (2023) opta por investigar o dispositivo de racialidade, seguindo os passos de Foucault; ela refletiu sobre os marcadores de “medida de humanidade” a partir da raça, do valor desses agrupamentos na sociedade, e das vontades de verdade empreendidas sobre superioridade e inferioridade a partir da racialidade. Gregolin (2015) analisa os jogos de subjetividades e tensões que constituem o dispositivo da escola republicana. Ao seguir os passos desses autores, o que pretendemos é investigar o funcionamento discursivo da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, em análise de jornais *on-line*, a partir do conceito de dispositivo de Michel Foucault.

⁹ bell hooks é o pseudônimo adotado por Gloria Jean Watkins, em homenagem à sua avó. A autora escolheu o grafar em letras minúsculas como forma de se posicionar politicamente, em recusa a egóica intelectual e em primazia ao que escreveu.

Diante dos elementos expostos a partir das reflexões de Michel Foucault sobre a noção de dispositivo e também da perspectiva de outros pesquisadores, que a partir da leitura de Foucault concernem apontamentos, que se alinham e se divergem das características trabalhadas pelo filósofo em suas obras, é possível inferir algumas das principais características que compõem um dispositivo. Primeiro podemos defini-lo, em suma, como um conjunto diverso de elementos, discursivos e não discursivos, que agem sobre os sujeitos de modo a atravessá-los e constituí-los. Ademais, são como uma força de tensão que, segundo Foucault ([1979] 2023), se encontram no cruzamento entre saber e poder, além de funcionar como uma resposta a uma emergência, surgida em dado momento histórico, de caráter dominante e estratégico.

Por fim, o dispositivo do qual investigamos responde ao acolhimento de médicos estrangeiros no Brasil entre 2013 e 2023. Constituído de saberes diversos, como o saber médico e o saber sobre o estrangeiro, por leis como a que promulga o Programa Mais Médicos e a que caracteriza a xenofobia como crime, por instituições como o Governo, o Ministério da Saúde, o Conselho Federal de Medicina (CFM), entre outros elementos discursivos e não discursivos. Nas reflexões seguintes nos atemos ao que Derrida (2001, 2003) entende por hospitalidade e tratamos brevemente sobre as reflexões empreendidas pelo autor sobre os termos hostilidade, hospedeiro e hóspede.

1.3.1 A hospitalidade em Derrida

O filósofo Jacques Derrida, pesquisador de temáticas como a política, a tolerância, o estrangeiro, a hospitalidade, entre outras, lecionou na Sorbonne, entre 1960 e 1964, e também na École Normale Supérieure de Paris, entre 1964 e 1984. Foi um grande defensor da perspectiva da *desconstrução*¹⁰ sobre as ciências e empreendeu reflexões sobre obras de grandes pensadores como Saussure, Freud e Lacan. É autor de diversos livros, dentre eles *Margens da filosofia* (1972) e *Gramatologia* (1967).

Ao tratar sobre a hospitalidade na obra *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade* (2003), o filósofo refletiu sobre algumas questões relacionadas ao estrangeiro, ao hóspede e à hostilidade. Podemos apontar duas reflexões iniciais de seu

¹⁰ O conceito de desconstrução, segundo Derrida, não tem a ver com destruição. É uma perspectiva de pesquisa que se volta a uma espécie de separação e análise de conceitos que podem ser “reconstruídos” ou “reconectados” posteriormente. É possível compreender de modo mais profundo a questão da desconstrução no texto *Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução* (2013), de Neurivaldo Campos Pedroso Junior.

pensamento, a primeira, se volta ao acolhimento sem restrições ou julgamentos, e a segunda, é a das condições para o acolhimento, das restrições e deveres voltadas ao hóspede ou ao estrangeiro. Os dois pontos são aprofundados a seguir.

Vejamos, a hospitalidade e o acolhimento devem se dar sem restrições? É preciso acolher antes de se perguntar qualquer coisa? Segundo Derrida (2003), a hospitalidade sem restrições seria a acolhida incondicional. É o dizer sim antes de perguntar algo, é receber um hóspede, um estrangeiro, um migrante em um abrigo sem julgamentos. É essa uma hospitalidade absoluta. No entanto, essa incondicionalidade ilimitada, para o autor, se trata também de um paradoxo, pois, há um conflito entre uma total incondicionalidade natural e em regra e a presença da lei como condição para a hospitalidade. Se é preciso imputar o acolhimento como regra então ele deixa de ser natural?

Em outras reflexões, o autor se questiona sobre o tratamento de quem hospeda, se é amigável perguntar o nome de imediato ou se perguntas devem vir depois do acolhimento. Para Derrida as regras sobre a hospitalidade são do campo “condicional”, é aquela em que o imigrante, o estrangeiro, o hóspede possui direitos e deveres. Nesse contexto, se admite o acolhimento a partir de restrições e regras ao convidado, que deve segui-las para ser acolhido. É no acolhimento de direito que são estabelecidas condições e questões ao estrangeiro. A partir de reflexões anteriores de Émile Benveniste, o filósofo trata de uma espécie de contrato no qual o hóspede deve se submeter.

No contrato da hospitalidade condicional, o convidado tem direitos e deveres, mas deve essencialmente obedecer às regras de quem hospeda. A começar por sua identidade, provando quem é, dizendo seu nome. Para Derrida (2003), esse contrato não é recíproco. Nem sempre o estrangeiro tem o direito de perguntar, mas ele é sempre questionado e deve responder para assegurar seus direitos. Em adição a isso, as condições impostas aos estrangeiros para entrar em outro território não são simétricas para todos. A depender do “tipo” de estrangeiro ou imigrante (turista, refugiado, apátrida, indocumentado...), de suas características físicas e culturais, de sua língua materna, de saber ou não saber falar a língua do país de acolhimento, de sua condição econômica, entre outros elementos, a recepção pode ser diferente, as questões dirigidas ao migrante são distintas.

Nesse processo assimétrico de recepção, também se instauram as crises migratórias, o acolhimento a uma parcela de migrantes e a rejeição a outros. Os deslocamentos forçados ou involuntários, por exemplo, causados por guerras, catástrofes climáticas, crises financeiras,

entre outras motivações, têm causado deslocamentos em massa por todo o mundo. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), estima-se que o número de pessoas deslocadas de seus territórios originais, por motivos involuntários, é de 120 milhões em 2024¹¹.

Os questionamentos ao estrangeiro ou ao hóspede podem acontecer antes mesmo de seu deslocamento. Antes da chegada de um sujeito a outro território delimitado, já surgem questões sobre suas “intenções” ao se deslocar, seus planos, quanto tempo ele pretende ficar, quando ele pretende voltar a seu país de origem, por que ele quer ir, se ele já possui um emprego ou se tem condições financeiras para se sustentar.

O acolhimento a alguém em sua casa, em um hotel, em um abrigo ou em um país, segundo Derrida (2001, 2003), é dividido entre aquele que hospeda, que recebe alguém, e o hóspede, aquele que visita. Na língua portuguesa, os termos hóspede, hospedeiro e hospitaleiro possuem a mesma origem no termo *hospes*, do latim; enquanto as palavras *hostil* e *hostilidade* têm suas origens na palavra latina *hostilis*, adjetivo derivado de *hostis*, que se refere a um inimigo público (ao estrangeiro). Para o filósofo, o hóspede está condicionado a seguir as regras do dono da casa, do hospedeiro, e ao estar “refém” de determinadas condições o visitante está sujeitado ao que Derrida cunha como “hostipitalidade”, em que se unem a hospitalidade e a hostilidade.

Entendemos que a “hostipitalidade” é produzida nos discursos, que existem saberes sobre ela e que também se exercem poderes que a atravessam. A arqueologia e a genealogia de Michel Foucault nos auxiliam nessa investigação, que abarca questões históricas, e volta-se a um dispositivo de saber-poder, que não é simétrico, que possui diferentes efeitos de classe, de raça e de gênero.

Nas reflexões e formulações seguintes pontuamos alguns detalhes sobre os usos do conceito cunhado por Derrida, “hostipitalidade”, junto à perspectiva foucaultiana sobre a noção de *dispositivo*.

¹¹ Em meio ao aumento do deslocamento forçado global, ACNUR celebra progresso em soluções nas Américas. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2024/06/13/em-meio-ao-aumento-do-deslocamento-forcado-global-acnur-celebra-progresso-em-solucoes-nas-americas/> acesso: 13/06/2024.

1.3.2 O dispositivo de hos(ti)pitalidade dos médicos cubanos

Como aprendemos a partir das leituras de Derrida (2001, 2003), aquele que recebe alguém em sua morada pode ser hospitaleiro, não sem estabelecer condições, e também pode ser hostil. Segundo o autor, não necessariamente os sujeitos são somente uma ou outra coisa, mas a complexidade da hospitalidade está numa dada variação que ora pode ser hostil e ora hospitaleira. É o que o autor sugere chamar de “hostipitalidade”.

Ao analisar a noção enquanto um dispositivo, a partir das formulações foucaultianas, não pretendemos delimitar regras de formação que se apliquem a toda e qualquer hospitalidade em qualquer tempo e lugar. Assim como nos ensina o filósofo francês, compreendemos a hospitalidade a partir de elementos diversos, discursivos e não discursivos, que funcionam como uma resposta a uma emergência. Por isso, observamos o dispositivo de hos(ti)pitalidade no Brasil e em um recorte de pesquisa que emerge no acontecimento da circulação de discursos sobre os médicos cubanos durante e após o Programa Mais Médicos. Decidimos diferenciar as reflexões de Derrida sobre a “hostipitalidade” e a nossa investigação, que articula as formulações do autor com a noção de dispositivo de Michel Foucault, com o uso de parênteses no termo, grafado como hos(ti)pitalidade.

Ao tratar da recepção ao imigrante, do convívio com o suposto estranho, sobre a percepção da estrangeiridade, estamos observando também aquilo que está no campo epistemológico e no campo do poder, portanto, aquilo que é arrolado por saberes, poderes e modos de subjetivação. A articulação entre esses campos em nossa pesquisa está no dispositivo de recepção; e também no recorte das violências e resistências sobre os sujeitos cubanos no Brasil.

Nosso pressuposto é de que a hospitalidade a imigrantes no Brasil está presente em um dispositivo, segundo a noção concebida por Michel Foucault. Além disso, ao analisarmos o funcionamento discursivo de tal dispositivo estamos diante de elementos diversos: leis, literatura sobre o estrangeiro e a imigração, notícias, lugares, instituições, pesquisas e tantos outros suportes que atravessam a vida cotidiana dos sujeitos que têm outra origem territorialmente marcada que não a brasileira. A hospitalidade sobre a qual nos debruçamos a investigar é assimétrica e variável, ela é condicionada por fatores interseccionais que estão no campo da alteridade entre os sujeitos e que disputam a produção da verdade sobre um país hospitaleiro e/ou hostil.

Para concepção teórica e temática desta pesquisa, utilizamos o trabalho de diversos filósofos, pensadores, linguistas e professores, mas decididamente, é a partir da aliança das reflexões de Michel Foucault com o trabalho de Jacques Derrida que está o fio condutor das análises empreendidas neste trabalho. É a partir das reflexões desses dois autores que analisamos o dispositivo de hos(ti)pitalidade, e nele os discursos que formulam a produção, a subjetivação e a disputa de verdades sobre os médicos cubanos no Brasil.

Ao tratar dos elementos constitutivos da hos(ti)pitalidade ao estrangeiro no Brasil nos deparamos com uma diversidade de materialidades que fazem parte da história do país. Desde a colonização do território brasileiro, essas terras são permeadas por imigrantes, por conflitos, alianças e resistências. E a urgência, da qual trata Foucault (2023), ao falar sobre o dispositivo, se modifica e se reconfigura para responder à questão do acolhimento. Quem deve ser acolhido? e/ou como deve ser acolhido?

Para tratar sobre a hospitalidade foi preciso cartografar o dispositivo de hos(ti)pitalidade, delimitar e recortar o que o constitui, mesmo sabendo que tudo que o compõe não pode ser descrito. Escolhemos alguns desses partícipes, discursivos e não discursivos, para que tenhamos uma noção do funcionamento da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil. Abaixo podemos visualizar um quadro com o recorte desses elementos constitutivos:

Quadro 2: Elementos constitutivos do dispositivo de hos(ti)pitalidade

Número	Elementos que constituem o dispositivo de hos(ti)pitalidade
1	Leis - Leis e jurisdição que tratam sobre o acolhimento ao estrangeiro
2	Língua - Relações entre L1 e L2 (língua materna e língua segunda/língua estrangeira)
3	Origem - Dizeres sobre o território de origem do estrangeiro
4	Gênero - Marcas de gênero no processo de acolhimento
5	Raça - Fator elementar na acolhida assimétrica
6	Poder econômico - Acesso a bens de consumo e leitura social
7	Saber-Poder - Legitimidade
8	Posição-sujeito - constituição do sujeito
9	Lugares - Moradia e trabalho (espaços de vivência no país)
10	Literatura - O que se conta sobre o estrangeiro

Fonte: Produzido pelo autor

Segundo Foucault ([1979] 2023), a relação entre diferentes elementos que funcionam como uma resposta estratégica a uma determinada urgência permite a constituição de um dispositivo. Localizado no entrecruzamento de saberes e exercícios de poder, os partícipes desse mecanismo nem sempre estão em harmonia e podem exercer disputas, conflitos, resistências, e adaptar-se em torno de diferentes mudanças. Assim, o dispositivo é um mecanismo estratégico que responde a uma urgência em determinado momento e lugar (Foucault, 2023). No quadro acima, organizamos alguns desses elementos que constituem o dispositivo de hos(ti)pitalidade. A seguir, tratamos do que caracteriza cada elemento.

As leis são um importante aparato organizacional de cada nação, são a partir delas que se exercem direitos e que se cobram deveres. São regras e determinações, mas também são lentes que demonstram as mudanças em uma sociedade, o que ela discute ou discutiu e como ela se organiza. A Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, por exemplo, se refere aos direitos e deveres do migrante e do visitante e regula as características que dão acesso a políticas públicas e concepções de igualdade entre o estrangeiro e o nacional. Já a Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, tipifica a xenofobia enquanto crime no Brasil. As duas exercem poder sobre os sujeitos que migram para o país e também sobre os que são considerados nacionais.

Após a promulgação da Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013, que atesta a criação do Programa Mais Médicos (PMM), compreendido enquanto um acontecimento discursivo neste trabalho (Foucault, [1969] 2020), foi permitida a migração de médicos estrangeiros para trabalhar em regiões do interior do Brasil, em locais de difícil acesso e também nos grandes centros, onde havia defasagem de profissionais. Em um acordo internacional entre Brasil e Cuba, auxiliado pela Organização PanAmericana de Saúde (OPAS), cerca de 11.000 profissionais cubanos entraram no país para trabalhar no Atendimento Básico de Saúde (ABS). Diante das leis brasileiras, mas sob acordos que levaram em conta o regime instituído em Cuba, os médicos estrangeiros atuaram no Brasil até o ano de 2019, quando ocorreu a paralisação do programa durante a gestão do então presidente Jair Bolsonaro.

Certamente, a língua é um outro fator primordial na relação entre nacionais e estrangeiros. Conseguir se expressar de forma efetiva ou ser compreendido faz com que as relações sociais se deem de uma maneira menos conflituosa ou mais fácil. Ao contrário, a falta de compreensão pode gerar distintos desafios. Além das questões sobre falar ou não falar a

língua estabelecida em outra nação também existem outras problemáticas empreendidas no contato entre diferentes grupos, como os modos de falar ou se expressar, o sotaque, os desvios da norma culta, que podem ser julgados, avaliados e caracterizados como “feio”, “fofo”, “engraçado”, “errado”, “não compreensível”, etc.

No caso dos cubanos, sua língua materna (L1) é o espanhol e a língua com a qual tiveram contato cotidiano no Brasil é a língua portuguesa (L2). Parte preparatória dos participantes estrangeiros do Programa Mais Médicos foi a participação em um curso de língua portuguesa, como trata o *site Uol* em matéria sobre o programa: “Tem aulas de português todos os dias, trabalhos em grupos, e eles (os estrangeiros) ficam até depois da aula estudando”, comenta a médica brasileira formada na Argentina Luciana Nunes Lima¹². A matéria também afirma que a questão da língua dos estrangeiros foi alvo de críticas de parte da categoria médica brasileira que não era a favor da implementação do programa. Ainda assim, o programa criou uma base de formação e apoio no aprendizado da língua e de outras especificidades da medicina brasileira.

A origem territorial de um estrangeiro também pode condicionar a hospitalidade ou a hostilidade. Segundo Albuquerque Júnior (2016), a xenofobia e o nacionalismo exacerbado são componentes de uma angústia social sobre os códigos culturais divergentes, sobre a origem territorial do outro, demarcada enquanto diferença identitária. A nação ou território do sujeito estrangeiro pode fazer parte de uma leitura social sobre o bom, o ruim, a civilidade, as condições socioeconômicas. O território pode fazer parte de um cálculo social sobre quem vai agregar algo positivo ou será um incômodo, como tratado por Marluza da Rosa e Ribeiro em um artigo com título *Migração e direito ao trabalho: uma análise discursiva da série “Ser Brasil - Migrantes e Refugiados”* (2024).

O regime cubano, socialista, e suas diferenças com o modo organizacional brasileiro, fincado no capitalismo, são aspectos de posições políticas e discursivas distintas sobre um modelo socioeconômico ideal. A xenofobia, então, pode partir de uma rejeição ao sujeito cubano motivada pelo ódio ao socialismo. Segundo Colaça (2010), a recorrente oposição entre os sistemas capitalista e socialista constroem uma dicotomia, no imaginário ocidental, entre o bem e o mal. O sujeito cubano se torna discursivamente um representante do regime socialista

¹² Mais Médicos: brasileiros se empenham para ensinar português a estrangeiros. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/mais-medicos-brasileiros-se-empenham-para-ensinar-portugues-a-estrangeiros,1ffdb148241e0410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html?utm_source=clipboard. Acesso: 18 out. 2024.

e, por conseguinte, deve ser combatido/rechacado. Nesse escopo se cruzam os discursos anti-imigração cubana, a xenofobia, o preconceito de origem, a intolerância as diferenças culturais e a hostilidade ao sujeito cubano.

Em adição, a questão de gênero também faz parte, como tema, de pesquisas que investigam os processos migratórios e os deslocamentos, afinal, quem são as pessoas que migram e o porquê migram são questões pertinentes para alguns estudiosos. Ademais, as marcas de gênero, enquanto construtos sociais, costumam afetar de maneira diversa os sujeitos, a partir de métodos de valorização/desvalorização, preconceitos, exploração, etc. No caso dos participantes estrangeiros do Programa Mais Médicos é interessante compreender como essas marcas de gênero aparecem nos discursos de hos(ti)pitalidade aos cubanos.

Já a raça, enquanto elemento social e arbitrário de divisão de grupos humanos, pode, a depender das circunstâncias, ser um fator primeiro de visualização do sujeito estrangeiro. A emergência do racismo contra cubanos é uma das questões elementares da investigação do funcionamento discursivo do dispositivo de hos(ti)pitalidade. Nos interessa observar como os discursos sobre racialidade ou discursos racializados, conforme discussão de Modesto (2021), emergiram nesse contexto e com quais outros discursos pode-se estabelecer uma relação a partir de certas regularidades.

A questão econômica também é um elemento distintivo nas assimetrias do acolhimento, ter estabilidade financeira ou não pode demarcar acesso a espaços, bens de consumo ou categorizar um estrangeiro positivamente ou negativamente. É interessante refletir como o poder econômico, em suas nuances, afetam o dispositivo de hos(ti)pitalidade. Geralmente, pesquisas costumam marcar a ida de um estrangeiro já com um vínculo empregatício para outro país como algo positivo. No entanto, foi justamente o acordo de atividade laboral que trouxe os médicos cubanos para o Brasil que fez emergir discursos em disputa sobre os estrangeiros. Eles eram ou não necessários na composição de profissionais médicos no Brasil? Outra questão regular no interior desses discursos é o valor pago aos cubanos, já que parte do seu salário era destinado ao governo cubano como parte do acordo firmado entre as nações.

Nos estudos de Michel Foucault, o filósofo trata de uma relação constante entre o saber e o poder. O saber do qual pesquisa o autor não é somente o conhecimento adquirido ou estudado ou, ainda, aquele que evolui rumo à perfeição (essa não é uma questão de interesse de Foucault), mas tudo que está na rede de sentidos e que faz parte das organizações sociais. Já o

poder não é somente aquele que está sob posse do Estado ou que é delegado somente a alguns, mas sim os micropoderes, espalhados por todos os lugares, são as relações de exercícios de poder e suas práticas. Segundo Foucault ([1979] 2023), o saber-poder permite que aquilo que não é nem verdadeiro e nem falso possua um efeito de verdade. Essa relação também está presente no dispositivo de hos(ti)pitalidade, na prática, na constituição dos sujeitos, em suas posições e na produção e organização dos discursos.

Ao pesquisar sobre a loucura, por exemplo, o autor investiga o que possibilitou que o conhecimento médico sobre o louco fosse tido como verdadeiro em uma determinada época. As regras de possibilidade possuem diversos fatores, mas a figura de um profissional como aquele que possui o conhecimento verdadeiro nos jogos de relações e práticas é um dos determinantes de organização dos discursos e do que o autor entende enquanto saber-poder. A imagem do médico, do padre, do juiz são construídas socialmente para que estas sejam posições de confiança. É de nosso interesse observar o que desestabilizou a imagem do médico cubano no Brasil e por que o conhecimento cubano sobre a saúde era constantemente questionado, invalidado ou assegurado por diferentes discursos. Essas são questões que atravessam o dispositivo.

Nesse ínterim, está aquilo que Foucault denomina como posição do sujeito, constituído por discursos historicamente construídos, pela relação entre o saber, o poder e a verdade (Foucault, 2020). É possível, a partir da análise de enunciados, desnudar as posições, os embates e tensões estabelecidos entre os sujeitos e descrever as condições de produção e os efeitos da historicidade que emergem nesses discursos. Assim, pode ser possível apontar as condições de produção de discursos favoráveis à presença dos médicos cubanos no Brasil ou contrários a eles.

Os participantes do Programa Mais Médicos(PMM) não eram alocados em qualquer hospital ou cidade do país. Os médicos eram destinados a locais com defasagem ou escassez de profissionais para o atendimento de prevenção e consultas em Unidades Básicas de Saúde (UBS). Logo, os espaços destinados aos cubanos e outros estrangeiros são localizados em regiões interioranas, de difícil acesso, ribeirinhas, comunidades indígenas, periferias e afins. Essa é uma questão pertinente e regular no interior desse dispositivo, pois se discutiu as motivações de determinadas regiões do país terem uma quantidade de médicos por habitantes considerada positiva e outras regiões lidarem com uma constante escassez de profissionais de saúde.

Durante o Programa Mais Médicos e após sua paralisação no Brasil surgiram pesquisas sobre sua qualidade, efetividade no atendimento, melhoria ou não da saúde das populações que receberam os médicos. Além disso, também se discutiu sobre questões políticas relacionadas ao programa em livros e artigos. A pesquisa considerou alguns desses escritos como relevantes para a discussão sobre a hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos e como partícipes do funcionamento desse dispositivo.

O dispositivo de hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil é uma resposta à emergência de um acontecimento, que parte da lei que promulga a vinda dos estrangeiros para o país e que reverbera em outros acontecimentos que afetam o acolhimento a esses sujeitos. É um aparato complexo, difícil de delimitar, constituído de elementos diversos e permeado de tensões e estratégias ligadas ao saber e ao poder. É no funcionamento desse dispositivo que observamos tensões discursivas. A linguista Maria do Rosário Gregolin nos lembra, ao conceder uma entrevista para os pesquisadores Pedro Navarro e Vanice Sargentini, que Foucault “nos diz, com muita veemência, que entre poder e resistência há sempre uma instigação e uma luta recíprocas, uma provocação permanente” (Navarro, Sargentini, 2022, p. 38).

Compilamos dez elementos que constituem o dispositivo de hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil. Eles disputam a hospitalidade e a hostilidade e nos auxiliam na compreensão da perspectiva do acolhimento a estrangeiros. O dispositivo de hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil vem responder, de modo estratégico, a um incômodo de parte da população com a presença dos cubanos no país. É como se o dispositivo ao mesmo tempo perguntasse: por que os médicos cubanos estão aqui? e respondesse, a partir de elementos discursivos e não discursivos, de maneira hostil e hospitaleira. O *corpus* da pesquisa possibilitou a análise e observação de algumas respostas para essa questão, elas estão presentes no capítulo quatro desta dissertação.

Para cartografar os discursos que constituem o funcionamento desse dispositivo, foi preciso organizar de modo sistemático as regularidades encontradas e isso demandou metodologia e investigação. Também foi preciso marcar que os elementos elencados não aparecem do mesmo modo na pesquisa. Assim como em seu funcionamento diverso para atender a suas questões ou problemas eles aparecem no *corpus* de modo distinto uns dos outros. Vejamos a seguir os critérios e procedimentos metodológicos.

Na próxima seção, estão dispostas as reflexões e as descrições dos procedimentos e critérios metodológicos estabelecidos. A partir dela é possível compreender de modo mais detalhado as regras de constituição do *corpus* desta pesquisa.

1.4 Procedimentos e critérios metodológicos

Para que o trabalho de investigação de um objeto ocorra de maneira satisfatória e cumpra determinados prazos, como é o caso que se pretendeu nesta pesquisa, foi preciso estabelecer metas, métodos, critérios, objetivos específicos, e traçar um projeto que se alie ao tempo determinado. Além disso, construímos um *corpus*, analisado no quarto capítulo. Nesta seção descreve-se os procedimentos adotados para a constituição do *corpus* da pesquisa.

Segundo Ducrot e Todorov (2001), *corpus* é um conjunto de elementos, são enunciados materializados e reunidos em determinada língua e época. A linguística comumente utiliza deste recurso em suas pesquisas, como método para delimitar um certo número de enunciados que tornem possível uma análise. Os critérios para constituição do *corpus* podem ser variados a depender do campo de pesquisa, do objeto e dos recursos disponíveis. Para Courtine (2014), a constituição de um *corpus* em análise do discurso deve responder a determinadas exigências. Tratamos desses critérios a seguir.

Definido o recorte temático e objeto de pesquisa, a hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, além do recorte temporal, de 2013 a 2023, empreendemos uma investigação em torno do problema de pesquisa, a disputa de verdades, seus efeitos e tensões discursivas em torno dos médicos cubanos. Com isso, foi possível se ater a leituras preliminares de matérias jornalísticas *on-line*, que resultaram na observação de determinados enunciados que se repetiam constantemente nesses suportes. Em paralelo, o levantamento de matérias jornalísticas possibilitou uma visão prévia sobre o assunto.

O aprofundamento em questões, temáticas e formulações que atravessam essa pesquisa foi constituído através de uma investigação qualitativa com três tipos de leituras. Sendo elas: I) leitura teórica, composta por textos que ancoram a metodologia da pesquisa; II) leitura temática, realizada a partir de textos que compõem elementos do tema escolhido; e III) leitura interdisciplinar, que perpassou por reflexões diversas interligadas a questões históricas e sociais.

A abordagem em torno dos médicos cubanos partiu da leitura de livros e trabalhos que tratam do Programa Mais Médicos e dos cubanos, como *Mais Médicos: As vozes dos atores e os impactos do programa na atenção básica à saúde* (Telles, 2019), *Mais Médicos - Deuses e Demônios: contratam-se* (Lorenzin, 2014), *A ilha* (Morais, 2001), *A revolução cubana*

(Ayerbe, 2004), *Subjetivação dos médicos cubanos: diferenciais do internacionalismo de cuba no programa mais médicos* (Gomes, Merhy e Ferla, 2018), *A construção das identidades dos/as médicos/as cubanos/as do programa mais médicos em notícias do portal g1 a partir dos estudos críticos do discurso* (Gómez, 2021), entre outros.

As materialidades compiladas permitiram o agrupamento de três regularidades que foram separadas e organizadas a partir de elementos e palavras-chave específicas. Entendemos que os enunciados encontrados circularam no interior do que acreditamos ser um dispositivo de hos(ti)pitalidade. A primeira delas é determinada pela I) origem do estrangeiro, discursos que marcam o território no qual ele nasceu, ou ainda que expressam xenofobia; a segunda, II) racismo e direitos trabalhistas, contém análises de discursos em disputa sobre questões raciais e os direitos trabalhistas voltados aos médicos cubanos; e a terceira III) saber médico, analisa a circulação de discursos em disputa sobre a competência profissional e formação adequada ou não dos médicos cubanos.

Quadro 3: Resumo do *corpus* da pesquisa e regularidades encontradas

REGULARIDADES	
1	Origem territorial do estrangeiro/ Xenofobia
2	Racismo e direitos trabalhistas
3	Formação e capacidade de atuação médica

Fonte: produzido pelo autor

Diante das três regularidades definidas nos concentramos em três problemas, que juntos guiam nossas análises e formulam respostas para nossa questão de pesquisa: como os médicos cubanos, no Brasil, se tornaram objeto de discursos ambivalentes, contraditórios e em disputa? Ao longo das análises nas seções do quarto capítulo obtivemos respostas e reflexões sobre a circulação de discursos sobre os médicos cubanos.

1.4.1 A mídia como suporte e materialidade

Após a promulgação da Lei n° 12.871, que permitiu a criação do Programa Mais Médicos (PMM), a mídia, em seus mais variados formatos e gêneros (a televisão, as matérias jornalísticas, os editoriais, os artigos de opinião e etc.) se dividiu. As tensões discursivas se posicionaram contra ou a favor da vinda, contratação, permanência e atividade laboral dos médicos cubanos no Brasil. A migração dos cubanos para o país se tornou também uma disputa

sobre o acolhimento, sobre a hostilidade e a hospitalidade. Assim, surgiram matérias como *Médicos cubanos são “objetos de venda pelo governo” de cuba, diz Bolsonaro*¹³ e *Sem Mais Médicos, país voltaria a sofrer com falta de profissionais*¹⁴.

Sobre esse poder da mídia de recortar a realidade de um determinado momento na história Gregolin nos interroga, “Afinal, o que há de mais atual do que a mídia ou o discurso político na mídia? Justamente, creio que a perspectiva do presente, da atualidade, da curta duração determinou que a mídia se tornasse um objeto privilegiado de nossas pesquisas”, entrevista concedida aos linguistas Pedro Navarro e Vanice Sargentini (2022, p. 29). Pois, é através da mídia e de seu trabalho de síntese e propagação de discussões sobre um tema que se espalham determinados discursos pela sociedade.

Como postula Cristiane Sousa (2012), no artigo *Discurso e mídia: as relações de poder nas/das revistas*, apesar de comumente se esperar um grau de neutralidade ou imparcialidade na difusão de informações as escolhas de determinadas palavras ou os modos como se divulga uma notícia são permeados de posições e sentidos. O trabalho jornalístico não está distante da história de uma sociedade e tampouco das relações de saber-poder que a atravessam.

Logo, escolhemos dois jornais com posicionamentos distintos. O jornal *Gazeta do Povo* possui um viés mais conservador e o jornal *Carta Capital* uma perspectiva mais progressista. Ainda assim, é possível encontrar matérias que fogem a essa “regra”, o que intuímos ser parte da busca por uma suposta neutralidade. O método de análise não é focado somente no discurso jornalista, mas na mobilização de diferentes elementos pelos jornais, o que possibilitou a análise de recortes de falas, imagens, opiniões jornalísticas e etc.

1.4.2 Regras de constituição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa foi constituído de enunciados presentes em dois jornais *on-line*, *Gazeta do Povo* e *Carta Capital*, com diferentes gêneros - notícias, artigos de opinião, editoriais, etc. -, mas com a mesma temática: os médicos cubanos no Brasil. Foram elencados alguns critérios para que as matérias fossem compiladas e organizadas. Vejamos abaixo.

¹³ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/medicos-cubanos-sao-objetos-de-venda-pelo-governo-de-cuba-diz-bolsonaro/?ref=busca>. Acesso: 14 out. 2024.

¹⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/sem-mais-medicos-pais-voltaria-a-sofrer-com-falta-de-profissionais/>. Acesso: 14 out. 2024.

Quadro 4: regras de constituição do *corpus*

1	● Palavras usadas no buscador do site: médicos cubanos
2	● Recorte temporal da pesquisa: 2013 a 2023
3	● Regularidades elencadas: 3
4	● Quantidade de matérias: até 7 matérias por regularidade
5	● Quantidade total de matérias compiladas: 19 matérias
6	● Jornais de pesquisa: Gazeta do Povo e Carta Capital

Fonte: produzido pelo autor

Ao utilizar as palavras “médicos” e “cubanos” no mecanismo de busca dos jornais *Gazeta do Povo* e *Carta Capital*, com um filtro temporal de 2013 a 2023, um variado número de matérias foi disponibilizado. Após isso, utilizamos as três regularidades para buscar marcas discursivas nos títulos das matérias, que tratassem de elementos integrantes do dispositivo de hos(ti)pitalidade, como a questão da origem territorial e a xenofobia, questões raciais e trabalhistas e elementos sobre a formação e capacidade de atuação dos médicos cubanos. O número máximo de matérias para cada regularidade foi definido, são sete. No entanto, foi possível perceber que nem todas as regularidades atingiram esse número de matérias. Logo, dentre as matérias levantadas há uma predominância do jornal *Gazeta do Povo*, que tratou mais sobre o assunto, e o aparecimento de mais elementos de hostilidade do que de hospitalidade.

Além das regras de constituição do *corpus* foi preciso delimitar duas regras de análise para que um número de enunciados menos abrangente pudesse ser analisado de forma mais aprofundada. Sendo elas:

Quadro 5: Regras de constituição das análises

1	Compilar, organizar e analisar os títulos das matérias selecionadas
2	Analisar parte do corpo do texto de pelo menos duas das sete matérias selecionadas por regularidade/eixo

Fonte: produzido pelo autor

Assim, a partir de critérios delimitados se construiu um *corpus* com materialidades jornalísticas de gêneros diversos, incluindo editoriais, notícias e artigos de opinião, além de elementos semióticos com imagens, recortes de falas e textos. Os trechos das notícias foram escolhidos conforme o aparecimento das mesmas marcas de regularidade definidas

previamente. O *corpus* é analisado em uma perspectiva discursiva, ancorada nos trabalhos de Michel Foucault. Além das análises feitas a partir de textos jornalísticos retirados dos jornais *Gazeta do Povo* e *Carta Capital*, também mobilizamos um diálogo e intersecções com notícias de outros jornais, artigos e livros.

A seguir, o capítulo dois reflete sobre a estrangeiridade ao analisar questões ligadas à alteridade historicamente. Do repúdio aos nascidos em outros territórios na Grécia antiga, passando pela exploração de povos indígenas e africanos durante o período de colonização, até a ojeriza aos cubanos, calcada em polarização política e no medo/ódio ao comunismo.

2. BREVE ARQUEOGENEALOGIA DA ESTRANGEIRIDADE

[...] na Análise do Discurso, o enfoque de análise a que é submetido o discurso é condicionado pelos interesses do analista, porém neste momento de desenvolvimento da teoria discursiva as análises já não se desenvolvem em uma ilha, pois não raramente fazem apelo a outros enfoques. O discurso não pode jamais ser considerado objeto de estudo de uma única disciplina e a Análise do Discurso, ao investigá-lo, deve necessariamente colocar-se como uma disciplina fronteira (Sargentini, 1999, p.44-45).

Neste capítulo, traçamos uma série de reflexões sobre os sentidos do termo *estrangeiro* em diferentes usos e períodos. Para isso, o trabalho se fundamenta na compreensão de três ordens de sentido sobre o estrangeiro e a estrangeiridade, apontadas por Ribeiro (2022), e instituídas em três períodos diferentes. A primeira, diz respeito aos sentidos clássicos, orientados por sociedades ocidentais como as gregas e romanas (Baslez, 2008; Charleaux, 2022; Kristeva, 1994); a segunda, está inserida em reflexões e análises sobre os sentidos de *estrangeiro* no processo de colonização (Almeida, 2019; Lesser, 2015; Todorov, 1999); e a terceira, em sentidos discriminatórios e excludentes sobre os estrangeiros a partir da emergência de acontecimentos mais contemporâneos (Albuquerque Jr., 2016; Pereira, 2019; Ribeiro, 2022). Os três períodos investigados - clássico, colonial e contemporâneo - são parte de escolhas metodológicas da pesquisa. No entanto, existem diversas outras opções para investigar a questão.

Para contemplar esses diferentes pontos o capítulo foi dividido em quatro seções, a saber: 2.1) *Os bárbaros, os metecos e a estrangeiridade*, abarca reflexões sobre o uso dos termos “bárbaro” e “meteco” na função de designador de estrangeiros na idade clássica, em Roma e Grécia; a 2.2) *Os selvagens: estrangeiros na história do Brasil*, é focada em estudos sobre o período colonial, a “estrangeirização” de indígenas e africanos, e a vinda de diversos imigrantes para o território brasileiro antes e no pós-abolição da escravatura; a 2.3) *Os estranhos são os outros*, reflete sobre a estranheza frente às características do estrangeiro, além de tratar de diferentes categorizações impostas a eles; e por fim a 2.4) *Os estranhos comunistas: medo e rejeição*, recorta a questão da estrangeiridade e específicas reflexões em torno da relação entre brasileiros e cubanos.

O objetivo deste capítulo foi constituir um arquivo sobre a estrangeiridade. Ao utilizar o método arqueogenealógico de Foucault ([1969] 2020, [1976] 1988, [1979] 2023) tratamos das regras que possibilitam determinadas práticas discursivas, mas também dos jogos de força que exercem poder nas práticas sociais.

Seria a língua um fator primeiro para a rejeição a estrangeiros? Ou seriam os costumes? As vestimentas e os adornos? Ou ainda, os traços fenóticos? O medo está relacionado à rejeição a estrangeiros? Se sim, que tipo de medo seria esse? É do próprio estrangeiro ou de possíveis mudanças que ele pode ocasionar? Se há diferentes modos de ser estrangeiro será possível descrever os elementos que os constituem e os distinguem? Afinal, há um estrangeiro “ideal”? Nas sociedades ocidentais o estrangeiro é comumente relacionado ou definido como alguém que nasceu fora de um determinado território ou àquele que veio de outro lugar (de outro país), mas será esse o único modo de ser estrangeiro?

As reflexões dispostas neste capítulo traçam algumas hipóteses para essas questões, além de constituir um arquivo com diferentes dizeres sobre o estrangeiro. Para Ribeiro (2021), *estrangeiro* e *estrangeiridade* não se confundem, pois, o primeiro é constituído pelo discurso, é caracterizado pela diferença, enquanto a segunda está na ordem dos saberes, do que se diz sobre o estrangeiro. Essa diferenciação é importante para compreensão das reflexões deste capítulo.

Segundo Jacques Derrida (2003), a pergunta sobre “a questão do estrangeiro” deve perpassar primeiro sobre o próprio estrangeiro, antes do tema, do conceito, devemos pontuar “ele” como o início, é uma questão de estrangeiro, vinda do estrangeiro, aquele que coloca a primeira questão ou a quem se endereça ela. A hospitalidade, nesse sentido, é aquela que questiona o estrangeiro para que, assim, ele possa ter direitos. Logo, ele deve aceitar ser questionado. É um pacto sem direito à reciprocidade (Benveniste, 1969). Como se fosse a testemunha de um tribunal o estrangeiro é interrogado e para iniciar (ter a possibilidade de ser acolhido) ele deve dizer seu nome, provar sua identidade.

A alteridade que marca diferenças entre o estrangeiro e o nacional pode ser constituída por variados elementos e durante a história a criação de símbolos que reforçam a união de um determinado grupo e o distinguem de outros é recorrente. Seja por meio de bandeiras, músicas ou vestimentas a constituição da diferença entre determinados grupos é marcada e por vezes exacerbada, causando estranhamento e hierarquizações.

Pode ser que o estrangeiro determine a si mesmo enquanto tal, pode ser que o sujeito seja lido socialmente enquanto estrangeiro, há ainda outras possibilidades, do ponto de vista pessoal ou a partir da visão do outro. Como vimos no capítulo anterior, ao cunhar o conceito de “hostipitalidade”, Derrida (2001, 2003) refletia sobre o termo *hospes*, advindo do latim, e que deu origem a palavras como hóspede, hospedeiro e hospitaleiro; junto a isso, o autor também estudava sobre a palavra *hostilis*, de origem latina, e que deu origem a termos como hostil e hostilidade. Estão postos, então, dois laços, o do estrangeiro e o da

hospitalidade/hostilidade, que se entrelaçam durante todo esse trabalho, ora com mais proximidade até parecerem um só e ora lado a lado, mas seguem com o mesmo objetivo: investigar o funcionamento discursivo da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, em análise de jornais *on-line*, a partir do conceito de dispositivo de Michel Foucault.

O método arqueogenealógico, que, enquanto episteme, teoria e técnica de pesquisa combina “tanto uma análise arqueológica, que preserva um certo afastamento do discurso, quanto uma análise genealógica, que parte do interior das práticas discursivas e culturais” (Ferreira; Paixão; Oliveira, 2022, p. 87) nos auxilia na compreensão dos processos de formação dos discursos, ou seja, no que possibilita sua emergência.

Seguimos a “lente” foucaultiana com os movimentos metodológicos da análise do discurso para nos auxiliar, nos amparando nos discursos e suas unidades mínimas de análise, os enunciados, enquanto sistemas de dispersão e se afastando da ideia de uma história linear e contínua ou de uma análise que pretenda chegar a verdades universais.

Retomamos as questões sobre o discurso, tratadas no capítulo anterior, para compor um arquivo sobre a estrangeiridade, estabelecido a partir dos termos *bárbaro*, *selvagem*, *(i)migrante*, *estranhos*, *estrangeiros* e *comunistas* em alguns usos e seus sentidos na historicidade. Em *A arqueologia do saber* ([1969] 2020), ao tratar das formações discursivas, Foucault descreve algumas hipóteses formuladas na tentativa de compreender as relações entre enunciados. Sobre isso Foucault diz:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistemas de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva [...] (Foucault, [1969]2020, p.47).

Para pensar a estrangeiridade a partir de uma proposta foucaultiana, construímos um percurso metodológico que recorre às continuidades e descontinuidades na história, observamos mutações sofridas pelos discursos sobre o estrangeiro. O que aconteceu para que determinado enunciado emergisse? Quais condições possibilitaram o aparecimento de determinados enunciados sobre o estrangeiro e não outros em seu lugar? São questões que nos levam a análise de enunciados que emergem em determinado momento histórico e se desfazem em outros, marcando acontecimentos na história e, posteriormente, carregando novos sentidos, ao mesmo tempo em que se produzem padrões sobre determinada temática e se observam regularidades. Passados esses primeiros apontamentos, partimos para reflexões sobre a

migração humana e suas motivações na história junto ao uso do termo *bárbaro* em civilizações antigas ou clássicas, como Grécia e Roma.

Sendo assim, o trabalho do jornalista João Paulo Charleaux, autor do livro *Ser estrangeiro: migração, asilo e refúgio* (2022), nos auxilia na compreensão de pontos centrais sobre os sentidos dos termos estrangeiro e bárbaro. Primeiro, Charleaux (2022) descreve os problemas de um bairro para exemplificar desafios sofridos por migrantes climáticos, como uma enchente, que força pessoas a saírem de suas casas e irem pedir ajuda em condomínios fechados. Os exemplos ajudam a compreender alguns dos problemas complexos sobre (i)migração e a (des)acolhida, como a xenofobia e a falta de suporte para adaptação de estrangeiros.

Salientamos que a questão sobre a migração humana não nasce na contemporaneidade, ao contrário, a ação de migrar é uma das características humanas que ocorre desde os primórdios e vem se atualizando durante os séculos, motivados por critérios ou interesses voluntários ou involuntários. Afinal, saber se adaptar é um fator essencial para a sobrevivência de todos os seres vivos da terra; a migração humana é tão natural como é a de animais, como a migração das baleias, a caminhada de elefantes, os voos das andorinhas em busca de melhores condições de vida e sobrevivência. Movimentar-se em busca de melhores condições climáticas, mais alimento, terras férteis ou pela segurança individual ou familiar está no cerne de atividades humanas durante a história. No início, por sobrevivência e posteriormente para expansão de domínios territoriais e econômicos, exploração de terras, contatos entre culturas distintas, dominações políticas, turismo e etc. Pois, a “história da humanidade é de viagens, migrações, choques, encontros e desencontros” (Charleaux, 2022, p.11).

Se seguirmos a lógica utilizada por Charleaux (2022), também podemos pensar em exemplos cotidianos: como o ambiente escolar, em que o aluno que tem dificuldade para enxergar o quadro de atividades se move de lugar para ter uma visão melhor ou no universitário que mora no interior e vai a capital do estado para cursar uma faculdade. Assim, compreendemos que a mudança de um lugar para outro, desde as mínimas movimentações até as mais extensas e forçadas, fazem parte da condição humana em luta pela sobrevivência e bem estar, direitos humanos e uma vida melhor. Além disso, na natureza, os animais também são impactados pelas mudanças, eles se movimentam conforme as estações, temperaturas, em busca de alimento, água ou a própria flora, que se adapta a novas condições, estão em constante mudança e adaptação. Como reitera o autor da seguinte forma:

Durante muitos séculos. Nós, animais humanos, também nos movíamos pelo globo. Ao sabor das inundações e das secas, do verão e do inverno, ou mesmo movidos pela curiosidade e pela ambição de subir em montes mais altos, de ver o que havia além daquela ilha, daquele vale, nós e nossas famílias, nossos amigos e nossos vizinhos também empreendíamos longas jornadas marcadas por um instinto maior de sobrevivência. Desde a época em que vivíamos em cavernas, esse instinto nunca nos abandonou. Ao contrário, ele foi fundamental para que chegássemos aos dias de hoje. (Charleaux, 2022, p.13).

Ao longo dos séculos, as sociedades humanas e seus diferentes modos de vida foram se modificando. O desenvolvimento de comunidades mais complexas possibilitou a fixação de grandes grupos em determinados territórios por períodos cada vez mais longos. A construção de moradias duráveis e que protegiam os humanos das mudanças naturais de temperatura, de animais e elementos da natureza se tornaram mais comuns. A tecnologia possibilitou acessos mais rápidos e fáceis a alimentos (não com possibilidade de acesso para todos). Mesmo antes disso, grupos de humanos já se dividiam e determinavam a posse de determinados espaços, se organizavam no plantio, conservação e proteção de seus alimentos, e também entravam em conflito por territórios. Todos esses elementos fizeram com que grupos distintos se estabelecessem em determinadas áreas e se afastassem de outras.

2.1 Os bárbaros, os metecos e a estrangeiridade

Os contatos entre diferentes grupos e comunidades, assim como hoje, nem sempre ocorriam de forma pacífica. Há mais de dois mil anos, a hostilidade contra ou dirigida a um grupo distinto de pessoas também fazia parte dos choques culturais e disputas por território. No Império Romano, por exemplo, “todo estrangeiro era um inimigo por sua própria natureza” (Charleaux, 2022, p.34), mesmo que não oferecesse qualquer tipo de perigo ou cometesse atos hostis, pelo simples fato de ser de outro território, o estrangeiro era um “inimigo em potencial” (Charleaux, 2022).

A sociedade Romana estendia seus domínios em um constante movimento de ampliação e disputa por territórios. As batalhas dividiam os povos entre os já conquistados e subjugados pelos romanos e os que ainda seriam. O poder militar dirigia sua força com a intenção de vencer e ocupar novas áreas, incorporando os cidadãos sobre seu domínio e proteção, sob a exigência de pagamento de impostos. Essa organização social em constante

mudança era permeada por choques culturais. Os diferentes povos que se movimentavam pelo continente, sejam eles *vândalos*, *anglos*, *visigodos*, *ostrogodos* e outros eram vistos como “bárbaros”. A palavra, em grego antigo, significa “estrangeiro” ou “o que não fala grego” (Charleaux, 2022) e designava o oposto dos gregos, vistos como cidadãos superiores.

O termo *bárbaro* (βάρβαρος), advindo do grego e posteriormente traduzido no latim *barbarus*, foi sistematicamente usado por autores como Sófocles, Ésquilo e Eurípidas para designar aquele que é “incompreensível”, “não-grego”, “excêntrico”, “inferior”. Segundo Julia Kristeva, autora da obra *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), o uso da palavra remonta também à designação “barbarofonos”, aplicada por Homero aos naturais da Ásia menor que combatiam com os gregos e, possivelmente, cunhada a partir de onomatopeias imitativas como as “bla-bla” e “bara-bara”.

Então, não ser grego ateniense, na visão dos sujeitos pertencentes a esse grupo, configurava o espectro de sujeito estrangeiro na idade clássica. A designação desses enquanto bárbaros, não falantes do grego, limitava a compreensão de sua existência a àqueles que não pertencem a um determinado grupo, não gregos (Ribeiro, 2022). Essa questão também é tratada, no livro *Xenofobia e intolerância linguística: discursos sobre a estrangeiridade e hostilidade brasileira* (2022), pelo linguista Jocenilson Ribeiro, ao refletir sobre uma possível compreensão de “bárbaros” enquanto sujeitos irracionais, animalizados, que são indignos de hospitalidade; são os que não se comunicam de forma inteligível. O autor conclui “que os estrangeiros incompreendidos, nessa concepção, são desumanizados, a começar pela língua, ou melhor, pela negação de sua língua e seus significados” (Ribeiro, 2022, p. 63).

A concepção de que os “bárbaros” não sabiam se comunicar e de que grunhiam ao invés de produzir significações em sua língua faz parte de uma série de usos e sentidos utilizados durante a história. Entre elas estão também as categorizações de *selvagem*, não civilizado e violento. Todos esses usos, comumente utilizados em sociedades e em períodos posteriores aos das sociedades romana e grega da antiguidade, promovem valores negativos ao termo.

Na esteira da *estrangeiridade*, que se amplia na prática de sentidos para além da definição do termo como *qualidade* ou *condição do que é estrangeiro*, não se ligando somente ao que dá qualidade ou condição a aquele que vem ou é de outro país, mas também a pluralidade implícita em seu sentido. Concordamos com o que pensou Kristeva (1994) sobre o estrangeiro que está em todos nós e como o olhar ou o sentimento de encontro com a diferença permeia

essa definição. Nesse escopo de particularidades, definição e momento histórico estão também as discussões sobre a recepção ao estrangeiro, questão tratada por Derrida em estudos sobre a hospitalidade (2001, 2003), no primeiro capítulo, e que nos servem para pensar as restrições e regras impostas ao sujeito não pertencente à pólis¹⁵, determinantes na questão sobre alteridade e no que tange uma separação entre os “de fora” e os “de dentro”.

Enquanto os *bárbaros* eram considerados inimigos em potencial e não poderiam receber a “acolhida” grega, os *metecos* (do grego *Méτοικος*) eram os estranhos (estrangeiros) aceitáveis, eles poderiam viver entre os cidadãos gregos, mas a partir de condições específicas, não tendo direito à propriedade, por exemplo, e nem ao casamento com cidadãos atenienses (Baslez, 2008; Kristeva, 1994; Ribeiro, 2022). É o que Derrida (2003) trata enquanto “hospitalidade condicionada”, aquela que “acolhe”, mas não sem restrições. No caso dos *metecos* além de não serem considerados cidadãos políticos e não terem direito a voto, a função primordial dos estrangeiros residentes era ligada ao trabalho - exercendo funções como professor, comerciante e artesão - os sujeitos pagavam altos impostos para trabalhar e residir em Atenas (Ribeiro, 2022).

Na organização social que estabelecia hierarquias na sociedade grega, os escravos estavam na base da pirâmide social, sem quaisquer direitos sobre a cidadania grega. Acima deles estariam as mulheres, não consideradas dignas de estabelecer posições sociais relevantes ou de direitos políticos, e então viriam os *metecos*, estrangeiros com um importante papel econômico, mas sem direitos ou o status de cidadão. Enquanto no topo da pirâmide social estariam os cidadãos plenos, em sua maioria, homens nascidos na Grécia e com direito a voz política e social, a terras e ao casamento, como explica Fábio Augusto Morales em parte de sua dissertação: *A Historiografia Sobre os Metecos Atenienses nos Séculos XIX E XX*¹⁶.

Entre os *bárbaros* vistos como inimigos e os *metecos* que viviam e trabalhavam entre os cidadãos atenienses estão dois tipos de estrangeiros: o primeiro, que deveria ser conquistado e subjugado, rechaçado por sua estrangeiridade, e o segundo, que era aceito no novo território, mas que era visto e tratado de maneira distinta dos demais sujeitos, não sendo um cidadão de direitos plenos. As relações sociais que emergem demonstram, então, pontos que diferenciam

¹⁵ A pólis (plural: poleis) era o modelo das antigas cidades gregas, estruturado entre o período arcaico até o período clássico. Devido às suas características, o termo pode ser usado como sinônimo de cidade-Estado. Mais informações disponíveis em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/09525413022012Historia_Antiga_I_aula_6.pdf

¹⁶ Morales, Fábio Augusto HOMO OECONOMICUS: A Historiografia Sobre os Metecos Atenienses nos Séculos XIX E XX, parte da Dissertação de Mestrado do autor intitulada A Democracia Ateniense pelo Averso: os Metecos e a Política nos Discursos de Lísias, defendida na FFLCH-USP em 2009.

os sujeitos advindos de outro território, pois, além de não serem iguais ao grupo que se considera como original, eles são divididos: alguns como inimigos e outros como “aceitáveis” dentro de regras estabelecidas.

Na próxima seção, apresentamos algumas reflexões sobre o período colonial e pós-colonial do Brasil, principalmente em torno do uso do termo *selvagem*. É de nosso interesse observar termos como *bárbaros*, como já apresentado, e *selvagens*; comumente utilizados em momentos da história para designar aquele que vem de outro território ou em referência a aquele que é identificado como parte de outro grupo. Entre questões linguísticas e históricas estão reflexões sobre violências e estados de sujeição impostos aos povos indígenas e africanos, estudos sobre similitudes etimológicas entre termos como escravo e estrangeiro e a vinda de diversos imigrantes de nacionalidades distintas para o território brasileiro no período pós-abolição da escravatura.

2.2 Os selvagens: estrangeiros na história do Brasil

O livro *O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil*, organizado por Alexander Gaiotto Miyoshi (2010), contém textos de diversos autores que refletem sobre um panorama que está entre a barbárie e a civilidade na história do território nacional. A obra perpassa por estudos e análises de fotografias de povos indígenas, quadros que retratam o encontro entre o colonizador e o colonizado, textos e outros objetos de análise. O interessante para nós está nas análises e reflexões sobre *a visão do europeu enquanto sujeito universal* e nas práticas que determinavam o que era *selvagem* e o que era *civilizado*. Para José Alves de Freitas Neto¹⁷, um dos autores presentes no livro, políticos e escritores estabeleceram programas que buscavam difundir socialmente o que deveria ser superado e o que deveria ser buscado para constituir uma sociedade *civilizada*. Entre o que era tido como selvagem e civilizado, estão povos distintos e suas maneiras de se organizar socialmente, o que nos leva a refletir nesta seção sobre a questão da estrangeiridade no período colonial.

A estrangeiridade, no período colonial do Brasil, perpassa por tipos distintos de concepções sobre o que é ser estrangeiro e quem é estrangeiro. As circunstâncias para o deslocamento massivo de humanos são diversas, e o modo como se lê a estrangeiridade nesse

¹⁷ José Alves de Freitas Neto é autor do capítulo: *Bárbaros e Civilizados: representações de uma América em construção*, presente no livro *O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil* (2010).

período também o é. Com a vinda das caravanas portuguesas para o território que hoje compreendemos como Brasil, a chegada dos colonizadores empreendeu, primeiramente, a negação da estrangeiridade, pois são os portugueses que ao desembarcarem em um novo território não se vêem como estrangeiros, estranhos ou como diferentes, menos ainda enquanto deslocados ou inadequados, para eles, o diferente é o outro, os *índios*¹⁸(Ribeiro, 2015).

O termo *selvagem* foi utilizado para empreender os interesses dos colonizadores como coerentes. Os portugueses, sujeitos *civilizados*, deveriam auxiliar na mutação, evolução e salvação dos povos originários (e posteriormente dos povos africanos), considerados sujeitos *selvagens*. Os povos indígenas, hoje denominados assim, tiveram seus modos de vida e cotidiano julgados como inferiores e arraigados ao atraso, segundo a visão colonialista. Além disso, o interesse dos colonizadores pela exploração do território culminou na teoria de *homens-objeto*, que poderiam ser usados como força de trabalho sem remuneração (Mbembe, 2018).

O apagamento de saberes de povos originários é uma problemática que atravessa o tempo, fruto de disputas de poder e do sistema de escravização, exploração e genocídio de povos indígenas e africanos (Ribeiro, 2015; Almeida, 2019; Sá, 2022). A visão de um estilo de vida como único possível ou o melhor é comum nas sociedades. A exemplo do não respeito ao estilo de vida de povos indígenas ou do rechaço a elementos culturais de estrangeiros. A xenofobia está estruturada na rejeição a simbolismos culturais e territoriais distintos, mas também no racismo que dizimou os povos originários com a invasão portuguesa e espanhola na América Latina desde o final do século XV.

Foucault (2020) trata das descontinuidades e das regularidades no discurso, também da não linearidade, rejeita uma progressão absoluta rumo a algo perfeito. É interessante refletirmos que o uso do termo *bárbaro* para designar pessoas nascidas em outros territórios, que não o da Grécia antiga, estava ligado a determinadas condições de emergência, que possibilitaram determinados sentidos. O uso do termo *selvagem* para designar povos indígenas e africanos está ligado a outras condições de emergência e outro período. Enquanto para os gregos os *estranhos* de outro território não falavam uma língua inteligível e não eram dignos de serem cidadãos plenos para os europeus os *selvagens* não eram *civilizados*, deveriam ser dominados porque não sabiam se governar, catequizados porque não conheciam o “verdadeiro Deus”.

¹⁸ Escolhe-se “índios” ao invés de “indígenas”, nesse caso, por se tratar de uma referência colonial à imagem dos povos indígenas como homogêneos. Hoje utiliza-se “povos indígenas” como forma de nomear grupos diversos.

Há, no contato inicial entre europeus e povos originários, um paradoxo entre quem é o “estranho”, quem é visto ou acionado como o “diferente”, o “outro”, (quem é o estrangeiro?) (Todorov, 1999). Apesar dos indígenas – hoje denominados dessa maneira¹⁹ – já estarem habitando o território nomeado como as “Américas” quando os europeus aqui chegaram, a relação de escravização e violência imposta sobre os povos originários constituiu a imagem do europeu como modelo, o sujeito universal, sábio e original. Em contraponto ao sujeito universal europeu, estariam todos os outros sujeitos – sejam eles pertencentes a quaisquer marcadores como indígenas, africanos, asiáticos etc. – e conseqüentemente suas características linguísticas, físicas, culturais e organizacionais, que eram marcadas como inferiores em relação às do europeu colonizador.

Ditar o europeu como *sujeito universal*, dotado de sabedoria e civilidade, está relacionado a pelo menos dois regimes de saber (Foucault, 2006a, 2023), o científico e o religioso. Enquanto o saber científico criava teorias de divisão entre raças, de inteligência sobre os europeus e de irracionalidade para povos como os africanos; o saber religioso dizia que os colonizadores eram os povo *escolhido por Deus*, com o aval da igreja se permitia escravizar e catequizar outros povos (Galeano, 2022).

Compreendemos que no contato entre europeus e povos originários houve reações de estranhamento de ambos os lados (Miyoshi, 2010). No entanto, um determinante crucial nessa relação fez com que um fosse o inferiorizado e o outro supervalorizado, a violência, já que por meio da dominação e pelo estabelecimento de noções de superioridade/inferioridade e bom/ruim, organizou-se uma relação de desigualdade entre esses sujeitos em contato (Krenak, 1999; Ribeiro, 2015; Santos, 2022). O paradoxo dessa relação, então, se estabelece a partir da ocupação desses grupos no mesmo espaço a partir de “olhares de estranhamento” acionando os povos indígenas, os “originais” do território enquanto os sujeitos “estranhos”. Apesar de ambos os grupos sentirem estranhamento nas características do outro, são os portugueses que impõem seu estilo de vida e visão de mundo sobre a organização dos povos originários. Neste caso, o “estranho” de outro território se impõe como superior ao “estranho” que já habita aquele espaço através da violência.

¹⁹ Márcia Mura, doutora em História Social pela USP, explica que o termo 'índio' carrega ideias ultrapassadas e genéricas e não abrange a diversidade que existe entre os povos originários, em matéria veiculada no portal G1 com título *Índio ou indígena? Entenda a diferença entre os dois termos*. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/04/19/indio-ou-indigena-entenda-a-diferenca-entre-os-dois-termos.ghtml>. Acesso: 25/03/2024.

A “régua” que media o que era certo ou não partia das dinâmicas vivenciadas na sociedade europeia, que organizava aquilo que sua população consumia, além de seu modo de venda, compra e troca de excedentes. O discurso pastoral também ditava regras de comportamento nessas sociedades. Logo, quem não reproduzia esse mesmo processo era visto como pertencente a uma sociedade inferior. Mas ao contrário do que os europeus pensavam sobre os indígenas, Clastres (2003) pontua que as organizações desses povos não configuravam uma economia de subsistência e estavam longe da miserabilidade, pois, “não só o homem das sociedades primitivas não está de forma alguma sujeito a essa existência animal que seja a busca permanente para assegurar a existência, como é ao preço de um tempo de atividade notavelmente curto que ele alcança - e até ultrapassa - esse resultado” ([1974] 2003, p.7).

O modo organizacional indígena de consumo baseava-se sobretudo na agricultura, caça, pesca e coleta e resultava na alimentação de seu grupo e em excedentes utilizados em festas e visitas de outros grupos. Assim, seu estilo de vida e tecnologias possibilita um tempo ocioso maior do que aquilo considerado benéfico na visão dos europeus, para eles os indígenas eram *preguiçosos*, enquanto que para os indígenas não fazia sentido produzir um quantitativo de excedentes maior do que eles consumiam ou acumular produtos.

Para Clastres, há uma “imagem antiga, sempre eficaz, da miséria dos selvagens” ([1974] 2003, p.4) que continua se alimentando das diferenças de organização social para inferiorizar sociedades, como as indígenas, e invalidar seu estilo de vida e seus saberes. Há, nesse sentido, uma concepção de que tudo que é produzido por esses grupos possui um valor menor socialmente, a exemplo de suas tecnologias, vistas como técnicas menos produtivas e arraigadas no atraso. No entanto, os mecanismos utilizados pelos povos antigos ou pelas comunidades indígenas, que continuam em resistência pelo mundo, demonstram a capacidade de satisfazer as necessidades de seu grupo, e é isso que define sua importância.

Os discursos sobre o “índio” e seu modo de ser objetivado (Foucault, 1988; 2006a) são constituídos diante do olhar social que os empreende enquanto sujeitos selvagens, sem civilidade, sem alma, sem saber relevante, homogêneo, além da utilização desses sujeitos de modo utilitário e violentamente comercial durante séculos. Em convergência com o conceito de “poder pastoral”, de Foucault ([1979] 2023), que nomeia o projeto de dirigir os homens, do nascimento até a morte, por meio de suas condutas e da moralidade em ações que podem gerar sua “salvação eterna”, pode-se deslocar o pensamento foucaultiano para vistas do período colonial e uma ótica sobre a violência, imposição e dominação do “índio” já na colonização, com a ideia de cristianismo e imposição de uma religiosidade, de uma única fé como verdadeira.

Segundo Schwarcz (2000), o pensamento científico do século XV estabelecia práticas divisórias entre aqueles considerados humanos e não humanos, selvagens e incivilizados, que não poderiam se autogovernar. Além disso, também se estabeleciam parâmetros de comparação e hierarquização, como a desvalorização de comunidades ágrafas, que partilhavam seu conhecimento de forma oral.

Posteriormente, o *selvagem* também passa a ser outro sujeito, os africanos, a partir dos interesses europeus, que continuam a centralizar seu sujeito enquanto universal e *civilizado* (Bechelli, 2017) e que ditam, a partir de uma visão única, que outros grupos são inferiores. O método de violência e dominação criado perdura até a atualidade, a partir de outros mecanismos, mas estruturado na criação da raça e do racismo como sistema de inferiorização (Carneiro, 2023). Para se utilizar dos povos africanos enquanto mercadoria, institui-se a ideia de raça inferior e superior, a cor da pele dos sujeitos e outras características fenotípicas são o que os colocam como *culpados* de serem quem são (Santos, 2022).

O uso da força de trabalho vinda da África torna-se imensamente mais lucrativo do que a do trabalho indígena, principalmente por sua quantidade. As viagens atlânticas que levaram forçosamente povos africanos para as terras brasileiras e outras se tornaram cada vez mais frequentes, com características próprias e artifícios desumanizadores, como explica o filósofo Achille Mbembe. Segundo o camaronês:

[...] quando, em proveito do tráfico atlântico (do século XV ao XIX), homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda. Aprisionados no calabouço das aparências, passaram a pertencer a outros, hostilmente predispostos contra eles, deixando assim de ter nome ou língua própria. (Mbembe, 2018, p. 14)

Mbembe nos ensina que a desumanização dos povos africanos lhes permitiu o uso de seus corpos, força e vida pelos portugueses, criando a dinâmica de violência em que um é o que possui, o português, e o outro é aquele tido como posse, o africano, sem que haja ressentimento ou objetivo que não seja o lucro para a metrópole. A partir de um olhar mais contemporâneo sobre esse momento histórico podemos visualizar o sujeito africano, que forçadamente chegou ao Brasil para ser explorado, como um estrangeiro-forçado do período colonial, que por vias não condizentes a seu controle foi deslocado de seu território nativo para outro sem que a ele fossem dadas escolhas.

Sem pretensão de julgamento ou anacronismo histórico, voltemos a 1825 para analisar, brevemente, um trecho de uma representação que pretendia ser destinada à Assembleia Geral Constituinte do então Império do Brasil, sobre o tema da escravatura²⁰. O texto escrito por José Bonifácio de Andrade e Silva, cientista e político brasileiro que teve um papel de destaque no processo de independência do Brasil, não chegou a ser enviado à Assembleia e foi posteriormente publicado. O trecho diz:

[...]não façamos aos outros o que queremos que não nos fação a nós. He preciso pois que cessem de huma vez os roubos, incêndios, e guerras que fomentamos entre *os selvagens* d'Africa. He preciso que não venhão mais a nossos portos milhares e milhares de negros, que morrião abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda: he preciso que cessem de huma vez todas essas mortes e martirios sem conto, com que flagellavamos e flagellamos ainda esses desgraçados em nosso próprio território. (Moraes, [1825] 2010, p.7-8, destaque nosso)²¹

Vejamos, o texto escrito durante o período imperial do Brasil (1825), em meio a discussões e lutas de resistência dos povos africanos contra a manutenção da escravidão, pretendia fomentar apoio ao fim dessa era; no entanto, não chegou a ser enviado à Assembleia. A palavra *selvagens*, utilizada no texto, referencia os sujeitos escravizados vindos forçosamente do continente africano. O termo naturalizado à época para se referir a esses povos demonstra a ampla ideia disseminada socialmente de que esses sujeitos eram selvagens e mesmo quem defendia o fim da escravização era atravessado por esse discurso. Para Courtine (2014), é um risco sempre corrente a redução de uma análise do discurso somente à língua, já que temos nela uma materialidade, no entanto, um campo de estudos interdisciplinares como esse nos permite pensar uma relação do linguístico com aquilo que é exterior à língua. Como no caso do uso da palavra *selvagem* e seu contexto histórico, social e político. Como a palavra passa a ser a definição de um sujeito, que é mais que uma palavra, se tornando a construção de sentidos sobre esse sujeito.

A expansão econômica mercantilista europeia, que chegou ao “novo mundo”, juntou europeus com indígenas e africanos, não como iguais, mas como seres que precisavam ser

²⁰ Representação à Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil Sobre a Escravatura. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518681/000022940.pdf?sequence=7&isAllowed=y>. Acesso em: 22/04/2024.

²¹ imagens do documento original estão em anexo.

catequizados e socializados aos moldes da vida europeia. Com efeito, a disseminação da visão dos povos nativos como ignorantes, sem saberes válidos e que precisam ser comandados foi se constituindo ao longo das décadas. Sobre as consequências da invasão europeia, no que hoje entendemos como território brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda (1995) diz:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra (Buarque de Holanda, 1995, p. 31).

Buarque de Holanda (1995) trata de um paradoxo existencial do brasileiro, aquele que é estrangeiro em sua terra. Para os povos indígenas e quilombolas essa prerrogativa tem uma intensidade ainda maior, já que a sociedade contemporânea os vê sempre como os outros. Para eles, termos como *selvagens*, *preguiçosos* e *estranhos* continuam os referenciando.

A vinda forçada dos povos africanos escravizados para, até então, o que era uma colônia portuguesa, produziu outros tipos de violências, pautadas na diferenciação hierárquica que inferiorizava as culturas dos povos africanos, sua cor de pele e línguas maternas. A resistência e as lutas por direitos sempre estiveram instituídas durante esse período, como as fugas de escravos, a criação de quilombos que organizaram estruturas sociais de escravizados fugidos e revoltas constantes (Nascimento, 2019).

Ainda que haja similitudes entre os modos de exploração e designação dos povos indígenas e africanos no período colonial é importante compreender também como esses sujeitos foram objetivados (Foucault, 2009) de modos distintos. O trabalho forçado de povos indígenas e o contato com diversas doenças causou muitas mortes, além disso um nível de produtividade menor do que o desejado pelos europeus os objetivou como *selvagens* e *preguiçosos*. Já os povos africanos foram objetivados como *selvagens* e *fortes*, aqueles que poderiam suportar dor física e trabalhos exaustivos (Schwarcz, 2000). Esses processos de objetivação vão emergindo de maneiras distintas na colonização, na república e na contemporaneidade com os descendentes desses grupos e comunidades.

Segundo Abdias Nascimento (2019), a colonização portuguesa e espanhola nas “Américas” foi conduzida, principalmente, por homens que migravam sem suas famílias.

Enquanto em territórios de colonização e escravização anglo-saxões havia um número mais equilibrado entre homens e mulheres migrantes, no território de colonização portuguesa os viajantes, em sua maioria, não foram acompanhados por suas mulheres. O autor explica que as relações sexuais dos colonizadores no novo território não se davam a partir de contatos harmoniosos e consensuais, mas sim por meio do estupro e abuso de escravizadas negras e indígenas.

O fator de miscigenação entre portugueses, africanos e indígenas foi, ao longo da história, utilizado como explicação para uma suposta harmonia racial entre os brasileiros. Livros como *Casa Grande e Senzala* ([1933] 2001), de Gilberto Freyre, e *Os Negros no Brasil* (1945), de Donald Pierson, são exemplos de obras que minimizam-- os conflitos raciais que ocorreram na história da nação brasileira. Para Abdias Nascimento (2019), é importante não esquecer que a miscigenação brasileira nasce do estupro de mulheres escravizadas e que, posteriormente, é usada como política de embranquecimento. O autor assim explica:

Miscigenação em termos de encontro espontâneo e livre fusão entre pessoas de origens diferentes é uma coisa; outra bem diferente é aquela miscigenação que começa com o estupro brutal do branco contra a mulher negra escravizada, e tem prosseguimento na discriminação étnico-social contra o afro-brasileiro, tão mais definitiva quanto mais perto ele está de suas origens raciais, na cor da pele e outros atributos somáticos e culturais (Nascimento, 2019, p.114).

Entre a miscigenação forçada e o contínuo tráfico de pessoas, os colonizadores lucraram com a exploração de terras, com o trabalho escravo e com a venda e compra de seres humanos. Tudo isso de forma legal, com leis e agentes que asseguravam o direito de propriedade sobre pessoas. Várias nações enriqueceram a partir desse mecanismo de exploração, mas em 1807 o parlamento inglês decide pelo fim do tráfico de escravizados na Inglaterra e em suas colônias. Com a revolução industrial em curso, ideias, projetos e lutas pelo fim da escravidão se espalham pelo continente europeu (Santos, 2022).

No século XIX os movimentos abolicionistas, encabeçados pela Inglaterra, se espalham por outros territórios e o comércio escravista começa a ser fortemente questionado. Mesmo com a pressão da Inglaterra e de outros territórios para que o Brasil-colônia também acabasse com o comércio de escravizados isso não aconteceu e o tráfico ainda perdurou por várias décadas. A escravização legal de pessoas só teve fim em 1888, com a promulgação da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel. A pesquisadora Ynaê Lopes dos Santos, autora da

obra *Racismo brasileiro: uma história da formação do país* (2022), explica que o processo que desencadeou no fim da escravidão legalizada foi lento e gradual e assinado após pressão tanto de outras nações quanto de lutas recorrentes ocorridas no território. A autora ainda afirma que os donos de escravos exigiam indenizações pelo fim da escravidão e fomentavam o discurso de que isso acabaria com o comércio e as riquezas produzidas no território (Santos, 2022).

Já a população negra e indígena não teve direito a indenizações, foi deixada à margem da sociedade e tendo que enfrentar outros problemas, como a política eugenista no Brasil. As explicações das elites do século XIX para as migrações de europeus para o Brasil se ancoravam em explicações pseudo-científicas para caracterizar os povos “libertados” como inferiores, adotar uma política sanitária de limpeza das ruas, em meio a uma preocupação com doenças e constituir uma nova sociedade com imigrantes. Segundo Souza (2016), o projeto eugenista brasileiro é ancorado em um desejo da elite brasileira em constituir uma identidade nacional branca e civilizada, o problema, então, estaria na presença dos negros nas ruas e pelas cidades.

Após inúmeras lutas entre os povos escravizados e portugueses, acreditando que a população deveria ser menos negra para que o Brasil se tornasse o país do futuro, a elite presente no Estado iniciou um processo de embranquecimento dos povos que aqui viviam. O intuito, diziam, era tornar a população branca e o país moderno com a vinda de imigrantes europeus de diversas nacionalidades para o país, como evidencia Jeffrey Lesser, em *A invenção da brasilidade*.

Parte da elite brasileira do século XIX, portanto, adotou uma nova filosofia política e cultural no que dizia respeito à “raça”. O branqueamento, como eles diziam, significava que a população poderia ser fisicamente transformada, passando de negra a branca por meio da combinação de casamentos mistos e políticas de imigração. O “sangue” branco “forte” passaria a sobrepujar o dos não brancos “fracos” e a lei impediria a entrada de raças “fracas” (Lesser, 2015, p.41).

Conforme discussão de Lesser (2015), entendemos que esses atravessamentos culturais, econômicos e raciais ligados à formação do Brasil produzem uma estrutura que reverbera em como o estrangeiro é tratado até hoje, fazendo variações emergirem nos tratamentos entre as diferentes nacionalidades de imigrantes. No Brasil, por meio de sua constituição histórica, a xenofobia também pode passar por aspectos de relativização da identidade estrangeira tornando alguns sujeitos “aceitáveis” e outros não.

Segundo Foucault ([1976] 1988; 2008; 2023), o poder do Estado de fazer viver e deixar morrer, chamado de biopolítica, se centra na diferenciação entre os corpos, construindo uma dinâmica em que se rentabiliza, classifica e hierarquiza aqueles que estão sob sua tutela. Logo, ao se criar distinções entre uns e outros, como mais amplamente entre estrangeiros e nacionais, e mais estritamente entre os próprios estrangeiros ou entre os nacionais, se constituem assimetrias e diferenciações a partir de uma lógica de categorização do sujeito. Entre os estrangeiros, essa lógica está intrincada na condição de estrangeiridade na qual ele se classifica, a exemplo, se eles são turistas, se chegam ao país para suprir vagas de emprego específicas ou se estão em busca de empregos, se são refugiados ou se possuem poder econômico, se são brancos ou negros, de que país se originam, entre outras categorizações que vão diferenciar a experiência vivida dentro do Estado.

Após o fim da escravização formal, de modo legalizado, em 1888, se inicia um plano de povoamento do território brasileiro de modo mais abrangente e a constituição de uma ideia de nacionalidade, que incluía uma transformação dos povos que aqui viviam de modo cultural, econômico e racial. Para as elites, o que atrapalhava o desenvolvimento do país era a presença de uma “raça inferior” e o que tornaria o Estado um país do futuro seria a uniformização de uma sociedade aos moldes europeus (Schwarcz, 2000).

Se inicia então uma intensa campanha internacional para vender uma imagem do Brasil como um lugar de oportunidades, onde os estrangeiros poderiam viver bem e crescer economicamente. O intuito era cativar, principalmente, europeus e fazê-los migrarem para o país, construindo uma nova massa de trabalhadores brancos, o que condicionou a chegada de “mais de 5 milhões de imigrantes” (Lesser, 2015, p. 43) entre 1872 e 1972.

No entanto, várias questões que permeavam a vinda de imigrantes para o país se tornaram motivos de debates controversos. O primeiro era a constituição das nacionalidades que ocupariam o território, pois a vinda de portugueses continuava constante, mas não supriam a ocupação e força de trabalho necessária, era preciso “substituir” os trabalhadores africanos em fazendas por estrangeiros e ainda assim instituir uma imigração branca, vinda de outros territórios. O plano das elites, então, incluiu a vinda de trabalhadores italianos, espanhóis, alemães, chineses, japoneses, entre outros.

Entre as controvérsias à vinda de trabalhadores não europeus para o território brasileiro estão a chegada de chineses e japoneses, pois, enquanto uns se posicionavam a favor, por achar que esses estrangeiros iriam constituir uma força de mão de obra benéfica, outros eram

contrários, por acreditar que as características culturais dos estrangeiros não estariam em compasso com aquelas exigidas para a formação de uma unidade social evoluída. No caso dos alemães, ainda se valia a ideia de uma branquitude ideal, ao contrário dos chineses e japoneses que tinham seus traços fenotípicos e culturais rechaçados por grande parte da elite (Lesser, 2015).

Outro problema se instituiu após o início dos trabalhos nas fazendas, ao contrário do que se pensava, a transição de trabalhadores africanos para outros estrangeiros não ocorreu de modo harmonioso. As instalações precárias, pequenos salários, instituição de dívidas aos estrangeiros e maus tratos fizeram muitos decidirem retornar a seus países, fugidos ou não de fazendas, alguns também conseguiram enviar cartas aos seus territórios anteriores contando as situações de trabalho precário do Brasil, o que ocasionou uma queda na imagem do país como um bom lugar para viver e a diminuição de imigração (Lesser, 2015).

Na obra *Imigrante ideal* (2012), do historiador Fábio Koifman, se discutem questões sobre a imagem de estrangeiros indesejáveis e de estrangeiros ideais para o Brasil, a partir da análise de documentos do Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI), que funcionou entre 1941 e 1945. Entre outras questões, o autor também trata de uma assimétrica restrição na entrada de estrangeiros no Brasil durante a era Vargas (1930-1945)²² que, segundo as análises do historiador, privilegiava a entrada de portugueses e acabava dificultando a entrada de outros diversos estrangeiros.

Nessa época, apesar da livre imigração de portugueses para o Brasil ser composta por pessoas de posses econômicas modestas e pouca instrução técnica e cultural, havia exigências díspares se comparadas a outros estrangeiros, o que era justificado por uma vinculação portuguesa “à herança cultural e à afinidade étnica” (Koifman, 2012, p. 34). A política de restrição à entrada de outras diversas nacionalidades, segundo Koifman, levava em conta uma série de estereótipos sobre a condição econômica de certos estrangeiros e uma ampla ideia eugenista crescente no país, que condicionou a partir da constituição de 1934 restrições mais expressivas à entrada de estrangeiros (Koifman, 2012).

²² A Era Vargas durou 15 anos, **iniciando-se em 1930 e encerrando-se em 1945**. Os anos do governo de Vargas foram divididos pelos historiadores em três fases, que são: Governo Provisório (1930-1934) Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937), quando Getúlio Vargas implantou uma ditadura com censura e perseguição de opositores. A partir da década de 1940, ele inaugurou um projeto político de aproximação dos trabalhadores, mas o enfraquecimento de sua ditadura levou-o a ser deposto pelos militares, em 1945. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/era-vargas.htm>.

É interessante pensarmos na construção desse Estado-nação, hoje compreendido como território brasileiro, pelas mãos, suor e sangue dos povos indígenas e africanos. Apesar de construírem as bases do país que temos hoje, são sujeitos rechaçados socialmente, lidos como cidadãos de segunda classe, ainda como *selvagens*, por meio de outros moldes e acontecimentos.

O fotógrafo e ativista Januário Garcia nos ensina que “existe uma história do negro sem o Brasil, o que não existe é uma história do Brasil sem o negro”²³. Em pretensa permissão, adicionamos que existe uma história dos povos indígenas sem essa “estrutura de Brasil”, mas não existe um Brasil sem os povos indígenas, sem os povos africanos e sem seus descendentes.

Seja no uso do termo *selvagem* para designar uma inferioridade calculada no enriquecimento e supervalorização da população europeia sobre os povos indígenas e africanos ou no uso mais polido de “traços étnicos e culturais inadequados” para tratar da vinda de chineses e japoneses para o Brasil, o que nos é veiculado a partir de tais discursos é de que se buscavam (e se busca) uma população “ideal”. São marcas e simbolismos projetados de tal maneira que se enxerga aquele que é proveniente de outro território como inferior, são discursos eugenistas e exacerbadamente nacionalistas que tratam de excluir e violentar o lido como diferente e o estrangeiro. O que nos esquecemos em meio a tais discursos é que em alguma medida somos todos estrangeiros, “nos esquecemos que já fomos estrangeiros nas origens e alguns submetidos à escravidão e à dominação, incluindo a dominação da memória” (Ribeiro, 2022, p. 61).

Após a proclamação da república²⁴, em 1889, o território brasileiro passa por uma série de mudanças sociais, econômicas, estruturais, entre outras. Inaugura-se nesse momento um dispositivo de hos(ti)pitalidade, em meio a saberes e exercícios de poder ([1976] 1988), que respondem a uma questão sobre quem seria o estrangeiro ideal e as exigências de constituição de uma identidade nacional. A rede de elementos desse dispositivo é diversa e vai se modificando a partir das mudanças históricas e das dinâmicas sociais.

Na próxima seção, estão dispostas as análises e as reflexões sobre a estranheza sentida pelos sujeitos nacionais frente às características daqueles considerados estrangeiros. Além disso, tratamos de aspectos relacionados à migração externa, aquela em que o migrante se

²³ Frase dita pelo fotógrafo Januário Garcia e disponível em: <https://www.geledes.org.br/januario-garcia/>. Acesso: 29 jun. 2024.

²⁴ Momento em que o Brasil deixou de ser uma monarquia

desloca de um país ou território para outro. São analisados também alguns aspectos da xenofobia na contemporaneidade.

2.3 Os estranhos são os outros

A definição de estrangeiro, segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, é *aquele que é natural de outro país; que nasceu num país ou nação diferente daquele onde nascemos*. Advindo do latim “extraneus”, que significa estranho, de fora, alheio, a palavra designa a distinção entre aquele que nasce em outro território a partir da perspectiva de quem se vê como pertencente a um determinado lugar. Cria-se a ideia de um dentro e um fora, um nacional, e um estrangeiro. Esta definição é semelhante às encontradas em outras línguas como no francês *étranger* (estranho/estrangeiro); no alemão *auslander* (de outra terra/estrangeiro); no inglês *foreigner* (pessoa alheia/estrangeiro) e em chinês 外国人 (pessoa de fora do país/estrangeiro)²⁵.

No livro *Strangers, Aliens, Foreigners: the Politics of Othering from Migrants to Corporations*²⁶ (Sonnis-Bell, Bell, Ryan, 2018), alguns estudiosos sobre a questão estrangeira refletem sobre as similaridades de definição e usos em comum dos termos *estranhos*, *alienígenas* e *estrangeiros*. A questão da alteridade é central nas discussões empreendidas na obra, que atravessa algumas reflexões importantes sobre a identidade e sua formação a partir da diferença (*O que eu sou e o outro não é e o que o outro é e eu não sou*), além de tocar em pontos sobre a arbitrariedade das distinções entre o *eu* e o *outro*, visto que, as marcas de diferença podem ser passageiras ou se modificar a partir de percepções que evocam religião, raça, classe, etnia e questões geográficas.

Seguindo os termos escolhidos no livro, começamos pela palavra *estranho* que indica algo ou alguém que causa estranheza, definição que nos leva a seguinte questão: “o que faz de um *estranho* um *estranho*?” Não há uma resposta exata para essa questão, talvez porque a sensação de estranheza perpassa muito mais por construções sociais mutáveis do que sobre algo que seja fixo. A estranheza pode surgir por uma espécie de singularidade que não é exatamente igual em diferentes territórios, afinal, o que é estranho para um grupo pode ser comum para outro. Logo, o que é estranho entre grupos de pessoas está relacionado a um fator de

²⁵Verbete “estrangeiro”, escrito por Wellington Pereira Carneiro. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348049146_Verbete_Estrangeiro. Acesso em: 15/04/2024.

²⁶ Em tradução livre: *Estranhos, Alienígenas, Estrangeiros: a política de alteridade de migrantes para corporações*.

diferenciação, mas pode esse fator aliar-se a sentidos comuns entre um grupo? Construir uma constância e deixar de ser estranho? Ou seriam questões mais pertinentes pensar se o que é estranho precisa ser modificado? E se a estranheza está sempre no âmbito negativo do simbólico? Ou se o que é estranho também pode ser positivo?

Em *Estranhos à nossa porta* (2017), Zygmunt Bauman provoca reflexões interessantes sobre a crise dos refugiados e as questões em torno da migração. Sobre os *estranhos* Bauman diz:

Desde o início dos tempos, pessoas batem à porta de outras, fugindo de seus países em função da violência da guerra ou da brutalidade da fome. Para os que estão de dentro, estes hóspedes indesejáveis são sempre estranhos, e estranhos tendem a gerar medo e ansiedade precisamente por serem o desconhecido (Bauman, 2017, p. 13).

Tratando do termo seguinte, temos a palavra *alien* que, em diferentes contextos, pode ter seu uso e sentido ligado a outras definições que não a de um *ser vivo que não é proveniente do planeta terra*. A palavra, por exemplo, foi muito utilizada pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para se referir a estrangeiros durante sua campanha pré-mandato presidencial e posteriormente durante sua gestão²⁷. A expressão começou a ser usada institucionalmente em 1978, nos Estados Unidos da América, após a promulgação de um documento denominado "*Aliens Act and Aliens Enemy Act*"²⁸, que reunia quatro leis que regulamentavam a presença de estrangeiros no país. Em 2021, entre as novas propostas do novo presidente, Joe Biden, sobre as leis de imigração estava a retirada do termo *alien* de todos os documentos oficiais do governo, em substituição se usaria o termo "noncitizen" (não-cidadão), como demonstra a notícia: *Biden quer acabar com expressão "alien" das leis de imigração*²⁹.

Chegamos ao uso e sentidos do termo *estrangeiro*, que, como vimos anteriormente, pode designar aquele que é de outro país, mas não só isso. Vejamos, o estrangeiro é constituído a partir de uma noção geográfica, ele nasce na ideia de fronteira e território, sob o olhar de quem o vê como pertencente a um grupo diferente (Albuquerque Jr, 2016; Charleaux, 2022;

²⁷ "Durante seu governo, Donald Trump "fez questão" que a palavra fosse utilizada", diz o lide da notícia com título *Gestão Biden contraria Trump e bane uso oficial do termo "alien"*. Disponível em: <https://gq.globo.com/Noticias/noticia/2021/02/gestao-biden-contraria-trump-e-bane-uso-oficial-do-termo-alien.html>. Acesso em: 29/02/2024.

²⁸ Em tradução livre: Lei dos Estrangeiros e Lei do Inimigo dos Estrangeiros.

²⁹ Biden quer acabar com expressão "alien" das leis de imigração. Disponível em: <https://www.braziliantimes.com/imigracao/2021/01/27/biden-quer-acabar-com-expressao-alien-das-leis-de-imigracao.html>. Acessado em 19/02/2024.

Ribeiro, 2022). A divisão de espaços cria a perspectiva de um dentro e um fora, assim, quem nasce dentro das fronteiras de determinado espaço é o sujeito nacional e quem nasce fora dele é o estrangeiro.

A condição de estrangeiro é atrelada a uma distinção de grupos. Logo, aquele que migra de uma área territorial para outra ou que é lido como pertencente a um grupo distinto está sempre na condição do outro, de um *estranho*. A essa condição, inerente ao sujeito lido como estrangeiro, pode-se convergir relações assimétricas entre aqueles considerados ou que se consideram como nacionais/originais e os considerados como estrangeiros, não-originais, pertencentes a outro grupo. A depender das características do estrangeiro, como poder econômico, língua, território de origem, e racialidade - termo aqui utilizado para se referir à leitura racial e fenóptica de diferenciação social entre humanos, sabendo que a raça humana é uma só (Almeida, 2019; Santos, 2022) - pode haver mais ou menos possibilidades de acolhimento. Assim, a recepção ao imigrante ou estrangeiro pode variar a partir do que entendemos ser um dispositivo de hos(ti)pitalidade (Derrida, 2003).

Seguindo o dispositivo dos direitos humanos, temos dois pontos jurídicos que orientam a relação entre migração e território, situados no XIII artigo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, sendo: “1. Todo ser humano tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado. e 2. Todo ser humano tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país”. Essas constatações jurídicas, no entanto, podem encontrar entraves se olhadas a partir da perspectiva da soberania de cada Estado, que pode instituir diferentes regras para acolher um migrante ou não acolhê-lo em situações específicas.

Segundo Benveniste (1995), há um grande enigma aliado à questão da hospitalidade, que está imbricado em uma dúvida entre o *hospes* e o *hostis*, afinal, a ideia de recepção a alguém, um estranho, o desconhecido, um visitante, um hóspede, pode levar à hospitalidade, à hostilidade ou à *hostipitalidade*, como diria Derrida (2003). O sujeito que migra, pensa em migrar ou que age com a intenção de migrar está sujeito à adaptação, a condições para o acolhimento e pode sofrer a inconstância entre a hospitalidade e a hostilidade. Vejamos outro ponto desse dispositivo.

A estrutura histórico-social que alia, por vezes, o racismo e a xenofobia, faz emergir acontecimentos que assimilam o estrangeiro a partir de diferentes perspectivas, é o que denominamos como hospitalidade assimétrica ao estrangeiro. O tema da hospitalidade retorna

aqui como dispositivo de diferenciação, que categoriza e organiza estrangeiros juridicamente e socialmente no novo território e pode fazer emergir a tão famosa "hospitalidade brasileira" ou a hostilidade. No sentido jurídico, incluem-se categorias como a de turista ou a de refugiado e na categorização social pode estar o "gringo" ou o "estranho". Os fatores que diferenciam estrangeiros podem estar ligados ao sentido de *filia*, que supervaloriza características de determinados estrangeiros, de *fobia*, que rejeita características de estrangeiros, e também de *alteridade* que determina o estrangeiro sempre como o outro, diferente do nacional. Sobre a questão da alteridade Batista e Ribeiro (2021) explicam o seguinte:

[...] o sentimento comum de colocar a sua sociedade como superior, sua cultura como a melhor e a mais civilizada, seus costumes como normais e suas crenças e religiões como verdadeiras. Assim, rejeitam-se as complexidades e as diferenças culturais do outro, enaltecendo seu grupo, único e melhor em relação aos e em detrimento dos demais estrangeiros, produzindo a alterofobia, ou seja, a rejeição, o ódio e a discriminação ao outro simplesmente pela sua diferença e não pertencimento ou partilha ao mesmo grupo social (Batista, Ribeiro, 2021, p. 182).

Tratamos dos sujeitos migrantes, no entanto, o movimento de migrar não precisa, necessariamente, ocorrer para que noções de estrangeiridade sejam acionadas em referência a determinados sujeitos ou grupos. A alteridade entre grupos e a marca de aspectos distintos como inferiores ou superiores costumam ser sintomáticos no que diz respeito a determinar se um sujeito pertence ou não a determinado grupo. O desinteresse por problemáticas sociais e a falta de formação educacional e crítica sobre questões que envolvem as relações sociais são outros aspectos que condicionam a desinformação e as violências contra estrangeiros e *estrangeirizados*³⁰.

A leitura social de pertencimento a um determinado grupo e não de outro ou o não pertencimento também são aspectos comuns dos acionamentos da estrangeiridade, no qual o sujeito que não é migrante é lido enquanto estrangeiro ou estranho. Em perspectiva, aquele que não nasceu no território nacional é um estrangeiro. No entanto, podemos afirmar que há uma leitura estrangeirizada de sujeitos nacionais, lidos enquanto pertencentes a outro grupo. Como exemplo temos os inúmeros casos de violências contra asiáticos-amarelos no Brasil e seus

³⁰ Há uma leitura estrangeirizada de sujeitos nacionais, lidos enquanto pertencentes a outro grupo. Como exemplo, podemos apontar para os nordestinos, que comumente sofrem xenofobia, ou ainda, os povos indígenas, por vezes, considerados estrangeiros em sua própria terra.

descendentes, durante o período da pandemia de covid-19 (a problemática é antiga e profunda, mas se destacou no debate público durante o período pandêmico).

Como vimos nas seções anteriores: em diferentes momentos da história, os seres humanos criaram noções para se diferenciar ou distinguir um determinado grupo de outro ou de si mesmo. Conforme aponta Cida Bento, “as noções de ‘bárbaros’, ‘pagãos’, ‘selvagens’ e ‘primitivos’ evidenciam a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa” (2022, p.28). Reflexão essa em que a autora aponta diretamente para o uso hierarquizante de distinção feita por europeus em seus movimentos de colonização, e que continuam a se atualizar em noções e categorizações de alteridade entre os sujeitos.

Conforme tratado anteriormente, o direito à soberania³¹ de cada Estado estabelece suas próprias regras para o acolhimento de migrantes, e os diferentes tipos de migrações, suas motivações e causas, podem implicar em uma série de diferenciações que resultam em modos distintos na recepção a estrangeiros em outros territórios. As duas principais categorias da denominada *migração externa*³² são: as *migrações voluntárias*, que ocorrem quando o migrante decide ir a outro território por livre vontade, e as *migrações forçadas* ou involuntárias, que possuem diferentes causas como perseguições políticas ou religiosas, desastres naturais, busca por melhores condições econômicas e etc.

No caso das migrações voluntárias, os fatores que as condicionam podem estar ligados ao lazer, profissão, relacionamentos afetivos, estudos, entre outros. Além disso, a condição de migrante pode ser temporária, como no caso de turismo, de intercâmbios, de trabalhos temporários, ou não, como em migrações permanentes, quando alguém reside permanentemente em moradia em um território que não é o seu de origem. Nesses casos, é possível que a concessão do visto seja facilitada a depender dos interesses do Estado na implementação de empresas ou na demanda de empregos de cada país. No caso desses migrantes que, normalmente, possuem um poder econômico e potencial de consumo, há a ideia de que eles sejam sujeitos sempre bem-vindos no novo território, mas veremos que essa prerrogativa nem sempre acontece no próximo capítulo.

³¹ Apesar da compreensão do direito de migrar como um direito humano a soberania dos Estados detêm poder para definir seus atos internos sem intervenção de organizações internacionais ou de outros países. Assunto tratado no livro *Direitos humanos e migrações forçadas: introdução ao direito migratório e ao direito dos refugiados no Brasil e no mundo*, de Gustavo de Lima Pereira (2019).

³² Migração externa é aquela que ocorre entre países ou territórios diferentes.

Ao contrário das migrações voluntárias, os migrantes forçados deixam seu local de moradia habitual por forças alheias a seu desejo. As causas podem ser as mais variadas como terremotos, guerras, perseguições, falta de trabalhos dignos e condições econômicas ruins, entre outros. Nesses casos, a vulnerabilidade dos migrantes pode levar a categorizações específicas como os 1) *refugiados*, que em virtude de fundado temor de perseguição solicitam refúgio em outro território; ou no que se enquadra como 2) *migrante ambiental*, no caso dos que migram por causa de desastres naturais; há também os 3) *migrantes econômicos*, quando indivíduos deixam seu território habitual por causa de crises econômicas e por melhores condições de bem-estar; os 4) *migrantes em trânsito*, que se deslocam de forma transitória por diferentes nações em busca de qualidade de vida; e ainda, os 5) *apátridas*, que havendo perdido sua nacionalidade de origem, não a recuperou e não conseguiu outra, estando sem pátria oficialmente (Pereira, 2019).

Todas essas categorizações, ligadas ao migrante forçado ou involuntário, enveredam sobre a condição do migrante vulnerável e que reivindica condições de moradia e vida dignas. A ação de se deslocar de seu território natural em busca de sobrevivência ou melhores condições de vida é desafiadora, seja por aspectos culturais, linguísticos, econômicos e etc. o indivíduo que se desloca é acometido por um processo de readaptação que pode ser difícil e prolongado (Eco, 2020). Ainda assim, a esses indivíduos podem ser direcionadas outras violências, através da xenofobia, que pode proporcionar ao migrante processos de exclusão, repulsa ou rejeição a suas características.

Segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu livro *Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro* (2016), a palavra xenofobia, advinda do grego, é a articulação entre as palavras *xénos* (estranho, estrangeiro) e *phobos* (medo), nomeando, assim, a percepção de estranheza, rejeição, repulsa ou outras violências destinadas ao estrangeiro. É o problema da alteridade que se conecta com a rejeição a tudo aquilo que não é semelhante ou conhecido e transforma os sujeitos em seres comparáveis a partir de hierarquias desumanizadoras. Se retira o entendimento do outro como humano, sensível e semelhante e assim pode-se excluí-lo da sociedade. A xenofobia é, em suma, a violência desumanizadora contra aquele que enxergamos como pertencente a um outro grupo, a quem advém de outro país, estado ou território, a quem é considerado como estrangeiro.

Ademais é possível inferirmos outro acionamento da estrangeiridade, aquele que vem a partir da subjetivação de sentimentos, em que o sujeito se sente deslocado, distante de si mesmo ou do espaço ao seu redor. O sentimento de não pertencimento, embora não seja estático

à questão estrangeira, porque o contrário também existe e sujeitos podem preferir um novo território do que o seu de origem e se sentirem pertencidos a ele, é recorrentemente utilizado para definir uma vinculação entre o sentimento de deslocamento e a questão estrangeira. Além disso, há reflexões como nos estudos de Ribeiro (2022) e Kristeva (1994) sobre a estrangeiridade que pertence a todos nós. Seja a partir da história e da ancestralidade, das migrações humanas, ou dos constantes deslocamentos cotidianos, das mudanças que a todos podem ser acometidas e do sentimento de adaptação ou rejeição que podem surgir. E, então, “esse estrangeiro não é necessariamente o que vem de fora, mas o que está no meio de nós, o que é parte de nós, o nós” (Ribeiro, 2022, p. 61).

Em suma, nos parece que os estranhos são sempre os outros. Os estrangeiros ou imigrantes, os que se vestem de outra maneira, os que falam outra língua. É comum que a alteridade hierarquizante aponte para as características do outro como inferiores e disso ecoe discursos e violências xenófobas. No interior do dispositivo de hos(ti)pitalidade o acolhimento ao estrangeiro ou ao imigrante pode ser assimétrico e revelar que as características do estrangeiro podem influenciar na hostilidade ou hospitalidade.

Na próxima seção refletimos sobre a relação entre brasileiros e cubanos. Tratamos de influências e trocas culturais, do rechaço a características dos cubanos e sobre discursos que circulam no Brasil sobre esses estrangeiros.

2.4 Os estranhos comunistas: medo e rejeição

É comum que discursos díspares marquem posicionamentos em disputa sobre Cuba e seu povo. Enquanto uns enunciam Cuba enquanto um regime *ditatorial*, outros evocam seu sistema como *democrático*. Nesse escopo, nos perguntamos se a compreensão negativa ou positiva sobre um território modifica a perspectiva de acolhimento? Um sujeito pode ser tratado de maneira distinta a partir da percepção dos elementos que compõem sua origem ou nacionalidade?

Na diferença entre os sistemas socioeconômicos de Brasil e Cuba, um sob o modelo capitalista e o outro socialista, respectivamente, emergem distintos posicionamentos sobre os tipos de organização social e econômica existentes. Os discursos são plurais e marcam

posicionamentos que, por vezes, afetam o tratamento de recepção ao estrangeiro. É possível, por exemplo, que, sob a judge da questão da origem do estrangeiro se rejeite um sujeito. No caso de Cuba parte dessa rejeição é relacionada ao modelo socioeconômico que rege o país, o socialismo.

A complexidade dessa questão está ligada à supervalorização de um modelo socioeconômico e desvalorização de outro, mas também do desconhecimento de como funcionam esses sistemas, da naturalização da ideia de que o capitalismo é o único sistema possível de bem estar social, do medo, comumente propagado do comunismo, do ódio como política populista, de crises em relações econômicas e de bem estar social, entre outros aspectos.

O contexto histórico de países que foram colonizados, como o Brasil, fez emergir uma espécie de valorização maior a países que possuem um estágio de avanço do capitalismo, em comparação a Estados que possuem outros modelos socioeconômicos ou que se formaram a partir de um “capitalismo tardio”³³ (Jameson, 2011). A crença na possibilidade de avanço faz com que países como Estados Unidos, Portugal e Espanha, por exemplo, sejam vistos como modelos de sucesso a serem seguidos, e se ignoram as crises do capitalismo, seus problemas e os processos de exploração de países mais ricos sobre países menos desenvolvidos economicamente. O modelo de desigualdade que está em sua estrutura é naturalizado. Além de se fomentar discursos como os de “meritocracia”, que vendem um ideal de sucesso a ser alcançado a partir do “esforço”, sem levar em conta as disparidades de oportunidades econômicas e sociais.

Os posicionamentos políticos também englobam a disputa discursiva entre os estrangeiros incômodos e os aceitáveis. O sistema socialista, por exemplo, é comumente associado a projetos e posicionamentos de esquerda e muitos dos contrários a Cuba, em posições mais exacerbadas, são associados à direita ou à extrema direita. Tais posições políticas influenciam e constituem uma disputa sobre a presença dos cubanos no Brasil como “amigos” e como “inimigos”. Ribeiro (2022) trata dessa questão com as seguintes reflexões:

Nos discursos políticos, na América Latina em particular, surge, no decorrer das ditaduras militares, a figura do “inimigo comum” e dos “comunistas”, constantemente nomeados em coletivos como os “estrangeiros”, os

³³ *Capitalismo tardio* é um conceito comumente utilizado por neomarxistas para se referir ao desenvolvimento econômico de países periféricos, relacionado a contextos históricos e de exploração. Para saber mais recomenda-se a leitura de obras como *O capitalismo tardio* (Mello, 2009), *O marxismo tardio* (Jameson, 2011) e *Capitalismo tardio e os fins do sono* (Crary, 2016).

“imigrantes”, os “espiões”, os “traidores”, os “*malinches*”, traduzindo-se como os indesejados promotores da desordem social generalizada e um agravante econômico. A língua estrangeira, as ideias políticas progressistas, as religiões não cristãs, o ateísmo, a diversidade sexual, identitária e cultural, ou mesmo a simples presença do estrangeiro, passam a ser vigiadas como constantes ameaças (Ribeiro, 2022, p. 49).

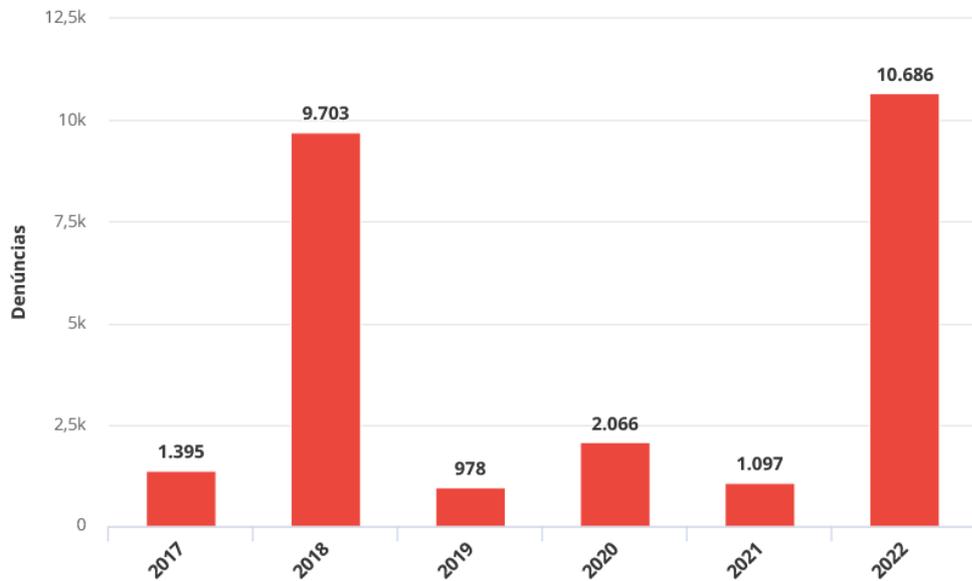
É o medo da mudança, do estranho e, ao mesmo tempo, são os ideais conservadores e a luta pela manutenção do capitalismo que propagam, com rechaço, uma ideia/imagem dos comunistas e dos preceitos da sociedade socialista cubana a partir do medo e da desconfiança. Se dividem os grupos, entre os que rejeitam e os que aceitam os cubanos, uma visão dos ditos comunistas como amigos ou inimigos. Matérias jornalísticas como as publicadas pelo *Gazeta do Povo*, com os títulos *Que horas chegam os comunistas?*³⁴ e *Agentes socialistas se disfarçam de médicos cubanos e professores*³⁵ tratam desse discurso anti-cubano, anti-comunista, anti-socialista.

Em momentos de crise ou de disputas políticas é comum observar posicionamentos anti-migrantes como uma forma de angariar votos. A polarização costuma conduzir uma série de disputas sociais em tom de verdade absoluta e os discursos xenofóbicos emergem de maneira mais perceptível. Uma pesquisa publicada pelo *portal G1* trata das denúncias de xenofobia entre 2017 e 2022. Vejamos o gráfico abaixo.

Figura 1: Gráfico de denúncias de xenofobia

³⁴ <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/conexao-brasilia/que-horas-chegam-os-comunistas/?ref=busca>

³⁵ <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/agentes-socialistas-se-disfarcam-de-medicos-cubanos-e-professores/?ref=busca>



Fonte: Portal G1³⁶ (08/02/2023)

A matéria publicada pelo jornal trata do aumento de denúncias de xenofobia em momentos de eleição. O gráfico demonstra que em 2018 e em 2022, anos de eleição para presidente no Brasil, houve um aumento substancial de denúncias de xenofobia no país. O texto jornalístico também reflete sobre as disputas de opinião entre os eleitores e o uso de expressões xenófobas contra nordestinos para expressar o descontentamento com as posições políticas desse grupo.

As discussões nos mostram que a divisão de grupos e sua hierarquização fomentam discursos xenofóbicos. Nesse escopo, posições políticas contrárias como respeitar a sociedade cubana ou rechaçá-los, ou ainda, respeitar os votos dos nordestinos ou rejeitá-los por isso causam tensões discursivas e criam a figura do “inimigo”.

Por fim, nossos estudos demonstram que há regularidades, mesmo em contextos históricos distintos e suas potenciais dispersões, na leitura social do sujeito de outro território ou de outro grupo como bárbaro ou estranho, comunista ou incômodo, escravo ou estrangeiro. Parte dessa ojeriza é cunhada no nacionalismo exacerbado e na constante propagação do medo do que é diferente, do que não lhe é familiar.

³⁶Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/02/08/xenofobia-contra-nordestinos-na-epoca-da-eleicao-fez-numero-de-denuncias-disparar-na-internet-mostra-pesquisa.ghtml>. Acesso: 12 Ago 2024.

3. AS DISPUTAS DE “VERDADE” SOBRE OS MÉDICOS CUBANOS

[...] a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade (Foucault, 2000).

Neste capítulo tratamos das disputas e tensões discursivas sobre o Programa Mais Médicos, os médicos cubanos e a hospitalidade brasileira. Para tal, dividimos as reflexões em duas seções. A saber: I) Programa Mais Médicos, descreve nuances e dados sobre a implementação do Programa no Brasil; e II) Vontade de verdade e os cubanos, discorre sobre algumas tensões discursivas que impactam e constroem subjetivações sobre os médicos estrangeiros e os brasileiros.

É de nosso interesse refletir sobre o que condicionou a implementação do Programa Mais Médicos no Brasil e como elementos históricos possibilitaram a emergência de discursos contrários e a favor do programa. Neste escopo se inclui algumas reflexões de Foucault (2023) sobre a formação da medicina social e seu caráter intimamente ligado aos interesses do Estado e da burguesia; dados sobre a defasagem e escassez de médicos no Brasil e uso do conceito de acontecimento discursivo (Foucault, 2020) para tratar sobre séries de acontecimentos discursivos sobre os médicos cubanos e outros estrangeiros.

Utilizamos reflexões de Michel Foucault e alguns de seus comentadores para tratar sobre a questão da *verdade* e da *vontade de verdade* com o objetivo de observar algumas tensões, batalhas, posições e embates discursivos sobre os médicos cubanos. Houve durante o período de atividade dos médicos estrangeiros no Brasil pelo PMM uma intensa comparação entre os profissionais de saúde brasileiros e cubanos, que teciam críticas e elogios aos dois grupos. Nesse contexto, salientamos que a verdade estudada por Foucault (2006c; 2023) não é a empírica, mas a construção da verdade e as posições dos sujeitos no dizer.

A cordialidade e receptividade do brasileiro também é uma questão que atravessa esse estudo de forma central. Pois, pensar a identidade nacional, de modo histórico e discursivo, é tratar das irrupções de acontecimentos, das regularidades e também das irregularidades. A partir de alguns trabalhos (Freyre, 2001; Ribeiro, 2022, Carneiro, 2023) refletimos sobre a cordialidade e seletividade do brasileiro com relação ao sujeito não nacional, com enfoque sobre os sujeitos cubanos.

3.1 Programa Mais Médicos

Segundo Foucault ([1979] 2023), a grosso modo, a formação da medicina social pode ser dividida em três etapas, a saber: medicina de Estado, medicina urbana e medicina da força de trabalho. A medicina de Estado começou a ser desenvolvida na Alemanha, no final do século XVIII e início do século XIX, com uma preocupação mais ampla sobre a saúde da população se comparada a outras nações europeias, como Inglaterra e França, que ainda se restringiam a pesquisas de natalidade e mortalidade.

Foi iniciado entre os anos de 1750 e 1770 a organização e registro de fenômenos epidêmicos e endêmicos pelo Estado Alemão, além da validação do saber médico, dos métodos de formação e distribuição de diplomas, atividade atribuída aos próprios médicos. Ademais, criaram-se organizações administrativas para controlar a atividade médica, que respondiam por regiões, mas eram subordinados a funcionários médicos nomeados pelo governo. Ainda assim, essa organização da medicina não possuía uma preocupação direta com o corpo do proletariado, como explica Foucault:

Não é o corpo que trabalha, o corpo do proletário que é assumido por essa administração estatal da saúde, mas o próprio corpo dos indivíduos enquanto constituem globalmente o Estado: é a força, não do trabalho, mas, estatal, a força do Estado em seus conflitos, econômicos, com certeza, mas igualmente políticos, com seus vizinhos [...]. Há uma espécie de solidariedade econômico-política nessa preocupação da medicina de Estado. Seria, portanto, falso ligar isso ao cuidado imediato de obter uma força de trabalho disponível e válida (Foucault, 2023, p. 151).

Já na França, em fins do século XVIII, a medicina social é desenvolvida a partir das demandas empreendidas pela urbanização. A migração de populações, antes camponesas, para centros urbanos foi suscitando uma série de políticas organizacionais ao mesmo tempo em que a quantidade de pessoas ocupando os mesmos espaços crescia. Consoante os estudos de Foucault (2023) sobre esse período é possível apontar problemáticas ligadas a esgotos, falta de água limpa, má qualidade do ar, moradias precárias e uma organização inadequada na localização de pontos comerciais e cemitérios. Os latentes conflitos entre os mais pobres e a burguesia cresciam e as doenças e epidemias causavam pânico entre os cidadãos.

A medicina urbana surge para sanar a preocupação da população com as doenças infecciosas causadas pela falta de organização dos centros urbanos, pelo contato com esgotos, água contaminada e corpos em decomposição, já que o sepultamento individual em cemitérios

era restrito aos que tinham dinheiro. Com o passar do tempo se instituem técnicas de vigilância dos sujeitos e hospitalização dos infectados. Além de políticas de cuidado sobre a água, esgotos e cemitérios.

A medicina voltada aos mais pobres é a última etapa desse processo de formação da medicina social. Em meio a conflitos e revoltas, ocorridos no século XIX na França e na Inglaterra, por causa da fome e da falta de empregos se espalham doenças como a cólera que preocupam a população burguesa. Se decide que a separação entre pobres e ricos deve ser mais marcada no tecido social com a criação de bairros para os plebeus e outros para os burgueses. Ainda assim, o medo de que doenças transmissíveis fossem passadas dos proletários para os ricos incitou a criação de uma medicina que atendesse diretamente às demandas do trabalhador, como explica Foucault.

Um cordão sanitário autoritário é estendido no interior das cidades entre ricos e pobres: os pobres encontrando a possibilidade de se tratarem gratuitamente ou sem grande despesa e os ricos garantindo não serem vítimas de fenômenos epidêmicos originários da classe pobre (Foucault, 2023, p. 167).

Além da preocupação com a transmissão de doenças pelos pobres para os ricos também surgem cuidados condicionados pela proteção ao funcionamento do próprio sistema estatal, já que proporcionar saúde ao trabalhador permite que ele seja produtivo e faça o Estado funcionar. É a medicina social, em sua formação, voltada ao proletariado pelo medo e pela produtividade do trabalho.

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi criado em 1988, com a Constituição Federal Brasileira, em determinação ao cuidado da saúde da população como um dever do Estado. As regras permitem que qualquer cidadão em território nacional, seja ele brasileiro ou não, possa ser atendido pelo SUS gratuitamente. Ainda assim, alguns aspectos desse sistema não funcionam de modo pleno para atender todas as pessoas que necessitam dele, o que dá margem para o funcionamento de um mercado privado de saúde. Logo, aqueles com poder econômico podem ter acesso a determinados cuidados ou de modo mais ágil e o mesmo não ocorre com alguns outros grupos populacionais.

Em 2013, foi implementado o Programa Mais Médicos (PMM) no Brasil, durante a gestão da presidenta Dilma Rousseff, através da Lei nº 12.871/2013. O principal objetivo do PMM foi ampliar o acesso à assistência médica dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), contemplando os moradores de regiões interioranas, periferias e regiões remotas do país. O projeto tentou enfrentar dois problemas específicos organizacionais do SUS, sendo: I) a

dificuldade de recrutar médicos para atender à população em regiões longínquas e de difícil acesso do país e II) a baixa oferta de médicos especializados em saúde da família e comunidade (Telles, 2019).

Diante dos dois problemas citados anteriormente foi possível mapear alguns dados que demonstram números não satisfatórios sobre o quantitativo de médicos para atender a população brasileira e a má distribuição dos profissionais que atuam no território nacional. No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde, a média de profissionais de saúde atuantes é de 1,8 para cada 1.000 habitantes, índice menor do que em países como Reino Unido (2,7), Argentina (3,2), Uruguai (3,7), Portugal (3,9), Espanha (4) e Cuba (6). Além disso, a distribuição dos médicos pelo país não acompanha a média nacional, fazendo com que pelo menos 5 estados possuam uma média ainda menor, como é o caso do Maranhão (0,58), Amapá (0,76), Pará (0,77), Piauí (0,92) e Acre (0,94). O estado de São Paulo possui uma média de 2,49 médicos para 1.000 habitantes, no entanto, dados mostram que a média não se mantém em algumas cidades, como é o caso de Registro (0,75), Araçatuba (1,33) e Franca (1,43).

Abaixo podemos visualizar uma tabela que compõe dados relacionados entre países e o número de médicos por 1.000 habitantes. As informações têm como fonte a Organização Mundial de Saúde (OMS), com números disponibilizados em 2012, um ano antes do PMM.

Tabela 1: número de médicos por mil habitantes em diferentes países

País	Índice	País	Índice	País	Índice
Grécia	6,1	Coreia do Norte	3,3	Japão	1,9
CUBA	6,0	Argentina	3,2	Venezuela	1,9
Espanha	4,0	Hungria	3,1	BRASIL	1,8
Portugal	3,9	Austrália	3,0	Equador	1,7
Uruguai	3,7	Bélgica	3,0	Colômbia	1,4
Bulgária	3,7	Egito	2,9	Bolívia	1,2
Israel	3,7	Reino Unido	2,7	Paraguai	1,1
Alemanha	3,6	Polônia	2,2	Índia	1,1
Suécia	3,6	Canadá	2,0	Chile	1,0

Itália	3,5	México	2,0	Peru	0,9
--------	-----	--------	-----	------	-----

Fonte: Organização Mundial de Saúde (OMS), *Estatísticas sanitárias mundiais*, OMS, 2012, p. 122-129.

Os dados demonstram que em 2012 o Brasil estava à frente, no número de médicos por mil habitantes, de países latinos como Colômbia e Bolívia e abaixo de países como a Venezuela, México, Argentina e Cuba.

Os problemas com a distribuição de profissionais de saúde pelo país fazem com que grandes capitais possuam uma grande concentração de médicos, enquanto cidades interioranas não conseguem atender de modo satisfatório a população. A defasagem ou escassez de profissionais é ainda maior em regiões de difícil acesso ou periféricas. No livro *Mais Médicos: as vozes dos atores e os impactos do programa na atenção básica à saúde* (2019), a pesquisadora Helcimara Telles explica que para além das medidas de curto prazo e de seu caráter emergencial, o programa também adotou medidas a longo prazo em conjunto com o Ministério da Educação.

O Projeto Mais Médicos para o Brasil (PMMB) incluiu a expansão do número de vagas nos cursos de medicina e na residência médica, além de determinar critérios rigorosos para formação dos estudantes, incentivando sua avaliação recorrente durante os anos do curso, visando uma oferta mais ampla de profissionais formados e bem qualificados no futuro. Ao mesmo tempo, se abriu edital para contratação de médicos para trabalhar nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), em municípios com maior escassez de profissionais e em Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs). Segundo Telles (2019), as vagas priorizavam a contratação de profissionais brasileiros formados em território nacional, mas que o não preenchimento de todas elas resultaram em acordos e contratações de profissionais brasileiros e estrangeiros formados no exterior.

O problema com a escassez de médicos não é ligado a uma única razão, mas a uma rede de fatores que podem propiciar a falta de profissionais em determinadas regiões, dentre eles está a falta de plano de carreira para os profissionais, desregulação do mercado de trabalho, preferência por morar perto da família e uma tendência por morar em áreas urbanas e mais ricas. O resultado é uma grande concentração de profissionais em áreas urbanas, grandes capitais e regiões centrais e a escassez de médicos em áreas rurais, remotas e periféricas.

Segundo Ribas, Silva e Dias (2019) estudos da década de 70 já apontavam uma vinculação entre a maior concentração de renda em regiões metropolitanas, se comparada com áreas interioranas, com a concentração de médicos nessas regiões. Por isso, já ocorreram medidas e projetos para tentar diminuir esse problema, como o Projeto Rondon e o Programa de interiorização das Ações de Saúde e Saneamento (PIASS), ainda no período da ditadura militar, e posteriormente, após a promulgação da constituição de 1988, surgiram o Programa de Interiorização do SUS (PISUS), de 1993, e o Programa de Interiorização do Trabalho em Saúde (PITS), de 2000. As diferentes alternativas já utilizadas no país demonstram que somente o uso de incentivos financeiros não é um método suficientemente atrativo para resolver a questão e que “é preciso haver complementação de outros mecanismos, tais como oferta de educação permanente e condições mínimas de segurança e seguridade social” (Ribas, Silva e Dias, 2019, p. 45).

Segundo Foucault (2022) um enunciado é sempre um acontecimento. Ele é único porque emerge em um determinado tempo e lugar, mas também está aberto à repetição e à transformação, além de não ser neutro e se relacionar com outros enunciados que o precedem e o seguem. A implementação do Programa Mais Médicos no Brasil está relacionada principalmente à defasagem e escassez de profissionais em determinadas regiões, mas também às tentativas anteriores de resolver esse problema, as políticas e cuidados sobre o “fazer viver”, a medicina social e outros aspectos. Antes, durante e após à implementação do programa se discursivizou sobre o caráter populista e intenções eleitoreiras de arrecadar votos ao implementar projetos que atendam a população trabalhadora, esse também é um elemento importante sobre a série de acontecimentos que enseja posições dos sujeitos contrárias e a favor a essa premissa. Sobre a noção de acontecimento Foucault assim descreve.

O que me interessa no problema do discurso é o fato de que alguém disse alguma coisa em um dado momento. Isto é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. (Foucault, [1973] 2006c, p. 255).

O que investigamos, então, não é a empiria ou o acontecimento social em si, mas os discursos que irrompem a partir desse acontecimento. A implementação do PMM fez emergir diferentes discursos que arrolam saberes, poderes e subjetivação dos médicos cubanos no

Brasil. É na discursividade da hos(ti)pitalidade brasileira com relação aos médicos cubanos que surgiram discursos sobre o conhecimento médico válido ou a falta de confiabilidade em médicos estrangeiros, é na irrupção desse acontecimento que circulam discursos sobre os médicos cubanos serem uma “espécie de escravos”, também é nesse dado recorte que circularam discursos comparativos entre médicos brasileiros e cubanos, entre outras questões em disputa.

O discurso do medo da propagação de doenças pela classe trabalhadora para a burguesia é um desses exemplos que ressurgiu fortemente durante a pandemia de covid-19, como demonstra a notícia *Marido de Ivete Sangalo é criticado ao dizer que família pegou Covid da cozinheira*³⁷. No entanto, esse não é o único receio que assola aqueles com mais poder econômico diante das tensões e embates produzidos no âmbito político. Os medos mais contemporâneos da burguesia também são atravessados por um ódio ao pobre (*aporofobia*³⁸) e pelo medo do poder popular, tanto de “enfrentamento” e resistências aos interesses burgueses quanto do poder de decisão sobre representantes políticos.

A elite econômica deseja que os representantes políticos protejam seus interesses e até a menor ação representativa de melhorias para a classe trabalhadora pode gerar incômodo em parte do mercado empresarial. Nesse ensejo, a chamada “política populista” pode estar relacionada a ações demagógicas, que procuram soluções fáceis para problemas complexos, mas também a ações voltadas aos interesses da classe trabalhadora, que pode ocasionar votos em políticos que não estejam tão alinhados aos interesses burgueses. O uso do termo pode estar sujeito a uma posição variável a depender dos posicionamentos que constituem o sujeito que a usa.

Outros discursos acenderam lugar no debate sobre o PMM, incluindo um amplo destaque à questão da língua do estrangeiro. Elemento importante no dispositivo de hos(ti)pitalidade; o aprendizado de uma segunda língua ou uma língua não materna pode ocasionar discriminação, intolerância, xenofobia e glotofobia já que é comum que os sujeitos presem por uma homogeneização da língua. Alguns dos aspectos mais sobressalentes estão ligados ao sotaque do estrangeiro e os desvios da norma culta, comuns a qualquer falante que

³⁷Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/marido-de-ivete-sangalo-%C3%A9-criticado-ao-dizer-que-fam%C3%ADlia-pegou-covid-da-cozinheira-1.2231531>. Acesso: 26 nov. 2024.

³⁸ O conceito de *aporofobia* foi cunhado pela filósofa espanhola Adela Cortina e define o ódio, medo e rejeição ao pobre. Recomendamos o livro *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia* (2020) e a resenha de Batista e Ribeiro publicada em 2023 na revista *Linguagem em Foco*.

aprende uma outra língua que não a sua de origem, mas também aos falantes da língua materna a partir de diversidades regionais, de classe e de grupos sociais.

Em meio às críticas aos falantes estrangeiros e suas línguas maternas se instaurou um receio de que o contato entre os médicos e os pacientes brasileiros não se desse de maneira positiva ou suficientemente compreensível. Surgiram, então, enunciados como *Estrangeiros não temem o idioma*³⁹ e também *Médicos estrangeiros aprendem expressões regionais como “peito cheio”*⁴⁰, ambos são títulos de matérias publicadas pelo jornal *Gazeta do Povo*.

Na próxima seção estão algumas reflexões sobre a questão da *verdade* e *vontade de verdade* em Michel Foucault e discursos contraditórios sobre médicos brasileiros e cubanos.

3.2 Vontade de verdade e os cubanos

Algumas reflexões sobre a questão da verdade nos trabalhos de Michel Foucault já foram tratadas no capítulo I dessa dissertação. Retomamos tais reflexões, com a perspectiva discursiva de seus estudos e de alguns de seus comentadores, para tratar sobre o nosso objeto de pesquisa, com o objetivo de ampliar a perspectiva de compreensão sobre o Programa Mais Médicos e os discursos em disputa que circularam sobre os médicos cubanos em diferentes suportes.

Segundo Foucault, a verdade é condicionada pela raridade do acontecimento, é, então, na singularidade de um determinado tempo e lugar que habita aquilo que é qualificado enquanto verdadeiro (Foucault, 2006c). Diferente da concepção moderna ocidental da verdade, que supõe que ao cumprir certas regras a verdade pode ser facilmente encontrada, que ela está em qualquer tempo e lugar e que a verdade permanece sempre inalterável, em um mesmo estado de concepção. O que Foucault propõe investigar é a verdade não-universal, que está inscrita em determinado tempo e lugar, que é acolhida e justificada pela posição de sujeitos e seus lugares. Trata-se, segundo Cesar Candiotto, de “uma verdade descontínua, não-universal, dispersa e que se produz como acontecimento” (Candiotto, 2007, p. 204).

Cesar Candiotto (2007), a partir das leituras de Nietzsche e Foucault, trata de duas possibilidades para a verdade: a primeira, recorta uma verdade objetiva e constante, manifestada por aquilo que é, demonstrada e descoberta; já a segunda, está nos “jogos” de força que se encontram os discursos, nas recusas, capturadas pelo acontecimento. Segundo o

³⁹Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/estrangeiros-nao-temem-o-idioma-3mqqbwuzbf96xlz0vfb79is0e/?ref=busca>. Acesso: 24 nov. 2024.

⁴⁰Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/medicos-estrangeiros-aprendem-expressoes-regionais-como-peito-cheio-c7t0ssxo8chaka1e7tqx3uq6/?ref=busca>. Acesso: 24 nov. 2024.

pesquisador, “se a primeira sublinha relações entre sujeito e objeto, a segunda enfatiza choques arriscados, reversíveis e belicosos, enfrentados por aqueles que são tomados por ela” (Candiotto, 2007, p. 205).

Não é do interesse de Foucault investigar a verdade enquanto objetiva e universal, para o filósofo francês, e para nós nesta pesquisa, nos interessa compreender a verdade enquanto prática discursiva, enquanto irrupção de acontecimento. A verdade que investigamos é aquela que desnuda o sujeito em sua posição social, em seu lugar de constituição. Analisamos a verdade enquanto construção discursiva, segundo a perspectiva foucaultiana, como assevera Ribeiro da seguinte maneira:

Não lhe interessa a verdade em si, mas a construção da verdade, resultante de uma luta engendrada por sujeitos que assumem posições no dizer, que não dizem de qualquer modo, em qualquer lugar e em qualquer momento mas, enfim, que enunciam obedecendo a uma ordem do discurso (Ribeiro, 2015, p.38)

Dadas as explicações anteriores sobre o Programa Mais Médicos (PMM), dispostas na seção anterior, em que se descreve a irrupção de uma singularidade, de uma série de acontecimentos que culminam em discursos contrários ou em favor da presença dos médicos cubanos no Brasil, observamos o funcionamento discursivo da vontade de verdade, das posições discursivas desnudadas pelo próprio discurso. Descrevemos a emergência da criação de um programa governamental, que expôs a premissa pela busca de um atendimento mais amplo a famílias carentes que utilizam o SUS, e que tinha como propósito combater uma escassez de profissionais de saúde em determinadas regiões do Brasil. No entanto, outras posições discursivas descrevem o mesmo programa como demagogo, pautado em interesses políticos e explorador do trabalho médico de cubanos.

As posições tomadas por Michel Foucault em suas obras vão modulando características de seu pensamento e o constante retorno a suas reflexões demonstram a relevância de seu trabalho com o passar dos anos. Segundo Foucault (2020, p. 60) os discursos não são conjuntos de signos, não são palavras intrinsecamente ligadas a coisas, são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. É a partir desta reflexão que pensamos sobre discursos que constituíram os médicos cubanos e os brasileiros no dispositivo de hos(ti)pitalidade.

A linguista Marluza da Rosa no ensaio *A incidência e a insistência da verdade no discurso: notas para reler A vontade de saber* (2015) dialoga com os estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade para tratar sobre a questão da verdade. No trabalho, a autora afirma que “deve-se compreender que, em um mesmo sistema de formação, podem coexistir teorias dissonantes ou mesmo em conflito, o que não anula o fato de estas terem uma base em comum”. A noção de verdade enquanto construção de si, efeito de sentido, narrativa, é submetida a mecanismos de poder que a circunscreve em um campo do saber com conflitos, tensões e posições dissonantes.

Tomamos então a promulgação do PMM enquanto um acontecimento discursivo. Na emergência de sua irrupção surgiram discursos que enunciam a verdade como sendo única e discernível, no entanto, em uma mesma formação discursiva, estão discursos dissonantes e que produzem efeitos de sentido distintos. É de nosso interesse refletir sobre a construção da verdade. No livro *Mais médicos, deuses e demônios* (2014), escrito pelo médico Elvis Lorenzin, são discutidas problemáticas em torno do programa - de uma posição médica contrária a aspectos do projeto e que vê um ataque mútuo à imagem de médicos brasileiros. Segundo o autor, as discussões sobre o PMM exacerbaram discursos que transformam a imagem dos médicos cubanos em “deuses” e a dos brasileiros em “demônios”.

Como já dito anteriormente, o objetivo geral desta pesquisa é investigar o funcionamento discursivo da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, em análise de jornais *on-line*, a partir do conceito de dispositivo de Michel Foucault. Ao tratar das discontinuidades na análise do discurso, o filósofo francês nos lembra que o que não está na linearidade da investigação não deve ser descartado, mas sim incorporado à análise. Como tratamos no capítulo I, ao explicar as diferentes relações que existem entre enunciados, sujeitos, objetos e afins, Foucault traz o elemento da discontinuidade como um fator de importância na observação histórica e não como um obstáculo.

Ao contrário dos discursos de hostilidade que atravessaram o funcionamento discursivo da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, Lorenzin (2014) trata de reflexões que enunciam a recepção a eles de maneira hospitaleira. O autor reflete sobre o uso do termo “atendimento humanizado” pela mídia brasileira e compara os profissionais de saúde nacionais e não nacionais. Pois, ao elogiar o atendimento “mais humano”, em referência a atendimentos mais prolongados, com toque e mais perguntas, de médicos estrangeiros, se traz um efeito de sentido negativo de brasileiros, de que o atendimento dos médicos nacionais não é “humanizado”.

Segundo Lorenzin (2014) a “culpa” de um atendimento com caráter mais prático por parte de médicos brasileiros é do próprio governo, que estabelece parâmetros de produtividade, como consultas realizadas em média em 15 minutos como padrões. Para ele, a mídia brasileira e representantes governamentais, como a então presidenta Dilma Rousseff, tornaram públicos discursos elogiosos sobre os médicos cubanos e de outras nacionalidades em detrimento de médicos formados no Brasil.

As tensões discursivas colocam em embate a construção do sujeito médico brasileiro com interesses financeiros, que prezam pela vida em grandes centros urbanos e que não querem trabalhar em localidades interioranas ou com poucos recursos. Ao contrário, também se discursiviza uma generalização de médicos cubanos que não possuem interesses em bens materiais, que viajam o mundo ajudando pessoas e que atendem de maneira “humanizada”. Essas são simplificações de problemas sociais mais complexos e que se ligam a contextos históricos distintos. Apesar de ambos não poderem ser caracterizados de forma generalista como uma coisa ou outra, esses discursos tomam espaço em distintos suportes de discussão, como a mídia. Vejamos a seguir um enunciado retirado do livro *Mais Médicos, deuses e demônios* (2014).

Enunciado A:

Como cobrar dos médicos um **vínculo humano mais próximo**, como exige o **discurso do governo**, e uma maior **atenção para o paciente**, se a própria esfera política pressiona para que as **consultas no serviço público** sejam **rápidas**? A quem o paciente deveria recorrer se do lado oposto do **conflito** está o próprio **governo**? Qual a fórmula para **humanizar atendimentos** em **hospitais superlotados** e em postos de saúde onde o **tempo médio de consulta de 15 minutos** é considerado **padrão oficial**? É fácil concluir que essa é uma solução que não depende apenas de uma **mudança de postura do médico**, mas, principalmente, do **enfrentamento** de um problema que envolve o **complexo contexto** em que esse médico está inserido.

Fonte: Lorenzin, 2014, p. 36

No enunciado A, Lorenzin (2014) pontua que o problema das consultas rápidas a pacientes são, em suma, um “padrão oficial”, incentivado e conhecido pela esfera política governamental. O autor também questiona o “discurso do governo” sobre um atendimento mais “humanizado” em meio a “hospitais superlotados” e conclui que um maior acolhimento a

pacientes não depende somente de uma “mudança de postura” dos médicos brasileiros, mas, principalmente, de modificações no “complexo contexto” em que o médico está inserido.

A discussão do problema da rapidez em consultas médicas no serviço público de saúde brasileiro é capturada na emergência de um acontecimento, a presença de médicos estrangeiros no Brasil, e incitou constantes comparações. Os elogios, por parte da população, ao atendimento dos médicos cubanos e de outras nacionalidades foram utilizados em discursos que cobravam um atendimento melhor de médicos brasileiros.

No livro organizado pela pesquisadora Helcimara Telles, *Mais Médicos: As vozes dos atores e os impactos do programa na atenção básica à saúde* (2019), há uma série de dados e reflexões sobre a implementação do PMM no Brasil. Os autores tratam dos desafios enfrentados, do perfil dos estrangeiros participantes, das qualificações dos médicos, das ofertas pedagógicas de qualificação e orientação oferecidas pelo Ministério da Educação em conjunto com o Ministério da Saúde e dos impactos sociais do PMM. Em um dos trechos da obra as reflexões e pesquisas se concentram nas opiniões de cidadãos contemplados com o programa. Vejamos o enunciado a seguir.

Enunciado B:

As opiniões sobre a **melhora na qualidade do atendimento**, no que diz respeito à **maior atenção** dada **ao paciente** pelo médico, bem como às **consultas com maior tempo** de duração, são corroboradas por outros estudos do tipo qualitativo realizados com usuários do programa: “introduzidos nesse contexto de **comparações**, os participantes acreditam que **os médicos bolsistas estrangeiros são profissionais ‘especiais’** devido ao **tratamento** que dispensam aos pacientes, mais **disponíveis e humanizados**” [...] Além disso, de forma geral, revelaram-se satisfeitos, elogiando atitudes do médico, como **olhar nos olhos do paciente** e **dar a ele a oportunidade de falar**.

Fonte: Telles, 2019, p. 131

No enunciado B os médicos estrangeiros são descritos de forma positiva como “especiais” e os recursos comparativos não especificam os médicos brasileiros, mas citam uma “melhora na qualidade do atendimento”, além de “consultas com maior tempo de duração” e um contato mais direto com os pacientes, que se sentem ouvidos e bem cuidados. O uso do termo “tratamento humanizado” também está nesse enunciado. Assim, é possível visualizar as tensões discursivas que circularam no Brasil a partir da promulgação do PMM.

O que nos interessa observar nesses enunciados não é exatamente a cientificidade de dados ou se um determinado discurso seria verdadeiro ou falso, ou ainda, determinar informações como verídicas ou não. Para Foucault (2023, p.44), “o problema não é de se fazer a partilha entre o que num discurso revela da cientificidade e da verdade e o que revelaria de outra coisa”, mas sim o de observar os efeitos que essas verdades produzem, verificar no interior dos discursos as disputas, as tensões e os saberes e poderes exercidos em meio a essas verdades.

A vontade de verdade, segundo Foucault (2023), é aquela constituída por discursos que ao mesmo tempo que atravessam os sujeitos também os constituem, desnudam suas posições na sociedade e, então, são tomadas enquanto verdade. Não é nossa intenção definir um discurso como verdadeiro e outro como falso. Nosso objetivo é tratar da produção da verdade e refletir sobre as regras que possibilitaram a emergência de determinados discursos, os saberes e os poderes que atravessam os sujeitos e as tensões entre esses discursos.

No capítulo a seguir estão dispostas as análises do *corpus* da pesquisa e é possível verificar de modo mais aprofundado como os discursos sobre os médicos cubanos são constituídos por diferentes elementos, condicionando a produção de um dispositivo.

4. DISPOSITIVO DE HOS(TI)PITALIDADE ESTRANGEIRA NO BRASIL

[...] todos os médicos estão de acordo com o fato de que, como sabem melhor do que ninguém que quantidade ou qualidade de assistência deve ser prestada a cada paciente, parece, em princípio, que podemos confiar neles e que eles podem ganhar a independência necessária para estruturar sua profissão. Acreditamos que essa confiança não surpreende ninguém nem levantará suspeitas. Antes de ser cientista, o médico é, por definição e por tradição, um homem de confiança (Tosquelles, 2024, p. 118).

Neste capítulo trataremos da análise do *corpus* da pesquisa. Para tal, mobilizamos os conceitos da perspectiva discursiva foucaultiana e o método arqueogenealógico ([1969] 2020, [1976] 1988, [1979] 2023) para analisar o dispositivo de hos(ti)pitalidade no Brasil. O objetivo é investigar o funcionamento discursivo da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos em análise de discursos presentes em jornais on-line (*Gazeta do povo* e *Carta Capital*). Assim, foram estabelecidas três seções. A saber: I) A origem do cubano incomoda; II) “Escravos da ditadura”; e III) “Não sabiam nada de medicina”.

Pensar a relação entre o estrangeiro e o nacional é traçar o que os constitui enquanto sujeitos, o que os diferencia e os une. O desafio recorrente está na mobilização de elementos tão diversos e não fixos, tão arbitrários, como fatores de uma diferença que, por vezes, é exacerbada e hierarquizada. É uma problemática que se atualiza constantemente, é partícipe das mudanças históricas e se exerce em novos moldes, como as redes sociais e outras mídias digitais, com alguns objetivos recorrentes: separar, delimitar, reproduzir e repetir as assimetrias.

Nesse ínterim, observar o discurso midiático e analisar o que circulou em jornais sobre determinado tema é investigar um objeto em pleno deslocamento, mas também é recortá-lo em um determinado tempo e espaço. É contribuir para a compreensão de novos moldes, do uso de diferentes gêneros e da circulação de diferentes discursos. Os enunciados presentes em jornais *on-line* não são oriundos de uma dinâmica livre e abrangente, eles são controlados e selecionados; respondem a uma ordem dos discursos de/sobre o sujeito estrangeiro, o sujeito médico, o sujeito cubano. Apesar da ideia de neutralidade constantemente vendida pela mídia, os discursos são carregados de posições e ligados a uma série de outros discursos anteriores a eles. A mídia dá legitimidade a um discurso, possui um potencial fator de confiança e *vontade de verdade*. Por isso, é importante investigar os discursos de acolhimento sobre os médicos cubanos em jornais *on-line*.

O conceito de hospitalidade de que trata Derrida (2001, 2003) e que nos é tão caro nesta pesquisa atinge os cubanos ora pela hostilidade, ora pela hospitalidade e em determinados discursos e momentos se permite ser uma mistura indissociável (uma hos(ti)pitalidade). E o brasileiro, portanto, o que é, hospitaleiro ou hostil? O que o dispositivo de hos(ti)pitalidade nos conta sobre o outro, sobre nós, sobre a relação entre o nacional e o estrangeiro, sobre os discursos acerca do acolhimento aos médicos cubanos no Brasil?

4.1 A origem do cubano incomoda

Foucault (2002) denomina a prática de fazer viver e deixar morrer de “biopoder”. É um exercício atuante que regula e organiza as sociedades ocidentais em prol de um funcionamento produtivo, vigilante, normalizador. Desde as práticas de higiene, o cuidado com a saúde, a natalidade até a educação, o lazer e a religiosidade. São práticas cotidianas que se exercem sobre a vida e a morte. No entanto, como bem apontado no capítulo 1, na seção sobre biopoder e biopolítica, as práticas reguladoras sobre o “fazer viver e o deixar morrer” não são um aparato totalmente homogeneizador da sociedade. Os corpos, os indivíduos, não são tratados da mesma maneira ou a partir de um só mecanismo de regulação. Eles são separados e hierarquizados por diferentes fatores e categorizações como o poder econômico, o gênero, a raça, a língua, a origem territorial, etc.

A preocupação governamental com a vida e o corpo do indivíduo se faz pela manutenção do próprio Estado, através do interesse na força de trabalho e pela defesa de um território delimitado. O Estado é um gestor que regulamenta e organiza a manutenção da vida (Foucault, 2002). Ainda assim, há tecnologias de separação e organização arbitrárias como a de raça (Carneiro, 2023), que funciona como um medidor de humanidade e que define as vidas que valem mais e as que valem menos (através do racismo). Um outro fator de hierarquização é apontado por Albuquerque Júnior (2016, p. 23) ao descrever as distinções que se dão “entre os corpos que pertencem à nação, à população desse Estado e aqueles corpos que são estrangeiros, inclusive os corpos clandestinos, ilegais, em situação irregular diante das leis do país”.

É no nacionalismo exacerbado, como discutido no capítulo 2 desta dissertação, e na distinção hierarquizante entre os elementos que constituem uma nação e outra que se atravessa a xenofobia. O rechaço ao estrangeiro ou a alguém que é lido como tal parte de um estranhamento de elementos culturais, religiosos, fenotípicos, econômicos, da origem e do ódio

às características do outro (considerado estrangeiro) (Albuquerque Jr. 2016; Kristeva, 1994; Ribeiro, 2022). Nesse sentido, a origem territorial de um indivíduo é composta de elementos comuns que o acionam como pertencente a uma determinada nação - seja uma língua, uma bandeira, comidas típicas ou vestimentas - ligado a eles podem surgir estereótipos, que misturam verdades, mentiras e generalizações, sobre quem é aquele estrangeiro e como é seu território de origem. Tais elementos são julgados a partir do olhar de quem se vê como nacional e toma voz para dizer o que é positivo ou negativo na origem, cultura e características de quem é considerado estrangeiro.

As assimetrias também fazem parte desse processo de distinção e hierarquização dos estrangeiros, podendo variar entre a *filia* (aceitação/afeição) e a *fobia* (medo/rechaço). É um processo de categorização que pode acolher ou desacolher o imigrante, que pode descrever um estrangeiro como bom e outro como ruim, como aquele que agrega ou aquele que é um incômodo, que pode tornar o acolhimento hostil ou hospitaleiro. Para além das condições estabelecidas por leis e regras de acolhimento de cada nação há também a afeição por determinadas características do estrangeiro e o rechaço a outras que tornam a hospitalidade seletiva (Ribeiro, 2022).

O acolhimento condicional, tratado por Derrida (2003) e do qual também fazemos reflexões no capítulo 1 desta pesquisa, funciona como uma base de fatores que define regras para o acolhimento, seja a partir de documentos específicos ou da justificativa que leva o migrante a outro território. No entanto, estar em condições favoráveis, como ter poder econômico, migrar por lazer ou com um trabalho determinado não são fatores fixos para ser bem acolhido, pois, por vezes, outros elementos podem acionar a xenofobia e a hostilidade.

É possível observar em matérias jornalísticas a mobilização de diferentes recursos discursivos que se complementam para contar uma determinada notícia ao leitor. As descrições textuais podem estar acompanhadas de imagens que comprovam, ilustram ou auxiliam na compreensão do texto. Na primeira matéria escolhida dividimos a análise em duas etapas: A primeira diz respeito a análise de um meme que circulou em redes sociais e é utilizado no artigo de opinião como um complemento do assunto discutido; e a segunda análise um recorte do posicionamento do jornalista. Assim, podemos verificar as tensões discursivas presentes na mesma matéria. Vejamos a seguir um enunciado que exemplifica o acolhimento seletivo, a partir de questões voltadas à origem territorial, e as tensões entre a hospitalidade e a hostilidade.

ENUNCIADO 1:

Fonte: jornal *Gazeta do Povo*⁴¹ (10/07/2013)

O enunciado 1 circulou em diversas redes sociais durante o período de atividade dos médicos cubanos no Brasil, através do Programa Mais Médicos, e também é elemento de discussão e análise de matéria veiculada no jornal *Gazeta do Povo* sobre a preferência de brasileiros por determinados estrangeiros. Na imagem é possível ver uma frase, destacada pela cor vermelha, na qual podemos ler “Não queremos médicos cubanos!” e outra mais abaixo, na cor preta e com uma fonte maior, com os dizeres “Queremos enfermeiras suecas”. Ao lado da segunda afirmação, há a foto de uma mulher branca, com cabelos loiros, olhos azuis e uma roupa de cor branca e vermelha. Há ainda dois símbolos em cruz; comumente usados em profissões voltadas à saúde. No entanto, as vestimentas não condizem com uniformes formais utilizados por enfermeiras, trata-se de uma lingerie, com tecido transparente, mostrando partes da barriga, colo, seios e braços.

As lentes foucaultianas utilizadas em uma perspectiva discursiva de análise podem nos auxiliar inicialmente a partir de duas questões: O que aconteceu para que houvesse a ocorrência desse enunciado? E por que apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar? Abaixo apresentamos algumas hipóteses.

⁴¹Matéria disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/conexao-brasilia/recusa-a-medicos-estrangeiros-tem-alta-dose-de-preconceito-contra-os-vizinhos/?ref=busca>. Acesso: 16 ago. 2024

- a) Historicamente, há seletividade e assimetrias sobre quem é um bom/ideal estrangeiro ou um estrangeiro inadequado/incômodo. A partir de características arbitrárias e diversas se escolhem e categorizam os estrangeiros positivamente ou negativamente. Possíveis referências, saberes e estereótipos sobre um território e os cidadãos que vivem nele são contribuintes para que surjam discursos que determinam o acolhimento para alguns e para outros não.
- b) Historicamente, há uma imagem positiva sobre países do continente europeu ligada a estereótipos e generalizações sobre uma boa qualidade de vida, alto poder econômico, acesso a bens de consumo, educação e suposta “civildade”. Ao contrário, é comum se relacionar países latino-americanos e caribenhos à pobreza, baixa qualidade de vida, pouco acesso à educação e saúde de qualidade. Esses fatores podem funcionar como um aparato hierarquizante que determina como positiva a vinda de suecas e negativa a vinda de cubanos para o Brasil.
- c) A sexualização de mulheres estrangeiras também faz parte da problemática do discurso machista e xenofóbico e, neste caso, anticubano. A questão tratada em tom jocoso exacerba a sexualidade da mulher a partir do uso de uma lingerie no âmbito profissional. A sexualização da profissão de enfermeira se reatualiza nesse meme e se relaciona com a normalização da venda de fantasias sexuais que performam as profissionais de saúde. O enunciado 1 também sugere uma série de estereótipos voltados a questões de raça e origem, já que denota uma preferência por uma mulher branca, loira, de olhos azuis e sueca.
- d) O enunciado 1 é marcado pela rejeição aos médicos cubanos e um paralelo entre gênero masculino e feminino. A questão de gênero é salientada pelo paralelismo sintático da rejeição (não queremos) e aceitação (queremos) e também no uso do masculino “médicos cubanos” e feminino “enfermeiras suecas”. A rejeição aos médicos cubanos é acompanhada do apagamento das médicas cubanas em prol da escolha de profissionais de saúde do gênero feminino de outro país, a Suécia.

Além dessas questões observadas, em uma perspectiva foucaultiana, para analisar materialidades discursivas podemos nos ater a alguns outros conceitos utilizados pelo filósofo francês. Por exemplo, a função enunciativa, descrita por Foucault em *A arqueologia do saber* ([1969] 2020), e que nos coloca diante de quatro elementos de análise de um enunciado, a saber: o referencial, a posição do sujeito, o domínio associado e a materialidade. O referencial, segundo Foucault (2020), trata-se das condições de possibilidade que permitem a existência de

determinado enunciado e seu(s) sentido(s); a posição do sujeito é uma função “vazia” que pode ser preenchida por diversos indivíduos, o que dá margem a tensões e disputas discursivas; o domínio associado é uma relação estabelecida entre enunciados, já que não existe enunciado neutro e independente, mas sim séries que se ligam ao passado e que abrem margem de possibilidades futuras; e a materialidade é o que torna possível a existência material de determinado enunciado.

No caso do enunciado 1, o que possibilita a existência dele são discursos negativos sobre os médicos cubanos no Brasil e uma “preferência” por outros estrangeiros, especificada, neste caso, em suecas. As escolhas discursivas enunciam um rechaço, “Não queremos médicos cubanos!”, e uma *filia* (afeição/aceitação), “Queremos enfermeiras suecas”. A posição do sujeito que se desnuda diante das afirmações é contrária à vinda dos médicos cubanos para o Brasil e é seletiva porque exprime uma aceitação a agentes de saúde vindos de outros territórios, como a Suécia. Há ainda marcas de gênero nesse enunciado, já que o sintagma “médicos cubanos” está no masculino e o “enfermeiras suecas” no feminino, em adição, enquanto não há uma imagem ilustrativa dos cubanos há uma imagem sexualizada de uma enfermeira que simbolicamente se refere às profissionais suecas. Questões de raça também podem ser pontuadas já que a mulher que ilustra o texto é branca e sugere quem é bem vindo ao Brasil.

Esse enunciado não é neutro, tampouco independente, ele constitui uma posição negativa sobre os médicos cubanos pelo silenciamento/apagamento e se relaciona com uma série de enunciados de um mesmo campo, que elenca críticas e rechaço aos cubanos e ao Programa Mais Médicos. Sua existência material surge como um *post* compartilhado e discutido em diferentes redes sociais e que também se tornou elemento de discussão em um artigo de opinião cujo título é *Recusa a médicos estrangeiros contém alta dose de preconceito contra os vizinhos latinos*⁴². Abaixo pode-se ler outro enunciado sobre a questão de origem territorial e seletividade do brasileiro presente na mesma matéria.

Enunciado 2:

⁴²Matéria disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/conexao-brasilia/recusa-a-medicos-estrangeiros-tem-alta-dose-de-preconceito-contra-os-vizinhos/?ref=busca>. Acesso: 16 ago. 2024

Parece óbvio que, por questões **linguísticas**, de **proximidade territorial** e de oportunidade profissional, a maioria dos doutores selecionados pelo governo vão vir da **América Latina**. Se viessem dos **Estados Unidos**, duvido que haveria tanta **ojeriza**.

Fonte: Jornal *Gazeta do Povo* (10/07/2013)

O enunciado 2 faz parte do mesmo artigo de opinião que discute o preconceito contra latino-americanos no Brasil. Ele elenca pontos que lhe parecem positivos para que a contratação de médicos estrangeiros no país tenha, em sua maioria, profissionais vindos da América Latina. A saber: questões linguísticas, proximidade territorial e oportunidade profissional. Em contraponto, aponta uma “ojeriza” a esses profissionais que não seria vista, segundo o autor do artigo, se eles viessem dos Estados Unidos.

O dispositivo de hos(ti)pitalidade é acionado por meio de alguns elementos discursivos em funcionamento. O primeiro é a língua tomada como fator positivo pela posição do sujeito, por meio das similaridades entre as línguas espanhol e portuguesa, o que torna provável que o contato entre os falantes seja mais fácil se comparado com outras línguas; o segundo elemento é a proximidade territorial que facilitaria o deslocamento; e o terceiro é a oportunidade profissional que alia acordos profissionais positivos e reforça boas alianças mercadológicas entre países latino-americanos. Mesmo com elementos que lhe parecem “óbvios” para que ocorra essa contratação, o sujeito refere-se a uma falta de aceitação dos brasileiros aos profissionais de saúde *latinos* e sugere uma *filia* (aceitação/identificação) aos estadunidenses. O enunciado aponta para um rechaço à língua, ao território e à profissão dos cubanos.

A causa da rejeição seria uma imagem positiva sobre o território norte-americano e negativa do país caribenho. O Brasil é comumente influenciado pela cultura estadunidense desde o consumo de músicas e filmes a acordos de exportação e importação de produtos. A imagem de um país rico, soberano e com alto poder militar que os Estados Unidos propagam pelo mundo chega ao Brasil aliada a metas de reprodução do estilo de vida estadunidense (“American way of life”⁴³) e influencia discursos de acolhimento e hospitalidade a esses estrangeiros. Ao contrário, a imagem de um país de pouco poder econômico como Cuba, o rechaço ao socialismo e a constante propagação do enfrentamento ao comunismo o colocam em uma posição de ojeriza.

⁴³ O “Estilo de vida Americano”, em tradução livre, foi amplamente propagado pelos Estados Unidos e se espalhou pelo mundo como uma “vida perfeita”, com dinheiro, poder de consumo e liberdade. Leia mais em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/american-way-of-life.htm>. Acesso: 20 dez. 2024.

Os “vizinhos latinos”, como denomina o título da matéria veiculada pelo jornal *Gazeta do Povo*, são os outros, estranhos e não bem vindos ao Brasil. No entanto, esquece-se que o brasileiro também é latino, que faz parte de um mesmo grupo, que recorrentemente também sofre xenofobia de norte-americanos e europeus. Os médicos brasileiros e os médicos cubanos são lidos socialmente como parte de um mesmo grupo, latinos, e isso se confunde em alguns discursos que separam brasileiros dessa identificação.

É importante salientar que as imagens positivas ou negativas sobre cubanos e estadunidenses não são fixas, podendo variar ou se estabelecer diante de determinados grupos de sujeitos e outros não. O mesmo ocorre com a premissa de que ter boa qualificação profissional e se deslocar para outro território já tendo um emprego fixo o impede de sofrer xenofobia, ou ainda, que esses fatores permitem que o estrangeiro tenha uma melhor qualidade de vida em outro país, o que nem sempre acontece. Ter poder econômico e formação profissional são fatores que afetam o dispositivo de hos(ti)pitalidade e podem acentuar uma determinada assimetria de acolhimento. No entanto, há sempre variações já que o sujeito estrangeiro é por designação social um *outro*, diferente do nacional, sujeito a avaliações e julgamentos que condicionam a hospitalidade (Derrida, 2003).

A validação de diplomas de estrangeiros, por exemplo, é um grande desafio no Brasil causado principalmente pelas “barreiras linguísticas, a escassez de vagas e a burocracia excessiva [que] ainda são desafios enfrentados pelos requerentes”, como apontam estudos publicados em matéria da Universidade Federal de Goiás⁴⁴. Ainda assim, é recorrente que se imagine que determinadas profissões não sejam atingidas por barreiras que afetem o seu pleno funcionamento, como é o caso da medicina. No entanto, a análise de discursos xenofóbicos contra médicos cubanos demonstra que os aparatos de hierarquização e nacionalismo exacerbados se espalham por toda a sociedade.

Em matéria publicada pelo jornal *Carta Capital* com o título *As médicas imigrantes cubanas e os preconceitos encadeados*⁴⁵ se discutiu como a questão da origem territorial e a xenofobia se unem a outros preconceitos e produzem hostilidades contra os profissionais de saúde vindos de Cuba para o Brasil. Vejamos abaixo o enunciado.

Enunciado 3:

⁴⁴<https://csvm.ufg.br/n/180859-desafios-e-caminhos-para-a-validacao-de-diplomas-estrangeiros-no-brasil>. Acesso: 15 nov. 2024.

⁴⁵<https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/as-medicas-imigrantes-cubanas-e-os-preconceitos-encadeados/>. Acesso: 15 nov. 2024

De fato, o caso dos **médicos cubanos** no Brasil evidencia como a **xenofobia** se mescla com o **racismo** e age mesmo em **estratos altos** do mercado de trabalho, como a **profissão médica**, refletindo também um contexto internacional mais amplo de **hostilidades aos imigrantes e refugiados** na atualidade.

Fonte: Jornal *Carta Capital* (29/05/2018)

No enunciado 3 são apontados dois modos de hierarquização de sujeitos, a *xenofobia* e o *racismo*, além de aferir sua abrangência por profissões consideradas de prestígio, como a médica, e sua problemática internacional. No Brasil, os elementos culturais considerados positivos e representativos em torno do que é “ser brasileiro” são ligados à alegria, tolerância, afetividade, cordialidade, sensualidade e ausência de conflitos raciais (Freyre, 2001). Os estereótipos e generalizações construídas em uma imagem do “brasileiro” entram em confronto com a própria história e formação da sociedade. A assimetria da cordialidade buscou, historicamente, um imigrante ideal (Koifman, 2012; Schwarcz, 2000; Lesser, 2015; Ribeiro, 2022) com projetos de exclusão em torno de africanos, asiáticos, povos indígenas, em contraponto, a valorização de europeus brancos com poder econômico e, posteriormente, uma aceitação e admiração ampla a estadunidenses.

Além disso, podemos pontuar que a profissão médica está atrelada, no Brasil, a uma série de disparidades econômicas e raciais. Cursar uma graduação, por exemplo, é um processo que exige avaliações excludentes e que não propiciam as mesmas oportunidades para todos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 6,87% dos brasileiros, ou 13.455.172 pessoas, possuíam formação em ensino superior completo. A medicina é uma das profissões ainda mais afetadas por processos de desigualdade, excluindo, indiretamente, a partir das problemáticas de classe e raça, muitos cidadãos. Salvaguardando todas as diferenças de proporção populacional entre Brasil e Cuba, ainda é importante pontuar que a ilha caribenha apresenta uma das menores taxas de analfabetismo do mundo, cerca de menos de 1%. Além disso, as universidades são gratuitas para todos e o acesso à formação continuada é incentivado, o que resultou em uma população em que 70% dos cidadãos possuem pelo menos um diploma universitário (Morais, 2001).

Por isso, marcar o atravessamento da xenofobia e do racismo em uma profissão com condições elitistas é também tratar do conservadorismo e da estabilidade de grupos em determinados espaços de trabalho e formação. A presença dos médicos cubanos no Brasil condicionou além de variações discursivas sobre origem, raça, gênero e classe uma

instabilidade na imagem de quem é o sujeito médico. Ao observarmos a historicidade dos discursos sobre a profissão médica vemos uma delimitação de condições específicas para ser um profissional de saúde no Brasil: normalmente advindo de pais ou famílias de classe média, com condições para proporcionar uma boa formação básica aos filhos, com suporte familiar econômico durante o processo de formação, e que também é marcado por uma divisão racial excludente.

A presença dos médicos cubanos no Brasil causou certa instabilidade na construção de uma imagem social e subjetiva de quem é ou pode ser lido como médico. Os cubanos advindos de um território latino-americano que desafiou o *status quo* de uma grande potência econômica mundial, os Estados Unidos, que possuem um sistema socioeconômico distinto do brasileiro, o socialismo, que defende a ideia de justiça social e econômica através de ideais comunistas, comumente rejeitados, e de uma população em grande parte negra, geraram incômodo e disputas discursivas no Brasil. Segundo Foucault (2023), o dispositivo responde a uma determinada questão de maneira estratégica. Ao pensar o dispositivo de hos(ti)pitalidade a questão tratada é: Por que os médicos cubanos estão aqui? A resposta estratégica para responder a essa questão perpassou por elementos complexos e diversos, ancorados na hospitalidade, e que tomaram posições sobre quem são os médicos cubanos e se eles deveriam ou não estar no Brasil.

As pesquisadoras Mônica Zoppi-Fontana e Mariana Jafet Cestari apontam também para questões raciais em um artigo com o título “*Cara de empregada doméstica*”: *Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil* (2015). O trabalho é ancorado na teoria da análise do discurso francesa, com base nos estudos discursivos de Michel Pêcheux; as autoras analisam a seguinte declaração de uma jornalista sobre as médicas cubanas: "Me perdoem se for preconceito, mas essas médicas cubanas têm uma cara de empregada doméstica. Será que são médicas mesmo?". A investigação perpassou por observações sobre redes de memórias e disputas de sentidos sobre os corpos das mulheres negras. Sobre a questão da nacionalidade, as autoras refletem o seguinte:

Somada à oposição dos sentidos para “cara de empregada doméstica” e “cara de médica”, podemos ainda analisar a oposição implícita no debate entre nacionalidades: entre a “cara de médica cubana” e “cara de médica brasileira”. Na forte repercussão negativa ocasionada pela declaração da jornalista circularam amplamente nas redes sociais imagens que denunciam a discriminação social e racial historicamente consolidada para profissões de prestígio, em especial para a classe médica. A cara branca dos médicos brasileiros ganha visibilidade e circulação social na mídia como efeito desse confronto discursivo (Zoppi-Fontana, Cestari, 2015, p. 173).

Os sintagmas *profissões de prestígio e estratos altos do mercado de trabalho* se referem à profissão médica e a outras profissões historicamente elitistas e auxiliam nos apontamentos sobre as diferenças entre profissões de prestígio e sem prestígio. As tensões discursivas geraram enunciados em disputa sobre a imagem dos médicos no Brasil, como apontamos em discussões anteriores, e que demonstram como as comparações foram regulares. A presença dos médicos e médicas vindos de Cuba para o Brasil fez emergir discursos sobre nacionalidade, aparência, raça, gênero e classe e resultou em discursos que evidenciam “*como a xenofobia se mescla com o racismo e age mesmo em estratos altos do mercado de trabalho*”, como apontado no enunciado 3.

O enunciado 3 também trata de uma hostilidade a migrantes e refugiados como um problema de contexto internacional. Essa questão nos leva ao que Foucault (2020) denomina como domínio associado, que é a relação entre diferentes discursos. O problema da xenofobia a migrantes no Brasil não é recente e tampouco único, há uma relação histórica e global sobre disputas de território, rechaço a diferenças e controle sobre os corpos dos sujeitos, como apontamos em reflexões no segundo capítulo desta pesquisa.

Ao compilar e organizar notícias sobre os médicos cubanos e as tensões discursivas em torno do Programa Mais Médicos nos deparamos com algumas regularidades em torno da questão de origem e da xenofobia no dispositivo de hos(ti)pitalidade. Vejamos a seguir:

Quadro 6: notícias sobre a questão de origem e xenofobia ao estrangeiro

Número	Título	Gênero	Data
1	Médicos fazem protesto contra contratação de profissionais estrangeiros ⁴⁶	Notícia	03/07/2013
2	Recusa a médicos estrangeiros contém alta dose de preconceito contra os vizinhos latinos ⁴⁷	Artigo de opinião	10/07/2013
3	Ministério da saúde chama de “ xenofobia ” protesto contra	Notícia	27/08/2013

⁴⁶<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/maringa/medicos-fazem-protesto-contratacao-de-profissionais-estrangeiros-bjftsytw02zwieltredlyaj2/?ref=busca>

⁴⁷<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/conexao-brasilia/recusa-a-medicos-estrangeiros-tem-alta-dose-de-preconceito-contra-os-vizinhos/?ref=busca>

	médicos ⁴⁸		
4	“Há grande preconceito contra médicos cubanos ”, diz Dilma ⁴⁹	Notícia	28/08/2013
5	Sete em cada dez brasileiros apoiam a vinda de médicos estrangeiros ⁵⁰	Reportagem/pesquisa	19/09/2013
6	As médicas-imigrantes cubanas e os preconceitos encadeados ⁵¹	Reportagem	29/05/2018
7	“ Nacionalidade não importa ”, diz Lula ao relançar o Mais Médicos, agora com foco em brasileiros ⁵²	Notícia	20/03/2023

Fonte: produzido pelo autor

Os títulos das notícias dispostas no quadro acima demonstram algumas regularidades, como a rejeição a estrangeiros, o uso dos termos *preconceito* e *xenofobia*, além de marcas de origem especificadas com os dizeres “vizinhos latinos” ou “cubanos”. Os enunciados tratam de um preconceito contra estrangeiros/latinos/cubanos, mas também um nível de uma aceitação, como trata a notícia com título *Sete em cada dez brasileiros apoiam a vinda de médicos estrangeiros*. Essas tensões dentro de uma mesma formação discursiva enunciam as disputas que emergiram dentro de um campo de possibilidades, como refletem Carvalho e Sargentini:

[...] todo poder corresponde [a] uma resistência que busca, também, o poder. Assim, a resistência também tece suas redes (e atua nas existentes), amparada pelo mecanismo de funcionamento dos discursos, na forma como cada enunciado atualiza uma memória. É a história que retorna na forma de um enunciado outro que irrompe na rede e demonstra que existem outras possibilidades, outros dispositivos que recuperam a capacidade de produção de novas subjetividades (Carvalho, Sargentini, 2014, p. 29).

Essa disputa de poder e também de resistência, de que tratam Carvalho e Sargentini (2014), nos mostra também as contradições discursivas, como no título de matéria veiculada pela *Carta Capital*: “*Nacionalidade não importa*”, diz Lula ao relançar o *Mais Médicos*, agora

⁴⁸<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ministerio-da-saude-chama-de-xenofobia-protesto-contramediticos-c7ryxlzb9h9idijk52odyh6xa/?ref=busca>

⁴⁹<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ha-grande-preconceito-contramediticos-cubanos-diz-dilma-c9c6bjxhmv734mchibvu70wge/&ved=2ahUKEwjWrvn9ibuJAxWlvokEHTiBm8QFnoECBgQAQ&usq=AOvVaw03KdcNo2iahTuFsXvCKxQO>

⁵⁰<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/sete-em-cada-dez-brasileiros-apoiam-a-vinda-de-mediticos-estrangeiros-cd4to4mdjoul2qzesbmefafda/?ref=busca>

⁵¹<https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/as-medicas-imigrantes-cubanas-e-os-preconceitos-encadeados/>

⁵²<https://www.cartacapital.com.br/saude/nacionalidade-nao-importa-diz-lula-ao-relancar-o-mais-mediticos-agora-com-foco-em-brasileiros/>

com foco em brasileiros. Após as intensas disputas discursivas sobre a presença dos médicos cubanos no Brasil, a paralisação do programa e saída dos cubanos durante a gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro, e o retorno do programa na nova gestão do presidente Lula da Silva emerge um apagamento dos cubanos, ainda que a não menção direta a eles também faça parte dos discursos sobre o PMM. A nacionalidade, a origem, continua sendo marcada no discurso.

A partir das observações e análises empreendidas nesta seção foi possível pontuar algumas considerações: a primeira está relacionada a escolha dos jornais para esta pesquisa, sendo o jornal *Gazeta do Povo* um veículo com viés mais conservador e o *Carta Capital* um veículo mais progressista, estão em análise posições comumente distintas, no entanto, a suposta neutralidade da mídia e do jornalismo se exercem para convencer o leitor do exercício de seu aspecto profissional, a confiança e a neutralidade. Diante disso, encontram-se matérias no *Gazeta do Povo* como a com título *Recusa a médicos estrangeiros contém alta dose de preconceito contra os vizinhos latinos*, com recortes analisados no primeiro e segundo enunciados, e que tratam do preconceito marcadamente de origem contra os médicos cubanos. O segundo apontamento está relacionado as disputas discursivas sobre os cubanos, a hospitalidade presente na “crítica” ao meme que rejeita médicos cubanos e aceita enfermeiras suecas, no jornal *Gazeta do Povo*, e a discussão sobre os preconceitos encadeados de origem, raça e gênero presente no Jornal *Carta Capital*, demonstram uma resposta ao discurso de hostilidade, estão em disputa uma imagem negativa ligada aos cubanos e a defesa deles.

4.2 “Escravos da ditadura”

O socialismo, modelo sócio-econômico adotado por Cuba, durante o processo de revolução ocorrido em 1959, tem em seu funcionamento a premissa de uma distribuição mais igualitária do que é produzido a partir do trabalho. As leis e regras organizacionais da sociedade cubana se exercem de modo que todos aqueles que têm condições trabalhem e que todos os cidadãos possam ter acesso a itens básicos como possuir uma casa e educação e saúde gratuitas (Ayerbe, 2004). O modelo é distinto do adotado pelo Brasil, o capitalismo, e pela maioria dos países ocidentais.

A premissa igualitária do regime adotado por Cuba não funciona exatamente como na teoria. O país é afetado por embargos econômicos estadunidenses que impedem o livre comércio de exportação e importação de vários produtos não essenciais, o que dificulta seu crescimento econômico. A falta de recursos faz com que familiares que moram em outros países comumente enviem alguma quantia de dinheiro a seus parentes mais próximos para ajudá-los.

Além de outros problemas causados pela pouca produção de bens de consumo e tecnologia. O que resulta em problemas econômicos e pobreza. Ademais, fatores como a adoção de um único partido político e a restrição de obras (livros, filmes, etc.) consideradas “contra-revolucionários” limitam as opções de escolhas de representantes da população e de consumo de arte em geral (Morais, 2001).

Já no capitalismo, a valorização da propriedade privada acima da vida humana, o acúmulo de bens e a exploração do trabalho condicionam uma disparidade econômica latente que assegura segurança, saúde e qualidade de vida para uma parte da população e para outra não. É na crença de uma suposta liberdade econômica e mobilidade social que o capitalismo incita a ideia de que os cidadãos podem passar de pobres a ricos através do trabalho. Esse modelo sócio-econômico se sustenta na produtividade da classe trabalhadora em contraponto ao acúmulo de riquezas da burguesia e direito ao ócio (Fernandes, 2020).

As diferenças organizacionais entre os modelos socioeconômicos adotados por Cuba e pelo Brasil são um fator de posicionamentos distintos. Para além daqueles que possuem ressalvas e críticas aos dois modelos de sociedade, mas que apoiam um ou outro, existem também os que os veem de modo somente positivo ou de modo negativo. Os discursos, então, sobre o socialismo e o capitalismo são comumente postos em disputas e tensões, como tratado no capítulo 2 desta dissertação na seção *Os estranhos comunistas: medo e rejeição*.

Os médicos cubanos foram afetados no Brasil tanto pela falta de conhecimento sobre como funciona o socialismo como também pela xenofobia articulada à preservação do modelo capitalista. O rechaço aos cubanos é atravessado por sua origem territorial, e mais precisamente pelos elementos simbólicos e generalizantes que compõem o que é ser cubano e como é viver em Cuba. A aliança entre discursos políticos contrários ao comunismo e que incitam o medo e os estereótipos sobre pobreza, qualidade de vida e falta de liberdade constituem discursos negativos sobre Cuba. Assim, uma entensa propaganda anti-comunista em livros, filmes e produtos culturais em geral contribuíram ao longo de décadas para uma imagem negativa e perigosa sobre Cuba e os cubanos.

Segundo Foucault (2022), o *a priori histórico*⁵³ está comumente relacionado à positividade de um discurso, mas não é a tentativa de dar validade a um juízo e sim de estabelecer as regras de constituição de sua emergência, o que lhe dá condição de realidade. Logo, pensar o que historicamente constitui discursos em disputa, que não precisam ser

⁵³ As regras que possibilitam a emergência de um discurso dão a ele uma condição de realidade em determinado espaço e época e podem ser tomados como uma verdade por determinados sujeitos. É possível ler mais sobre a questão em *A arqueologia do Saber* (Foucault, 2020).

verdadeiros ou falsos, mas que alçam efeitos de verdade e constituem posições entre os sujeitos nos levam a uma série de regularidades sobre os cubanos. Vejamos o enunciado a seguir.

Enunciado 4:

Ainda que se admita que **os médicos cubanos são escravos** (e há **bons argumentos** nesse sentido), sua **escravidão** não deriva do fato de estarem **trabalhando aqui**, nem tampouco **começou** com a vinda deles para cá. Eles já **eram escravos antes** e **continuarão escravos** depois que forem embora.

Fonte: Jornal *Gazeta do Povo* (21/11/2018)

O enunciado 4 é um recorte de um artigo de opinião publicado pelo jornal *Gazeta do Povo* com o título *Sobre a “escravidão” dos médicos cubanos*⁵⁴. Nele, se enuncia os médicos provenientes de Cuba como sujeitos escravizados, além de se assegurar que há “bons argumentos” para que se possa classificá-los desse modo, mas sem exemplificar nenhum deles. O que se segue é uma pista para o leitor que restringe um pouco mais a temática à questão do trabalho. A reflexão avança para a determinação dos cubanos enquanto escravos como um “fato” que não está ligado necessariamente ao trabalho deles no Brasil, mas de um fator anterior e que os seguirá constituindo após sua saída do país.

Refletir sobre as possibilidades que levaram à emergência de existência desse enunciado e o que permitiu o aparecimento deste e não de outro em seu lugar nos leva a algumas hipóteses. A primeira está relacionada ao referencial, elemento constitutivo da função enunciativa (Foucault, 2022), que trata das regras de possibilidade que dão sentido a um enunciado. Logo, o efeito de verdade que se dá ao utilizar o termo *escravos* para designar os médicos vindos de Cuba quer representar um discurso sobre a exploração de seu trabalho, violação de direitos trabalhistas e desumanização, são sujeitos objetos; mas também é atravessado por uma ligação histórica com a questão racial, pela xenofobia e por antagonismos políticos e sociais.

Tratar dos acordos feitos entre Brasil e Cuba para o exercício da função de médicos no país leva em conta o não pagamento direto e total dos salários/bolsas aos profissionais de saúde. Pois parte do valor acordado ficava com o governo cubano e auxiliava no funcionamento de seu sistema socioeconômico. Tensões discursivas e posições de sujeitos dão sentido e

⁵⁴<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/sobre-escravidao-dos-medicos-cubanos/?ref=busca>. Acesso em: 03 nov. 2024.

possibilidade de existência desse enunciado já que aqueles contrários à Cuba e a seu modelo organizacional de sociedade avaliam essa divisão salarial como errada. O uso do termo *escravo* é sintomático de um exacerbamento negativo sobre a visão do estilo de vida cubano, mas também de um esvaziamento de seu sentido histórico. Ainda assim, demonstra que a escolha e uso do termo busca dar peso e consistência à posição tomada. O rechaço ao diferente lhes permite o estranhamento e uma categorização degradante do sujeito.

Como tratado no segundo capítulo desta dissertação, o termo *escravo* significa “pessoa que passou por um processo de escravização, que não teve direito à sua liberdade, sendo submetido à vontade de outrem, é definido como propriedade”⁵⁵. Investigamos alguns termos ligados à concepção de alteridade entre os sujeitos, entre eles está o de escravo utilizado no período da colonização portuguesa, no que hoje entendemos ser o território brasileiro, para afirmar a condição de subserviência e de propriedade sobre povos indígenas e africanos.

Associar alguém ao termo escravo na contemporaneidade representa o acionamento de uma série de discursos e uma memória social de longo prazo. O termo pode se conectar a um contexto histórico e modos de violência que representam a exploração do trabalho, condições degradantes, retenção de documentos, cobrança de dívidas em troca de trabalho e etc. Além disso, associar pessoas negras ao termo escravo de forma deliberada rememora também uma representação negativa do corpo e do sujeito negro.

Em estudos de Michel Foucault sobre o louco e os prisioneiros, o filósofo trata da objetivação do sujeito ao observar a *prática divisória*, que separa e hierarquiza, condicionando o louco à ordem de um discurso sem sentido ou ao prisioneiro o discurso que não possui confiabilidade. Enunciar os médicos cubanos como *escravos*, como se lê no enunciado 4, é um mecanismo discursivo de objetivação desses sujeitos. Os cubanos são atravessados pelo discurso antissocialista e subjetivados como escravos do regime socioeconômico vigente em Cuba.

Na assimetria constante do dispositivo de hos(ti)pitalidade que aliena os sujeitos em busca de um estrangeiro/visitante/imigrante ideal, a partir de elementos arbitrários que se modificam constantemente, não é o *estrangeiro-escravo* que recebe a hospitalidade brasileira. A ojeriza, discordância ou crítica ao regime de Cuba não é limitada ao território ou a governantes, nem somente ao modelo socialista, mas apontada diretamente aos sujeitos que nele vivem. Vejamos o enunciado a seguir.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/escravo/>. Acesso: 20 nov. 2024.

Enunciado 5:

Confrontado com o fato de os médicos do Ceará terem gritado “**escravos, escravos**” para os **médicos, negros**, Pontes rebateu as acusações e disse que não havia “sentido pejorativo”. “Temos que esclarecer qual foi a **intenção**. Primeiro, existem também **escravos brancos**, não apenas pretos. O objetivo daquele grito era dizer que **não aceitamos trabalho escravo**, não aceitamos a exploração de profissionais”, afirmou.

Fonte: Jornal *Carta Capital* (27/08/2013)

O deslizamento de sentidos ou as possibilidades de sentidos são uma questão dos estudos discursivos. O enunciado demonstra que há uma tensão entre um dizer e outro, que há diferenças de sentido ou ainda uma intenção diferente da desejada. O termo *escravo* para o sujeito entrevistado não foi utilizado em um sentido “pejorativo”. No entanto, a própria constituição do enunciado demonstra que a utilização do termo foi considerada negativa por outros sujeitos. A ligação de médicos negros ao termo escravo se liga, então, a uma memória social, com um efeito marcado na objetivação de pessoas negras. Ainda que o sujeito trate da não intencionalidade negativa, o sentido ocorre e causa efeitos. Além disso, o argumento de justificativa: “*existem também escravos brancos*”, distorce a materialidade do contexto histórico de escravização colonial e causa um efeito comparativo dissonante. A tentativa de justificativa emerge uma ideia de que por “existirem escravos brancos” se pode chamar pessoas negras de escravos sem que isso seja pejorativo ou tenha uma ligação com a racialidade negra, o que não é materialmente validado no discurso.

A filósofa brasileira Sueli Carneiro reflete sobre como “a racialidade é compreendida como noção produtora de um campo ontológico, um campo epistemológico e um campo de poder, conformando, portanto, saberes, poderes e modos de subjetivação cuja articulação institui um dispositivo de poder” (Carneiro, 2023, p. 44). Portanto, tratar um sujeito enquanto *escravo* faz parte de uma organização discursiva de poder, de hierarquização, de subjetividade e de saber relacionada a discursos anteriores. Ainda que o sujeito do discurso defenda uma posição de “não intencionalidade pejorativa” e de “não aceitar o trabalho escravo” a enunciação discursiva entra em contradição dada as condições que possibilitaram a emergencia desse enunciado como demonstra o trecho “confrontado com o fato de os médicos do Ceará terem gritado “**escravos, escravos**” para os médicos, negros”. Na imagem abaixo estão o título da notícia e a imagem do acontecimento veiculada pelo jornal *Carta Capital*, vistos como um enunciado.

Enunciado 6:

POLÍTICA

“Existem também escravos brancos, não apenas pretos”

Presidente do Sindicato dos Médicos do Ceará, José Maria Pontes, nega que ato realizado em Fortaleza fosse racista ou direcionado aos cubanos

POR CARTACAPITAL
27.08.2013 19H19



Fonte: Jornal *Carta Capital* (27/08/2013)

Ao analisar o enunciado 5 refletimos sobre as contradições discursivas e a questão da intencionalidade do sujeito a partir de um recorte presente na notícia veiculada pelo jornal *Carta Capital* e que descreve a fala do então presidente do sindicato dos médicos do Ceará, José Maria Pontes. Já no enunciado 6, ainda a partir da mesma notícia, podemos observar o título escolhido pelo jornal e uma imagem associativa ao acontecimento. Um recorte da fala de Pontes aparece em destaque: “existem também escravos brancos, não apenas pretos” e é acompanhada da imagem de um homem negro, com um semblante sério, cercado por algumas pessoas, entre elas estão duas mulheres brancas, usando jalecos brancos, com as mãos em formata de circulo em volta da boca.

A tentativa de justificativa do sujeito do discurso foi utilizada como um recurso jornalístico para capturar a atenção dos seus leitores. O viés mais progressista do jornal *Carta Capital* direcionou ao seu público alvo um recorte dissonante da compreensão social histórica

das lutas antiescravagistas e o uso controverso do termo escravo direcionado aos médicos cubanos. A frase dita por Pontes é contraproducente se conectada a discursos anteriores, pautados historicamente em lutas raciais, sobre o período de colonização e escravização de povos africanos e das Américas, a partir do século XV, e também da perspectiva dos defensores do modelo socialista. Entre os argumentos advindos dos colonizadores no período de invasão do território, hoje conhecido como Brasil, estavam a atribuição de uma suposta inferioridade de outros povos, caracterizados como selvagens, não civilizados e também racializados (Santos, 2022). Nesse sentido, os interesses europeus territoriais, econômicos e sociais formularam a ideia de sujeito universal da branquitude, lhes atribuindo privilégios sociais de diferenciação e hierarquizações raciais e a inferiorização das raças e culturas não brancas e europeias.

Assim como discutido no segundo capítulo dessa dissertação, a raça foi e é utilizada como mecanismo de hierarquização dos sujeitos, condição de justificativa para escravização de homens, mulheres e crianças negras mesmo após o período da abolição da escravatura no Brasil, em 1888. O uso do termo escravo em protestos de médicos brasileiros para se referir aos médicos cubanos não só não foi produtivo, do ponto de vista de discussão sobre leis trabalhistas e proteção do trabalhador, como culminou em um ataque direto àqueles cujo protesto teria a suposta intenção de proteger. As contradições, então, são capturadas pelo jornal *Carta Capital* e expostas em dois elementos nesse enunciado: I) A frase: “existem também escravos brancos, não apenas pretos” e a imagem de um médico negro sendo interpelado por gritos de médicas brancas que o chamaram de “escravo”.

Segundo Modesto (2021, p. 2), “a tensão racial é um problema constitutivo à formação social brasileira, tendo em vista o modo de produção que a domina”. O linguista trata do conceito de “discursos racializados” como um elemento-chave do tecido social brasileiro, ainda que os discursos contituídos e formulados não se baseiem em aspectos de raça, os efeitos e interpelações dessa questão ressoam nas práticas discursivas. Logo, as reflexões foucaultinas sobre o domínio associado (Foucault, 2020) também nos auxiliam a compreender a ligação entre diferentes discursos e a instabilidade de confiabilidade médica que se seguiu a presença dos médicos cubanos no Brasil.

A questão racial foi um elemento discursivo importante no dispositivo de hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos. A aparência dos cubanos emerge como um recurso avaliativo de confiabilidade e competência profissional (Zoppi-Fontana, Cestari, 2015) e o uso recorrente do termo “escravo” em matérias jornalísticas também causou tensões raciais e discursivas nesse debate entre a hospitalidade e a hostilidade. Vejamos a seguir mais um enunciado sobre essa questão.

Enunciado 7:

Fui um crítico severo desse programa desde o começo, e uma rápida busca no blog comprova isso. **Exportar “médicos”** virou um grande negócio da **ditadura cubana**. São, na verdade, **escravos do governo**, e muitas vezes **despreparados para exercer a profissão**. *O mito* da saúde cubana engana muita gente, mas a realidade é outra, bem diferente.⁵⁶

Fonte: *Jornal Gazeta do Povo* (14/11/2018)

Ao enunciar os cubanos enquanto sujeitos-escravos circunscreve-se que eles são cidadãos sem escolhas, explorados, objetificados enquanto sujeitos-mercadoria. No campo discursivo, em uma perspectiva foucaultiana, a escolha ou o conjunto dos dizeres não é absolutamente neutra. Os enunciados estão relacionados a outros enunciados, constituem posições e condicionam relações entre o saber e o poder numa rede de outros dizeres. Portanto, a escolha de termos para descrever algo ou uma situação também é tomada como uma posição e constitui uma vontade verdade. Ao tratar da “exportação de médicos”, o sujeito do discurso relaciona a migração de médicos cubanos à locomoção de mercadorias, de exportar objetos, e isso desnuda uma posição contrária à migração médica cubana.

O investimento do governo cubano em educação e seus métodos de expansão de acesso mais igualitário às universidades fez com que o país formasse uma grande quantidade de médicos, como tratado no terceiro capítulo dessa dissertação. Os níveis de educação e acesso à saúde preventiva de cubanos são equiparados aos de grandes potências econômicas e permitem a migração de médicos para outros territórios sem que isso afete o atendimento em seu território. O reconhecimento internacional da qualidade da medicina cubana e o trabalho dos médicos migrantes auxiliam a nação socialista a obter recursos, que são usados para garantir o acesso contínuo e gratuito à educação e saúde para todos. Esse é um modelo de investimento a longo prazo, com foco na educação e na força de trabalho especializada, mas que também busca captar um retorno ao funcionamento do sistema socialista.

A posição adotada no enunciado 6 demonstra uma visão negativa sobre os métodos cubanos e seu modelo social-econômico. O uso de “ditadura cubana” e “escravos do governo”

⁵⁶ Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/cuba-vai-retirar-escravos-mais-medicos-bolsonaro-esta-certo/>. acesso em: 29 jun. 2024.

se associam a outros discursos, historicamente contrários à Cuba e ao socialismo. O enunciado ainda retoma uma regularidade discursiva encontrada no dispositivo de hos(ti)pitalidade sobre o “despreparo para exercer a profissão” e a desqualificação da qualidade da saúde cubana vista como um “mito”.

O sujeito do discurso no enunciado 6 organiza três fatores principais para validar sua oposição ao Programa Mais Médicos (PMM), sendo elas: a *exportação* dos médicos cubanos, a *ditadura* vivida em Cuba e o *despreparo* profissional dos médicos. Cada um desses elementos pode ser associado a discursos anti-cubanos, anti-socialistas e uma regularidade discursiva de desqualificação dos profissionais médicos, como forma de determinar um saber não validado. O poder e o saber, então, exercem disputas e resistências discursivas, posições e relações com outros discursos. Sobre a relação de organização dos discursos e o dispositivo, os linguistas Piovezani e Curcino refletem:

Não apenas no âmbito da retórica, mas também em vários outros domínios, a ideia de colocar as coisas em seus devidos lugares parece estar sempre presente nos usos da palavra “dispositivo”. Segundo algumas acepções encontradas em dicionários contemporâneos, o termo “dispositivo” diz respeito: a algo que prescreve, que ordena; a um conjunto de ações planejadas e coordenadas, implantadas por uma administração visando algo; à disposição de partes de um mecanismo/máquina (Piovezani, Curcino, 2014, p. 37).

O recorte da sociedade e de momentos da história feitos por veículos midiáticos, como os jornais, são também posições de sujeitos e de grupos, não são discursos neutros. O dispositivo de hos(ti)pitalidade estrangeira acionado em meio aos discursos sobre os médicos cubanos os subjetivou como sujeitos-escravos, reféns de uma ditadura, não qualificados profissionalmente em uma organização discursiva que invalida seu modelo socioeconômico, saberes e migração para trabalhar no Brasil. Vejamos abaixo algumas matérias compiladas sobre a questão trabalhista e racial associada aos discursos sobre os médicos cubanos.

Quadro 7: notícias sobre questões trabalhistas e raciais

Número	Título da Matéria	Data de publicação	Gênero
1	Ministro diz que médicos cubanos seguirão legislação trabalhista de Cuba ⁵⁷	23/08/2013	Notícia
2	“Existem também escravos brancos , não apenas pretos ” ⁵⁸	27/08/2013	Entrevista
3	Salário de médicos cubanos terá reajuste de 25% ⁵⁹	28/02/2014	Notícia
4	Salário integral para os médicos cubanos ⁶⁰	12/11/2014	editorial
5	Cuba vai retirar escravos do mais médicos: Bolsonaro está certo! ⁶¹	14/11/2018	Artigo de opinião
6	Justa alforria para os médicos cubanos ⁶²	19/11/2018	Artigo de opinião
7	Sobre a “ escravidão ” dos médicos cubanos ⁶³	21/11/2018	Artigo de opinião

Fonte: produzido pelo autor

No quadro acima estão dispostos sete títulos de notícias, dos jornais *Gazeta do Povo* e *Carta Capital*, com uma regularidade que alia discursos sobre direitos trabalhistas e questões raciais. Os títulos marcam a nacionalidade cubana como proponente de uma discussão sobre o pagamento integral ou parcial diretamente aos trabalhadores e também sobre uma suposta exploração dos profissionais. Essa discussão complexa, que leva em conta não só as leis brasileiras e o modelo de contrato feito para a atividade laboral dos cubanos no Brasil, mas também o próprio modelo socioeconômico vigente em Cuba em constante comparação

⁵⁷<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ministro-diz-que-medicos-cubanos-seguirao-legislacao-trabalhista-de-cuba-bzo0im091umtgdz3zrwco0172/?ref=busca>

⁵⁸ <https://www.cartacapital.com.br/politica/201cexistem-tambem-escravos-brancos-nao-apenas-pretos201d-5989/>

⁵⁹ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/salario-de-medicos-cubanos-tera-reajuste-de-25-2536/>

⁶⁰<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/editoriais/salario-integral-para-os-medicos-cubanos-eg3seisg6u597fwxrtmk7z9se/?ref=busca>

⁶¹<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/cuba-vai-retirar-escravos-mais-medicos-bolsonaro-esta-certo/>

⁶²<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/justa-alforria-para-os-medicos-cubanos/?ref=busca>

⁶³<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/sobre-escravidao-dos-medicos-cubanos/?ref=busca>

discursiva com o modelo brasileiro. O socialismo e o capitalismo entram em pauta, em disputa de sentidos e de posições.

Os termos “escravos”, “escravidão”, “alforria”, e também as menções sobre raça em “brancos” e “pretos” demonstram as tensões discursivas que compõem essa regularidade e a subjetivação dos médicos cubanos a partir de uma visão capitalista, eles são “sujeitos-escravos da ditadura”, enunciados por uma posição sujeito em conflito com a presença dos cubanos no Brasil.

A mobilização de diferentes elementos discursivos (falas, imagens, opiniões jornalísticas) e também distintos posicionamentos veiculados pelos jornais *Gazeta do Povo* e *Carta Capital* demonstram as tensões sobre a questão trabalhista e racial relacionada aos médicos cubanos. Enquanto no jornal *Carta Capital* se expõe uma fala controversa sobre raça e os médicos cubanos, no jornal *Gazeta do Povo* vemos o uso de termos negativos associados a Cuba e aos cubanos. A análise dos enunciados desnuda posições distintas sobre uma mesma temática.

4.3 “Não sabiam nada de medicina”

Os médicos e a medicina construíram um espectro de confiança com a sociedade ao longo da história, de forma generalista, é mais comum que se confie no médico do que o contrário. A eles é disposto o discurso de autoridade sobre o que é melhor para a saúde de alguém. Segundo Foucault (1996), a organização social sobre os discursos é permeada de regras que dividem os discursos entre os que têm sentido e os sem sentido, os que são autorizados a falar e os que são silenciados, os discursos privilegiados e os excluídos. O discurso médico está no campo do sentido, de autoridade sobre determinados conhecimentos sobre o corpo e autorizado a falar sobre a saúde. No entanto, certa instabilidade sobre o discurso médico esteve presente no dispositivo de hos(ti)pitalidade durante o Programa Mais Médicos no Brasil (2013-2018). Na mídia e também na literatura emergiram discursos ambivalentes e contraditórios sobre a capacidade de atuação e formação acadêmica dos médicos cubanos.

O Conselho Federal de Medicina (CFM), por exemplo, foi uma instituição que fortemente se opôs à atuação dos médicos estrangeiros no Brasil. Por meio de seus sites oficiais, o CFM publicou diferentes notas que avaliavam o programa de maneira negativa. Dentre as justificativas se salientou que a não revalidação dos diplomas estrangeiros por meio de provas

e avaliações em universidades no Brasil era incorreta⁶⁴. Além disso, parte da classe médica se viu desprestigiada com a participação de médicos estrangeiros no programa social. Para alguns os recursos investidos deveriam ser destinados a planos de carreira, seguridade social e melhores remunerações para médicos brasileiros (Lorenzin, 2014).

Neste escopo, um discurso de rivalidade entre médicos brasileiros e estrangeiros emergiu. Para o médico Elvis Lorenzin, o governo, a mídia e parte da sociedade brasileira tentaram construir uma imagem negativa dos médicos brasileiros e positiva dos médicos estrangeiros através de discursos que tratavam de um atendimento “mais humanizado” por parte dos agentes de saúde não nacionais e um atendimento “mais prático” dos médicos formados no Brasil. A questão foi tema de um livro com título *Mais Médicos, deuses e demônios* (Lorenzin, 2014). Alguns pontos tratados na obra foram analisados no capítulo 3 desta dissertação.

Em 2018 o jornal *Estadão* publicou uma matéria⁶⁵ que desmentia uma série de notícias falsas, compartilhadas em redes sociais, sobre a formação dos médicos em Cuba. Os boatos digitais incluíam a criação de uma imagem negativa das universidades da ilha caribenha, segundo Alessandra Monnerat, foi divulgado que Cuba possuía apenas duas faculdades que formam 300 médicos por ano, que o curso de medicina só tinha 4 anos de duração e que médicos brasileiros eram rejeitados ao se inscrever no PMM. A matéria investiga as informações divulgadas e as descreve como falsas a partir de pesquisas que informam que Cuba possui 25 faculdades de medicina que formam em média 2.000 profissionais por ano, além do curso ter duração mínima de 6 anos em período integral, assim como é no Brasil. Ademais, também pontua que os médicos brasileiros eram prioridade no preenchimento de vagas do PMM e que o não preenchimento de todas as vagas permitiu a oferta para médicos estrangeiros.

É comum que os discursos anti-cubanos no Brasil sejam relacionados também ao anti-comunismo, anti-socialismo e anti-petismo⁶⁶. No discurso xenofóbico, marca-se recorrentemente a origem do estrangeiro de forma negativa aliado ou não a outros elementos como a cultura, o poder econômico, as características físicas e etc.; ele é, em suma, um estrangeiro incômodo/não ideal (Ribeiro, 2022). As disputas políticas polarizadas também acionaram posições contrárias e a favor da presença dos médicos cubanos no país. Assim,

⁶⁴ As posições contrárias ao Programa Mais Médicos foram expostas em publicações oficiais do Conselho Federal de Medicina. Em anexo nessa dissertação é possível ler uma nota publicada em 2018.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/boatos-sobre-o-mais-medicos-atacam-a-formacao-de-profissionais-cubanos/?srsltid=AfmBOooQTxpGuVKVGpWP9HE8FJiIczo2RrbvwwhV8S7u1M3J09KRSnr9>. Acesso: 27 nov. 2024.

⁶⁶ O anti-petismo se refere aos sujeitos que rejeitam de forma exacerbada o Partido dos Trabalhadores (PT).

emergiram discursos e elementos constituintes do dispositivo de hos(ti)pitalidade que dão efeito de verdade a uma determinada posição. Os exemplos são vários:

- “Os estrangeiros não vão conseguir se comunicar com os brasileiros”;
- “a comunicação não será um impedimento”;
- “eles são escravos da ditadura cubana”;
- “eles vivem sob uma democracia popular”;
- “eles não tem cara de médico”;
- “a formação médica em cuba é acessível e de qualidade”.

Os elementos elencados acima circularam em diferentes espaços de divulgação, na mídia ou na literatura. As disputas sobre a língua, por exemplo, fizeram emergir matérias como: *Médicos cubanos vão para aldeias e temem problemas com a língua indígena*⁶⁷ e *Nova leva de médicos cubanos tem dificuldade em falar português*⁶⁸; enquanto outras perspectivas também circulavam, a exemplo de: *Prefeitura oferece curso de português a cubanos dos Mais Médicos*⁶⁹ e *Estrangeiros não temem o idioma*⁷⁰. A questão do regime socialista cubano também fez outros discursos circularem como: *O governo do PT fomenta trabalho escravo!*⁷¹ e *Cuba: uma ditadura ou uma democracia popular autêntica*⁷². Sobre a aparência dos médicos cubanos surgiu: *Jornalista diz que médicas cubanas têm cara de empregada doméstica*⁷³ e sobre a medicina em cuba: *‘a formação médica cubana é reconhecida em várias nações’, diz*

⁶⁷ Matéria sobre a preocupação com a comunicação entre médicos cubanos e brasileiros indígenas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/afp/2013/09/09/medicos-cubanos-vaio-para-aldeias-e-temem-problemas-com-a-lingua-indigena.htm>. Acesso em: 08 dez. 2024.

⁶⁸ Matéria sobre a dificuldade de médicos cubanos em falar a língua portuguesa. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/nova-leva-de-medicos-cubanos-tem-dificuldade-em-falar-portugues-14102013/>. Acesso em: 08 dez 2024.

⁶⁹ Matéria sobre curso de língua portuguesa para médicos cubanos. Disponível em: <https://portalthortolandia.com.br/noticias/nossa-cidade/prefeitura-oferece-curso-de-portugues-a-cubanos-do-mais-medicos-33446/>. Acesso em: 08 dez. 2024.

⁷⁰ Matéria sobre a falta de temor dos estrangeiros do PMM sobre a questão da língua. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/estrangeiros-nao-temem-o-idioma-3mqqbwuzbf96xlz0vfb79is0e/?ref=busca>. Acesso em: 08 dez. 2024.

⁷¹ Matéria sobre questões trabalhistas e os médicos cubanos. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/historico-veja/o-governo-do-pt-fomenta-trabalho-escravo/?ref=busca>. Acesso em: 09 dez. 2024.

⁷² Matéria sobre as disputas de narrativa em torno do regime cubano. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2021/08/05/cuba-uma-ditadura-ou-uma-democracia-popular-autentica/>. Acesso em: 09 dez. 2024.

⁷³ Matéria sobre a aparência das médicas cubanas. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jornalista-diz-que-medicas-cubanas-tem-cara-de-empregada-domestica-c7uj4otr6pyywg9aahiykpa/?ref=busca>. Acesso em: 09 dez. 2024.

*profissional*⁷⁴. Sobre essa última questão, a formação e capacidade de atuação dos médicos cubanos, vejamos a seguir algumas análises e reflexões.

Enunciado 8:

O presidente **Jair Bolsonaro** questionou a **qualidade dos profissionais cubanos** ao criar nesta quinta-feira (1) por medida provisória o programa Médicos pelo Brasil, que substituiu o Mais Médicos, criado na gestão de Dilma Rousseff (PT). “**Se os cubanos fossem tão bons assim, teriam salvado** a vida de Hugo Chávez. Se os cubanos fossem tão bons assim, Dilma e Lula teriam no Planalto para atendê-los **cubanos**, e não **brasileiros**”, disse.⁷⁵

Fonte: Jornal Gazeta do Povo (01/08/2019)

A emergência desse enunciado nos coloca diante de uma instabilidade sobre a confiança normalmente delegada à categoria médica. Para a posição sujeito do então presidente Jair Bolsonaro, a qualidade profissional dos cubanos é questionável; coloca-se em dúvida sua capacidade de atuação e marca-se sua nacionalidade no discurso: “se os *cubanos fossem* tão *bons* assim”. Como justificativa à dúvida imposta se afirma na construção da oração condicional “teriam *salvado* a vida de Hugo Chávez”. A dúvida é marcada de forma repetida no enunciado, causando um efeito de ênfase, “se os *cubanos fossem* tão *bons* assim”. A argumentação busca outro exemplo justificável e completa: “Dilma e Lula teriam no Planalto para atendê-los *cubanos*, e não *brasileiros*”.

Para responder à questão, por *que os médicos cubanos estão no Brasil*? O dispositivo de hos(t)ipitalidade é acionado a partir de um incômodo advindo de parte da sociedade civil, da classe médica e da classe política com a presença dos cubanos no país. É o incômodo que provoca a questão, que é respondida de maneira estratégica a partir de diferentes elementos, discursivos e não discursivos. No funcionamento discursivo desse dispositivo, surgiram discursos que desestabilizam a confiança e a autoridade comumente dada à classe médica. Vejamos a partir das lentes foucaultianas o que aconteceu para que houvesse a ocorrência desse enunciado e por que ele emergiu e não outro em seu lugar? Abaixo seguem algumas reflexões.

⁷⁴Matéria sobre o reconhecimento internacional da medicina cubana. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/a-formacao-medica-cubana-reconhecida-em-varias-nacoes-diz-profissional-9711475>. Acesso em: 09 dez. 2024.

⁷⁵Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-cubanos-medicos-pelo-brasil/?ref=busca>. Acesso em: 04 nov. 2024.

- a) Ainda que os médicos cubanos sejam reconhecidos mundialmente, a partir de pesquisas e instituições, por seu trabalho em países com dificuldades e problemáticas no atendimento à saúde da população, há recorrentemente discursos contrários à sua presença em diferentes países. Alguns desses discursos são carregados de rechaço ao modelo econômico socialista e reverberam em diferentes estratégias discursivas para que a imagem dos cubanos não seja positiva. O rechaço também emerge de uma disputa de classes, da preservação de um *status quo* de quem deve ser médico no Brasil.
- b) Questionar a qualidade profissional médica é um mecanismo de desestabilização de confiabilidade, passa-se a não confiar no atendimento e no profissional. Esse discurso enunciado e divulgado por políticos possui um valor também estratégico de apoio popular, pelo fim do Programa Mais Médicos e apoio ao novo programa.
- c) A vinculação positiva de um projeto ligado a figuras políticas (Presidenta Dilma Rousseff e Presidente Luís Inácio Lula da Silva) e a um partido político (Partido dos Trabalhadores) é comumente vista como algo negativo por novos representantes com posicionamentos contrários. Ainda que se pudesse apontar erros e falhas e buscar melhorias para a continuidade do projeto, é comum, em meio a polarizações políticas, que se desgaste a imagem do projeto anterior e se crie um “novo” dito como melhor.

O trabalho dos médicos cubanos em ações de apoio a saúde internacional não se limitou ao Brasil. Durante a história o país caribenho enviou seus profissionais para ajuda humanitária, combate a epidemias e auxílio em desastres naturais de diversos países, como o combate ao Ebola em países do continente africano, a cólera no Haiti e outras epidemias na Indonésia, Chile, Venezuela, Peru e etc. De acordo com matéria publicada no Jornal *Brasil de Fato*⁷⁶ missões internacionais de apoio a saúde ocorreram em 164 países ao longo de 55 anos.

Entre os elementos constitutivos do dispositivo de hos(ti)pitalidade, elencados no capítulo 1 desta pesquisa, estão a “origem”, o “saber-poder” e a “posição do sujeito”. Cada um destes, de modo estratégico, possui funções que atravessam o acolhimento aos cubanos. Ainda que o Programa Mais Médicos fosse constituído por estrangeiros com diferentes nacionalidades, são os cubanos que ganham destaque em muitos discursos contrários e a favor de sua presença no Brasil. Os motivos perpassam por sua quantidade majoritária no programa, pelo ódio ou desconhecimento sobre o sistema socioeconômico de seu país, pela xenofobia e racismo, pelo preconceito de classe, pela propaganda anti-comunista, por discordâncias sobre

⁷⁶ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/11/27/entenda-o-mais-medicos-e-o-buraco-deixado-pelos-8-mil-cubanos-que-saem-do-pais>. Acesso em: 10 dez. 2024.

o modelo de acordo feito entre Brasil e Cuba para o pagamento dos cubanos, por posições políticas distintas, pela língua materna e estrangeira e por, como tratamos nesta seção, dúvidas sobre sua capacidade de atuação profissional.

A questão da origem ou nacionalidade foi uma regularidade encontrada nas séries de enunciados organizados e compilados nesta pesquisa. No enunciado posto anteriormente não são elencadas várias nacionalidades como “não qualificadas” para atuação profissional no Brasil, somente a cubana é marcada. Foucault (2023), ao tratar sobre o saber-poder, desenvolve reflexões sobre a organização dos saberes na sociedade, sobre a divisão entre os discursos aceitos e os rejeitados ou de pouco valor. Tal organização é constituída por exercícios de poder que funcionam a partir dos sujeitos e nos sujeitos. Marcar os cubanos como sujeitos não capacitados para atuação médica é um aspecto de uma divisão atravessada pelo saber-poder, entre aqueles que têm um conhecimento valioso e outros que não o possuem.

A comparação e rivalidade entre médicos brasileiros e cubanos presente em enunciados como este analisado é um elemento do saber-poder, mas também do biopoder, enquanto mecanismo de fazer viver através dos cuidados com a saúde da população, e de vigilância, como um aparato normalizador sobre como deve se proceder os cuidados e quem é melhor para fazê-lo. Se enunciou como método comparativo: “Dilma e Lula teriam no Planalto para atendê-los *cubanos*, e não *brasileiros*”. Neste caso, o exercício de poder se volta para a organização do saber médico e desautoriza o saber *cubano*, ao mesmo passo que autoriza o saber *brasileiro*. A divisão é marcada pela nacionalidade no discurso.

A confiabilidade médica, então, apesar de parecer sempre posta sobre os sujeitos não médicos (os pacientes), precisa ser validada, autorizada, normalmente por outros profissionais de saúde. Para além desse mecanismo de distribuição de autorização e validação de conhecimento que perpassa pela categoria, os conhecimentos médicos também se tornaram debate entre civis e políticos.

Foucault (2023), ao tratar do dispositivo, o vê enquanto uma função estratégica. No período pós-abolição da escravatura no Brasil, por exemplo, as estratégias que compunham o funcionamento da hos(ti)pitalidade levavam em conta a busca por estrangeiros “ideais” para formação de uma sociedade “civilizada” e produtiva (Schwarcz, 2000). As estratégias discursivas adotadas, como a “lei da vadiagem” (Carneiro, 2023), puniam negros libertos sem emprego ou renda, enquanto se prometia a estrangeiros de países da Europa grandes

oportunidades de trabalho, renda e qualidade de vida (Koifman, 2012), que nem sempre eram cumpridas.

Tal seletividade, historicamente aportada no Brasil, constitui uma rede atravessada pelo saber, pelo poder e pela subjetividade (Foucault, 2023). Não é um mesmo dispositivo, com as mesmas estratégias, aquele que dividiu os diferentes modos de acolhimento a africanos e europeus e o que (des)acolheu os cubanos, pois, é importante que vejamos a emergência, o acontecimento, a irrupção de novos mecanismos de hospitalidade. Mas, para a análise do discurso, aportada em uma perspectiva foucaultiana, as regularidades em meio às dispersões históricas nos colocam diante do domínio da memória, do já dito, da associação com outros discursos. É por isso, que a memória nos recorda que o sujeito estrangeiro negro no Brasil é visto de uma maneira e o sujeito branco de outra, que o sujeito latinoamericano é menos “ideal” se comparado com o sujeito europeu. Que as comparações entre sujeitos estrangeiros ou ainda entre nacionais e estrangeiros se valem de uma estratégia hierarquizante e seletiva que produz subjetividades.

Sargentini (2011, 2012) salienta que os sujeitos foram se modificando com o contato com diferentes tecnologias como o rádio, a televisão e as redes sociais. As falas públicas dos sujeitos possuem novas configurações. Nesse sentido, cartografar as linhas, como diria Deleuze (1990), de um dispositivo que enuncia os médicos cubanos como competentes ou incompetentes em jornais de circulação *on-line* é recortar um momento da história que constrói subjetividades sobre os cubanos, que diz quem eles são, que os enuncia de maneira tensionada em uma formação discursiva (Foucault, 2020). Durante a pesquisa foi possível observar que os médicos cubanos foram enunciados como múltiplos sujeitos: escravos, não competentes para o exercício da profissão médica e rejeitados por sua origem. Essas linhas do dispositivo de hos(ti)pitalidade deixam pouco espaço para que os médicos da ilha caribenha construam um outro sujeito, com sua própria perspectiva, mestres de si, como diria Deleuze (1990).

O jornal *Carta Capital* também publicou uma reportagem sobre o mesmo acontecimento. Vejamos o enunciado a seguir:

Enunciado 9:

“Eu tinha uma preocupação enorme com a questão ideológica, porque eu conhecia o que estava sendo tramado naquele momento. Não era a vida dos brasileiros. Mas o que era vendido aqui era uma coisa completamente diferente. **Se os cubanos fossem tão bons**, teriam

salvado a vida de Hugo Chávez. Não deu certo, deu azar”, disse o presidente, em tom de deboche. Chávez morreu de câncer, após passar por tratamento em Cuba. “Se os cubanos fossem tão bons assim, Dilma e Lula teriam aqui, no Planalto, **cubanos**, e **não brasileiros**”⁷⁷

Fonte: *Jornal Carta Capital* (01/08/2019)

No enunciado acima, a fala pública do então presidente, Jair Bolsonaro, se repete e dispõe de uma posição sujeito privilegiada, de governante, de chefe de Estado e a utiliza para pôr em dúvida a qualidade de atuação dos médicos cubanos e compará-la a de brasileiros. Ao tratar do sujeito, Foucault (2006a) o descreve enquanto uma posição, que pode ser preenchida por diferentes indivíduos, e que desnuda interesses, posicionamentos e se constitui. Nas falas do ex-presidente, elencam-se características, explícitas ou não, que fariam os cubanos serem considerados bons médicos, vejamos abaixo:

- Médicos cubanos bons [teriam salvado a vida de Hugo Chávez]
- Médicos cubanos bons [não são comunistas]
- Médicos cubanos bons [atuariam no Planalto brasileiro]
- Médicos cubanos bons [atenderiam os presidentes Dilma Rousseff e Lula da Silva]
- Médicos bons são brasileiros

A produção de subjetividades nesse discurso impõe elementos arbitrários para definição do que seria ser um bom médico cubano ou ainda do que seria ser um bom médico no Brasil. A medida de qualidade é atuar no atendimento a presidentes e em espaços governamentais. Tal percepção denota elementos de valor e autoridade que fogem do campo do conhecimento médico e se instauram em práticas discursivas sobre a aplicação do atendimento em autoridades governamentais como forma de validação. Ou ainda na “salvação do paciente”, se não houver como “salvá-lo”, então perde-se a credibilidade. Ademais, os mecanismos discursivos de comparação, entre brasileiros e cubanos, atuam no dispositivo de hos(ti)pitalidade como uma recusa à presença dos cubanos no Brasil, pois, eles não seriam bons médicos. Vejamos possíveis exemplos comparativos.

⁷⁷Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-se-medicos-cubanos-fossem-bons-teriam-salvado-hugo-chavez/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

- Se os cubanos fossem tão bons assim, Dilma e Lula teriam aqui, no Planalto, *cubanos*.
- [Mas como os cubanos não são tão bons assim], Dilma e Lula [têm], no Planalto, brasileiros.

Abaixo está a imagem da notícia discutida e veiculada pelo jornal *Carta Capital*.

Figura 2: Declaração do então presidente Jair Bolsonaro sobre a qualidade profissional dos médicos cubanos



NEWSLETTERS **CartaCapital** 30 ANOS EDIÇÃO DA SEMANA
Tudo que importa para quem se importa

CartaCapital agora também no Threads SIGA JÁ

POLÍTICA

Bolsonaro diz que se médicos cubanos fossem bons, teriam salvado Hugo Chávez

Presidente fez críticas a profissionais de Cuba durante cerimônia de lançamento de programa substituto do Mais Médicos

POR CARTACAPITAL
01.08.2019 18H11 | ATUALIZADO HÁ 5 ANOS

WhatsApp Telegram Facebook Messenger Email

Médicos pelo Brasil

Fonte: Jornal *Carta Capital* (01/08/2019)

Para Carvalho e Sargentini (2014, p. 30), o discurso “deve ser visto tanto como produtor de dispositivos quanto atravessado por eles”. Assim, a comparação e a rivalidade são partícipes

da rejeição contra os sujeitos cubanos. Se produz subjetividades sobre quem é o melhor (brasileiros ou cubanos), além de ser atravessado por outras séries de acontecimentos que se associam, como o fator condicional de “salvar a vida de Hugo Chávez” . No enunciado anterior, *Dilma e Lula* são um ponto de encontro discursivo sobre a efetiva qualidade ou falta dela dos médicos cubanos, o que também implica uma polarização política ligada aos representantes governamentais e os projetos criados em seus governos. São elementos que constituem a seletividade e a comparação hierarquizante nos discursos e que atuam no dispositivo.

Vejamos a seguir os títulos das notícias compiladas no que entendemos ser uma regularidade sobre a formação e capacidade de atuação médica.

Quadro 8: Notícias sobre a capacidade de atuação profissional de médicos cubanos

Número	Título	Gênero	Data
1	A medicina cubana é boa mesmo? ⁷⁸	Artigo de opinião	05/02/2015
2	A medicina cubana funciona? Zoe Martinez, cubana, responde a Mariana Godoy ⁷⁹	Artigo de opinião	11/07/2018
3	Associação Médica Brasileira promete ir à Justiça contra revalidação de diplomas ⁸⁰	Notícia	20/07/2019
4	Bolsonaro questiona qualidade de médicos cubanos: “ Teriam salvado a vida de Hugo Chávez” ⁸¹	Notícia	01/08/2019
5	Bolsonaro diz que se médicos cubanos fossem bons, teriam salvado Hugo Chávez ⁸²	Notícia	01/08/2019

Fonte: produzido pelo autor

⁷⁸ <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/a-medicina-cubana-e-boa-mesmo/?ref=busca>

⁷⁹ <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/medicina-cubana-funciona-zoe-martinez-cubana-responde-mariana-godoy/?ref=busca>

⁸⁰ <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/associacao-medica-brasileira-promete-ir-a-justica-contrarevalidacao-de-diplomas/?ref=>

⁸¹ <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-cubanos-medicos-pelo-brasil/?ref=busca>

⁸² <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-se-medicos-cubanos-fossem-bons-teriam-salvado-hugo-chavez/>

A circulação de variadas notícias, artigos de opinião, reportagens ou outros gêneros sobre um mesmo tema demonstram uma certa regularidade discursiva e um interesse social sobre um acontecimento. O dispositivo de hos(ti)pitalidade ou outros dispositivos são aqueles que atuam na transformação do sujeito, que são atravessados pela produção de sentido, pelo poder e pelo saber (Foucault, 2023). Portanto, ao observarmos o sujeito a partir das produções da linguagem, dos sentidos e das tensões discursivas vemos que a medicina cubana se tornou um objeto de interesse no Brasil.

A busca por respostas foi precedida por perguntas sobre a qualidade da medicina de um grupo, marcado por um território, Cuba, em exemplos como “*a medicina cubana é boa mesmo?*” e “*a medicina cubana funciona?*”, como podemos ver nas matérias/enunciados acima. Mesmo que não seja comum ver notícias que perguntem “a medicina estadunidense é boa mesmo?” ou “a medicina italiana funciona?”. Ou ainda, a não emergência das mesmas questões diante da presença de outras nacionalidades no PMM. Ou seja, ainda que haja um variado número de possibilidades ou marcas de nacionalidades possíveis é, a partir da emergência de um dado acontecimento, que se agencia poderes e saberes que dão foco e importância a uma única nacionalidade. É de interesse do dispositivo questionar a presença dos cubanos no Brasil, o que desencadeia outras questões, como a qualidade de sua formação médica e sua qualidade de atuação. Sobre a articulação do dispositivo em certo espaço e tempo os linguistas Carlos Piovezani e Luzmara Curcino refletiram o seguinte:

Em Foucault, portanto, o dispositivo parece referir-se a uma tecnologia composta de partes organizadas e articuladas entre si e agenciadas de tal modo que condicionam um campo de ação. O dispositivo indica um aparelho e um agenciamento, em cujo efeito normativo sobre certos espaço e tempo são produzidas determinadas disposições dos sujeitos a certas práticas, ou seja, por sua ação cria-se uma propensão histórica a certas ações, no interior de um conjunto de várias possibilidades (Piovezani, Curcino, 2014, p. 38).

É no dispositivo de hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, em um determinado tempo e lugar, que diferentes enunciados em uma mesma formação discursiva emergiram sobre a capacidade de atuação dos médicos cubanos. Os discursos partiram de sujeitos e posições diversas como as críticas do Conselho Federal de Medicina a não revalidação de diplomas; livros como o do médico Lorenzin (2014) que analisam uma suposta rivalidade entre médicos brasileiros e cubanos ou o da pesquisadora Telles (2019) que analisa a implementação do programa através de dados e pesquisas para tratar de pontos positivos e

dificuldades enfrentadas; de artigos de opinião sobre a medicina cubana; e ainda, das falas do ex-presidente que questionam a qualidade da medicina cubana.

As reflexões apontam para subjetivações sobre o sujeito-médico-cubano que o qualifica como não necessário ou como não qualificado profissionalmente para atuar no Brasil através de discursos que desestabilizam ou que tentam desestabilizar a confiança médica, normalmente, depositada nesses sujeitos. As análises incluem posicionamentos opostos, discursividades partidárias e elementos políticos, hierarquização de nacionalidades e efeitos de sentido que avaliam o profissional de maneira arbitrária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar os discursos de hostilidade e hospitalidade sobre os médicos cubanos no Brasil em enunciados jornalísticos, a partir da mobilização de diferentes elementos, e aportados por uma perspectiva discursiva nos proporcionou compreender uma série de posições constitutivas dos discursos nacionalistas e dos discursos xenofóbicos. A presença dos cubanos no Brasil fez emergir não só enunciados em disputa, tensionados por exercícios de poder e pelo saber, mas também perceber a objetivação e subjetivação desses sujeitos como escravos, profissionais sem qualificação adequada, com uma “origem não ideal” e, ainda, uma “aparência inadequada” para a profissão médica.

No primeiro capítulo desta dissertação nos dedicamos a construir um aporte teórico-metodológico que nos auxiliou durante todo o trabalho. A perspectiva discursiva dos trabalhos de Michel Foucault nos permitiu ter lentes de análise competentes sobre o discurso da hostilidade aos imigrantes e estrangeiros, particularmente aos médicos cubanos. Para unir elementos dispersos e diversos constitutivos de um dispositivo que afetou tanto sujeitos estrangeiros como também sujeitos nacionais, foi necessário cartografar a leitura histórica do corpo considerado estranho, lido como pertencente a outro território delimitado (mesmo que de modo restrito). Ademais, delimitamos alguns dos elementos constitutivos do dispositivo de hos(ti)pitalidade, o que nos possibilitou fazer análises mais profundas de determinados fatores.

Ao descrever e refletir sobre uma breve arqueogenealogia da estrangeiridade, no segundo capítulo da dissertação, foi possível observar regularidades e dispersões marcadas nos discursos sobre o *estrangeiro*, o *escravo*, o *estranho* e o *comunista*. Para o sujeito que se considera nacional se alinham exercícios de poder que julgam e avaliam a humanidade do outro, considerado estrangeiro, por meio da exacerbação da diferença e hierarquizações ligadas à

origem, a raça, a classe social, a língua, etc. As avaliações/categorizações presentes em discursos hostis sobre os estrangeiros estão alicerçadas em regras e condições que podem determinar o acolhimento, o rechaço ou ainda criar as assimetrias e a hos(ti)pitalidade.

Na Grécia antiga, os bárbaros eram os estrangeiros hostilizados, sem direitos, vistos como selvagens, e os metecos eram os estrangeiros “aceitáveis”, que poderiam viver entre aqueles considerados cidadãos plenos para trabalhar, mas com direitos limitados. No período pós abolição da escravatura no Brasil os povos indígenas, africanos e demais estrangeiros não europeus foram destinados à margem da sociedade (salvaguardando as especificidades de cada grupo), pois, não faziam parte de um plano de modernização do país. Na contemporaneidade, os cubanos, dentre vários outros estrangeiros, ganharam destaque e muitas matérias jornalísticas que discutiam sua origem, sua formação e capacitação profissional, sua língua, racialidade e outros aspectos.

O Programa Mais Médicos foi um grande catalisador dos discursos hostis e hospitalares sobre os cubanos no Brasil, como apontam as discussões empreendidas no terceiro capítulo dessa dissertação. A partir da questão da assimetria do acolhimento foi possível discutir sobre os discursos seletivos sobre os estrangeiros, hierarquizações e rivalidade. Já nos discursos hospitalares observamos a resistência, os apontamentos de problemas como a xenofobia, o racismo, o machismo, e etc. contra os cubanos e cubanas.

As dispersões e as regularidades de discursos sobre os sujeitos estrangeiros e estrangeirizados demonstram uma arbitrariedade, a depender dos costumes culturais, da história de formação de um Estado, de preceitos criados por grupos, da língua falada em determinado território, disputas políticas, entre outros elementos que podem identificar um estranho/estrangeiro como incômodo ou como aceitável. No Brasil, o discurso anti-cubanos exerceu comparações e hierarquizações como: não queriam cubanos/queriam brasileiros; não aceitavam cubanos/preferiam que fossem suecas; não gostam de latino-americanos/idealizam europeus e norte-americanos.

Já no quarto capítulo, que contém as análises do *corpus* da pesquisa, foi possível perceber marcas discursivas da hostilidade e da hospitalidade, das tensões, do rechaço e da resistência. Na seletividade marcada na análise do enunciado 1, por exemplo, presente na seção sobre a origem dos cubanos, a comparação entre cubanos e suecas marca a rejeição aos médicos da ilha caribenha e a aceitação das enfermeiras suecas no Brasil. A complexidade discursiva das contradições e da hos(ti)pitalidade nos mostrou que a *filia* (aceitação) as suecas também é atravessada pelo discurso hostil, pelo machismo e por questões raciais, em um tom jocoso.

Nosso estudo aponta para uma necessidade de maior aprofundamento de pesquisas

sobre a assimetria do acolhimento ao estrangeiro. O discurso sobre estrangeiros “ideais” é constantemente fundamentado na exacerbação da diferença. “Esse” é melhor do que “aquele” por determinada característica. Logo, é comum que a xenofobia esteja relacionada à comparação e rivalidade entre nacionais e estrangeiros. Nesse aspecto, os brasileiros também foram subjetivados e objetivados ora como “agentes do ódio”, como médicos que hostilizavam os estrangeiros, e ora como “vítimas” de discursos comparativos que enalteciam o trabalho dos cubanos (atendimento “mais humanizado”) e que consideravam as ações dos brasileiros “práticas demais”.

As condicionalidades de que trata Derrida (2001, 2003) também estão ligadas à seletividade, categorização e hierarquização do estrangeiro e são um aporte importante nessas discussões. É preciso salientar que os aparatos de controle sobre os sujeitos que tentam normalizar seus corpos constantemente para que suas ações sejam previsíveis não excluem a hierarquização dos indivíduos. A exacerbação da diferença permite que um sotaque seja considerado “fofo”, por exemplo, e outro “feio” e faz parte de um dispositivo complexo e pernicioso.

A questão racial ligada ao aspecto trabalhista também foi um elemento recorrente no dispositivo de hos(ti)pitalidade. O termo “escravo” foi utilizado em diversas matérias jornalísticas para caracterizar os cubanos. As discussões empreendidas eram atravessadas tanto por elementos de direitos trabalhistas quanto pelo racismo. Foi possível refletir sobre algumas das regras de possibilidade que permitiram a emergência e uso da palavra “escravo” e “alforria” para tratar sobre os médicos cubanos. Para a pesquisa, não somente uma suposta preocupação com os direitos trabalhistas dos cubanos ancorava o uso do termo, mas também o rechaço ao socialismo, o medo do comunismo e a proteção e manutenção do capitalismo que induzem uma imagem negativa dos moradores da ilha caribenha.

Além disso, discutiu-se sobre uma divisão de raça e classe que afeta o tecido social brasileiro e que condiciona que mais pessoas brancas e com poder econômico acessem e concluam o curso de medicina. Ao longo do tempo e a partir de aparatos sociais que fomentam a desigualdade se condicionou uma imagem pouco diversa de quem são e como são caracteristicamente os médicos no Brasil. A normalização desse fator sofreu instabilidade quando médicos estrangeiros, muitos deles negros e cubanos, adentram para trabalhar no país.

O incômodo da elite econômica e da classe média brasileira contra os cubanos fez emergir discursos sobre a aparência dos profissionais, como nos discursos sobre a “*Cara de empregada doméstica*”. A análise permite compreender que a negação da competência e formação médica das cubanas é ancorada no julgamento e avaliação de sua aparência. O

discurso racista está na mobilização de sentidos determinantes de qual profissão determinados sujeitos podem exercer ou não. Há também o uso recorrente de termos tão caros para a história do Brasil como “escravo” e “alforria” que provocam um sentido negativo sobre os cubanos. A posição tomada pelos sujeitos que as usam é a de rechaço ou ojeriza não só aos termos contratuais de pagamento aos cubanos no PMM ou ao modelo sócio-econômico socialista, mas a presença e constituição dos sujeitos cubanos no tecido social brasileiro.

Ademais, apesar do reconhecimento internacional da medicina cubana, do grande trabalho humanitário em situações de crise de saúde internacional, de atendimentos bem avaliados por populações de diversas nações e do trabalho de base do Governo e Ministério da Saúde para preparar os profissionais para a realidade brasileira, os profissionais receberam discursos hostis voltados a sua formação e capacidade de atuação. As tensões discursivas sobre esse aspecto subjetivaram os cubanos como inadequados ou não capacitados. Logo, também emergiram discursos de rivalidade e comparação com profissionais brasileiros. Os aspectos discursivos analisados durante as seções do quarto capítulo e também ancorados nas discussões empreendidas nos capítulos anteriores demonstram aparatos hostis sobre os cubanos.

A pergunta que orientou essa pesquisa visou saber “Como os médicos cubanos, no Brasil, se tornaram objeto de discursos ambivalentes, contraditórios e em disputa?”. Algumas das respostas, analisadas a partir de uma perspectiva discursiva dos estudos de Michel Foucault, de trabalhos de linguistas e filósofos e outros estudiosos das humanidades, nos permitiram elencar alguns resultados.

As disputas discursivas sobre a capacidade ou não de atuação dos médicos cubanos, por exemplo, não se restringiram aos aparatos de avaliação da classe médica, mas estiveram presentes também nos discursos políticos, nas opiniões jornalísticas e no amplo debate social. Os médicos cubanos foram objetivados e subjetivados não só por sua profissão, mas também por sua origem, características físicas, formação, língua e direitos trabalhistas. Além disso, a análise dos enunciados nos permitiu observar as diferentes posições negativas, positivas e em contradição sobre os cubanos.

Quatro regras foram importantes catalisadores analíticos das contradições e disputas sobre os médicos cubanos, em uma perspectiva discursiva foucaultiana, nos voltamos à função enunciativa a partir do referencial, da posição do sujeito, do domínio associado e da existência material. As análises nos levaram a reflexões sobre a associação da ojeriza aos médicos cubanos ao comunismo, a revolução cubana e o caráter socialista de Cuba; além de perspectivas distintas sobre a medicina voltada ao cuidado e prevenção de saúde, de maneira mercadológica ou social.

O objetivo geral da pesquisa foi investigar o funcionamento discursivo da

hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos no Brasil, em análise de jornais *on-line*, a partir do conceito de dispositivo. Para contemplar o objetivo geral elencamos três objetivos específicos, que são: I)reunir materialidades discursivas em jornais *on-line* que constituem discursos sobre os médicos cubanos no Brasil, sendo hostil ou hospitaleiro; II)identificar regularidades discursivas em disputa de verdade sobre os médicos cubanos; e III)analisar enunciados que discursivizem violências e resistências sobre os médicos cubanos.

O primeiro objetivo específico foi alcançado a partir de algumas escolhas teóricas e metodológicas. A abordagem qualitativa e a escolha de dois jornais de grande circulação *on-line*, com posicionamentos distintos, buscou analisar as disputas discursivas e observar possíveis regularidades. As diferenças entre o jornal *Gazeta do Povo* e *Carta Capital*, o primeiro aliado a discursos mais conservadores e o segundo a discursos mais progressistas, foram parte essencial das escolhas metodológicas. A definição de palavras-chave para pesquisas nos *sites* e uma quantidade limite de matérias também foram essenciais para constituir o *corpus*. Assim, as matérias foram reunidas e organizadas a partir de regularidades pré-definidas.

A identificação de disputas e tensões discursivas, no segundo objetivo específico, só foi possível a partir de análises prévias e, posteriormente, aprofundadas com o auxílio da perspectiva discursiva foucaultiana. Os enunciados demonstraram disputas de verdade, com posições contrárias e em favor da presença dos médicos cubanos no Brasil. O apontamento da presença de ojeriza, preconceitos, xenofobia e racismo configuraram uma resistência aos discursos hostis e uma tensão sobre a posição dos sujeitos.

O terceiro objetivo específico, de analisar enunciados que discursivizem violências e resistências sobre os médicos cubanos, foi contemplado majoritariamente no quarto capítulo da dissertação, apesar de também ser fragmentado durante os outros capítulos com exemplos e reflexões. As análises empreendidas confirmam a hipótese inicial de que no funcionamento discursivo do dispositivo de hos(ti)pitalidade estrangeira se arrolam elementos discursivos e não discursivos, saberes e exercícios de poder, que tensionam “verdades” sobre os médicos cubanos e que, por isso, surgem discursos ambivalentes, contraditórios e em disputa.

Os resultados apontam para a conformação da hipótese, mas de maneira mais detalhada e com uma certa complexidade também já esperada. Os exercícios de poder e saber, a organização dos discursos na sociedade e as posições dos sujeitos foram partes essenciais da análise que demonstrou uma disputa política, social e de categoria profissional entre brasileiros e cubanos. A xenofobia, o racismo e a rivalidade constituíram discursos hostis pautados em um nacionalismo exacerbado que afetou os discursos de acolhimento aos cubanos e causou

assimetrias na hospitalidade.

Há ainda uma série de possibilidades sobre os discursos acerca da hos(ti)pitalidade aos médicos cubanos que podem inspirar outras pesquisas e explorar mais aspectos desse acontecimento discursivo. As mudanças ocorridas no Brasil após o fim do Programa são elementos que ainda precisam ser discutidos e os apagamentos e a falta dos médicos cubanos no Brasil podem gerar questões para trabalhos futuros.

Por fim, o dispositivo de hos(ti)pitalidade estrangeira, pensado a partir das reflexões de Michel Foucault e Jacques Derrida, demonstra uma relação entre diferentes elementos discursivos, históricos e sociais sobre a presença dos médicos cubanos no Brasil. Os resultados apontam para uma disputa discursiva sobre a imagem do sujeito cubano, a hostilidade e hospitalidade entram em embate e também se unem em enunciados regulares que tentam justificar a presença ou a saída dos cubanos do país. O estudo requer mais aprofundamento na dinâmica social entre brasileiros e cubanos, mas também se mostra uma contribuição importante para os estudos discursivos e das humanidades.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo?. **Revista Outra Travessia** n. 5, Ilha de Santa Catarina – 2º semestre de 2005.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 29(2): 65-78, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Xenofobia**: medo e rejeição ao estrangeiro. São Paulo: Cortez, 2016.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AYERBE, Luis Fernando. **A revolução cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BASLEZ, M.-F. **L'étranger dans la Grèce Antique**. 2e tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

BATISTA, João Paulo Santos, & RIBEIRO, Jocenilson. (2021). Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro no Brasil, de Durval Muniz Albuquerque Júnior: resenha de uma leitura comentada. **Entheoria: Cadernos De Letras E Humanas**, 8(1), 179–188. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3930>

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BEHELLI, Ricardo Sequeira. **Civilização e barbárie no pensamento de Manuel González Prada**. OpenEdition journals, *Amerika* [En ligne], 2017.

BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias**. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **Raízes do Brasil**. — 26. ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRAGA, Amanda. **Retratos em preto e branco**: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil. 2013. 231 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault**: uma história crítica da verdade. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v.29(2), 2006, p.65-78.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHO, Pedro Varoni; SARGENTINI, Vanice. Dispositivo, discurso e produção de subjetividades. in: JUNIOR, Antônio Fernandes, SOUSA, Kátia Menezes. **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiás: CAC/UFG, 2023.

CHARLEAUX, João Paulo. **Ser estrangeiro: Migração, asilo e refúgio ao longo da história**. São Paulo: Claro Enigma, 2022.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Pesquisa de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

COLAÇA, Joyce Palha. **O discurso socialista cubano contemporâneo sobre a deserção: uma análise dos pronunciamentos de Fidel Castro**. 2010. 206 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CRARY, Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DA ROSA, Marluza. **A incidência e a insistência da verdade no discurso: notas para reler a vontade de saber**. linguagem em (dis)curso (*online*), v. 15, p. 183-195, 2015.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: https://brasa.org.br/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/?gclid=CjwKCAjw1MajBhAcEiwAagW9MQqR7Mlu0ByZo1PMU46RCOfZq97EhMGxGb_k0XDcUks81OEznWrPBRoC12AQA_vD_BwE. Acesso em: 13 de maio de 2023.

DELEUZE, Gilles. **¿Que és un dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Ed. Vega – Passagens: Lisboa, 1996.

DERRIDA, Jacques. **Cosmopolitas de todos os países, mais um esforço!** Tradução F. Bernardo. Coimbra: Minerva Coimbra, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade**. Tradução de Antônio Romaine. São Paulo: Escuta, 2003.

DUCROT, Oswald. e TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001, 339 p.

ECO, Umberto. **Migração e intolerância**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo: um guia político para quem se importa**. São Paulo: Planeta, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição, Rio de Janeiro:

Edições Graal, [1976] 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 2. Ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

FOUCAULT, Michel. Estratégia, poder-saber/Michel Foucault. **Coleção Ditos & Escritos IV**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro, 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, (1969) 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 15. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FANTINI, João Angelo. (org.). **Raízes da Intolerância**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

Ferreira, M. de V., Paixão, C. J., & Oliveira, D. B. (2022). **Elementos de linguagem e arqueogenealogia em Michel Foucault**. *Revista Da Anpoll*, 53(2), 85–99. <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i2.1759>.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, [1933] 2001.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2022.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. Ed. 4. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GOMES, Luciano Bezerra; MERHY, Emerson Elias; FERLA, Alcindo Antônio. Subjetivação dos médicos cubanos: diferenciais do internacionalismo de cuba no programa mais médicos. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 3, p. 899-918, set./dez. 2018.

GÓMEZ, Ángel Cañete. **A construção das identidades dos/as médicos/as cubanos/as do Programa Mais Médicos em notícias do Portal G1 a partir dos Estudos Críticos do Discurso**. 2021. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do

Ceará, Fotalaza, 2021.

GONÇALVES, Jadson Fernando Garcia. **Foucault, a descontinuidade histórica e a crítica da origem**. In: Revista Aulas. Campinas, n. 3, 2007.

GONÇALVES, Daniel Luis Cidade. **A impossibilidade de pensar certas coisas**: analisando o conceito de episteme em Michel Foucault. In: Revista Argumentos. Fortaleza, n. 20, 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras**: enunciados, visibilidades, subjetividades. MOARA , v. 01, p. 06-25, 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: Maria do Rosario Gregolin. (Org.). **Discurso e mídia**. A cultura do espetáculo. 01.ed. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2003, v. 01, p. 95-110.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**. Diálogos & Duelos. 1. ed. São Carlos: Claraluz Editora, 2004. v. 1. 220p .

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise; NEVES, I . **A arqueogenealogia foucaultiana como lente para a análise do governo da língua portuguesa no Brasil**: continuidades e disrupções. Moara. Estudos Linguísticos , v. 2, p. 16-40, 2021.

JAMESON, Fredric. **O marxismo tardio**. São Paulo: editora Unesp, 2011.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante ideal**: o ministério da justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

KRENAK, Ailton. O Eterno Retorno do Encontro. In: Novaes, Adauto (org.), **A Outra Margem do Ocidente**, Minc-Funarte/Companhia Das Letras, 1999.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LESSER, Jeffrey. **A invenção da brasilidade**: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LORENZIN, Elvis Leonardo Saraiva. **Mais Médicos - deuses e demônios**: contratam-se. Nos bastidores psicológicos de um programa governamental. Curitiba, PR: CRV, 2014.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** - (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2017.

MARX, Karl. **Salário, preço e lucro**. São Paulo: Global, 1987.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n1edições,2018.

MELLO, João Manuel Cardoso. **O capitalismo tardio**. São Paulo: editora Unesp, 2009.

MILANEZ, Nilton . **Os sintomas do discurso**: sujeito, corpo e clínica na mídia. Revista da

ESPM , v. 4, p. 49-64, 2007.

MILANEZ, Nilton. **As audiovisualidades em mim**: autoanálise foucaultiana sobre homossexualidade infantil e corpo na ditadura. 1. ed. Salvador: LABEDISCO, 2022. v. 1. 60p

MIYOSHI, Alexander Gaiotto (Org.). **O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil**. Campinas, SP : UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2010.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1–19, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1851. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>. Acesso em: 7 jan. 2025.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliographia brasiliana**. 1. ed. São Paulo : Edusp, 2010. v.2, p. 345. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/518681>. Acesso em: 22/04/2024.

MORAIS, Fernando. **A ilha**: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In. _____. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 4. P. 101-140.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NAVARRO, Pedro. **Dispositivo e governo da velhice no discurso da web**. Revista da Abralín, vol. 14, n. 2, p. 193-214, 2015.

NAVARRO, Pedro. **Estudos discursivos foucaultianos**: questões de método para análise de discursos. Revista Moara/ Estudos Linguísticos Edição 57, Vol. 1. 2020. p. 8-33.

NAVARRO, Pedro; SARGENTINI, Vanice. **Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil** - Cartografias: Entrevista com Maria do Rosário Gregolin. Revista da ANPOLL (Online) , v. 53, p. 20-40, 2022.

PÊCHEUX, Michel. As massas populares são um objeto inanimado? In: ORLANDI, Eni (Org). **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes, [1978]2011.

PEDROSO JR, Neurivaldo Campos. **Jacques Derrida e a desconstrução**: uma introdução. Revista Encontros de Vista - quinta edição, 2013.

PEREIRA, Gustavo de Lima. **Direitos humanos e migrações forçadas**: introdução ao direito migratório e ao direito dos refugiados no Brasil e no mundo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

PIOVEZANI, Carlos. **A voz do povo**: uma longa história de discriminações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

PIOVEZANI, Carlos, CURCINO, Luzmara.Fazer, pensar, dizer e olhar: dispositivos de fala pública e de leitura da mídia. in: JUNIOR, Antônio Fernandes, SOUSA, Kátia Menezes.

Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade. Goiás: CAC/UFG, 2023.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais / Judith Revel; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 3. Ed. São Paulo: Global, 2015.

RIBEIRO, Jocenilson ; SARGENTINI, Vanice. **Estudo histórico da imageria escolar em livros didáticos:** discurso em torno das práticas de leitura da imagem. Revista de Estudo do Discurso , v. 1, p. 169-199, 2015.

RIBEIRO, Jocenilson. **Xenofobia e intolerância linguística:** discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira. Campinas-SP: Pontes, 2022.

Rosa, Marluza da, & Ribeiro, Jocenilson. (2024). Migração e direito ao trabalho: uma análise discursiva da série “Ser Brasil - Migrantes e Refugiados”. **Fragmentum**, (61), 50–64. <https://doi.org/10.5902/2179219475345>

SÁ, Israel de; SARGENTINI, V. M. O. **A esquerda na ditadura militar brasileira:** formação discursiva, memória e identidade. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso , v. 1, p. 59-76, 2014.

SÁ, Israel de. **As comissões de verdade e a ‘política dos restos’:** entre a produção de memórias e a formação do autoritarismo contemporâneo. Revista da Anpoll, Florianópolis, v. 53, n. 2, p. 160-175, maio-ago., 2022.

SARGENTINI, Vanice. O. **A construção da análise do discurso:** percurso histórico. Revista Brasileira de Letras, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 39-44, jul. 1999.

SARGENTINI, Vanice. O. **Os estudos do Discurso e nossas heranças:** Bakhtin, Pêcheux e Foucault. Estudos Linguísticos (São Paulo) , v. 1, p. 181-190, 2006.

SARGENTINI, Vanice. Dispositivo: um aporte metodológico para o estudo do discurso. In: Katia Menezes de Sousa. (Org.). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault:** biopolítica, corpo e subjetividade. 1ed. São Paulo: Editora Intermeios, 2015, v. 1, p. 19-36.

SANTOS, Jocenilson Ribeiro dos.; SARGENTINI, Vanice. **Acontecimento discursivo e enunciado:** dispositivo de análise do texto sincrético no ensino. Revista todas as letras (MACKENZIE. Online) , v. 13, p. 84-97, 2011.

SANTOS, Jocenilson Ribeiro dos. **Arqueologia da imagem no ensino de língua portuguesa no Brasil (1960-2010)**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7428>.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro:** uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo:

Cultrix, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870- 1930)**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

SONNIS-BELL, Marissa; BELL, David Elijah; RYAN, Michelle. **Strangers, Aliens, Foreigners: the Politics of Othering from Migrants to Corporations**. Leida: Brill | Rodopi, 2018.

SOUSA, Kátia M. **Discursos de inovação e as urgências da sociedade: reflexões acerca do dispositivo de segurança em Michel Foucault**. Revista da ABRALIN , v. 14, p. 73-91, 2015.

SOUSA, Kátia M. **A genealogia e a ética foucaultianas nos estudos discursivos**. Revista Heterotópica , v. 1, p. 139-159, 2019.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, supl., dez. 2016.

TEIXEIRA, F. V.. **Dispositivo e imagem: uma relação com o fora**. Trágica: Estudos sobre Nietzsche, v. 8, p. 119-137, 2015.

TELLES, Helcimara (org.). **Mais Médicos: As vozes dos atores e os impactos do programa na atenção básica à saúde**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Los enemigos íntimos de la democracia**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, S.L. 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VEYNE, P. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZOPPI-FONTANA, Mónica; CESTARI, Mariana Jafet. “Cara de empregada doméstica”: Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. **RUA**, Campinas, SP, v. 20, p. 167–185, 2015.

LISTA DE LINKS DO CORPUS:

- (1) Médicos fazem protesto contra contratação de profissionais estrangeiros. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/maringa/medicos-fazem-protesto-contratacao-de-profissionais-estrangeiros-bjftsytw02zwieltredlyaj2/?ref=busca>. Acesso: 23 mai 2024.
- (2) Recusa a médicos estrangeiros contém alta dose de preconceito contra os vizinhos latinos. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/conexao-brasilia/recusa-a-medicos-estrangeiros-tem-alta-dose-de-preconceito-contra-os-vizinhos/?ref=busca>. Acesso: 23 mai 2024.
- (3) Ministério da saúde chama de “xenofobia” protesto contra médicos. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ministerio-da-saude-chama-de-xenofobia-protesto-contra-medicos-c7ryxlzb9h9idijk52odyh6xa/?ref=busca>. Acesso: 23 mai 2024.
- (4) “Há grande preconceito contra médicos cubanos”, diz Dilma. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ha-grande-preconceito-contra-medicos-cubanos-diz-dilma-c9c6bjxhmv734mchibvu70wge/&ved=2ahUKEwjWrvn9ibuJAxWlvokEHTliBm8QFnoECBgQAQ&usg=AOvVaw03KdcNo2iahTuFsXvCKxQO>. Acesso: 23 mai 2024.
- (5) Sete em cada dez brasileiros apoiam a vinda de médicos estrangeiros. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/sete-em-cada-dez-brasileiros-apoiam-a-vinda-de-medicos-estrangeiros-cd4to4mdjoul2qzesbmefafda/?ref=busca>. Acesso: 23 mai 2024.
- (6) As médicas-imigrantes cubanas e os preconceitos encadeados. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/as-medicas-imigrantes-cubanas-e-os-preconceitos-encadeados/>. Acesso: 23 mai 2024.
- (7) “Nacionalidade não importa”, diz Lula ao relançar o Mais Médicos, agora com foco em brasileiros. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/nacionalidade-nao-importa-diz-lula-ao-relancar-o-mais-medicos-agora-com-foco-em-brasileiros/>. Acesso: 23 mai 2024.
- (8) Ministro diz que médicos cubanos seguirão legislação trabalhista de Cuba. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ministro-diz-que-medicos-cubanos-seguirao-legislacao-trabalhista-de-cuba-bzo0im091umtgdz3zrwco0l72/?ref=busca>. Acesso: 29 mai 2024.
- (9) “Existem também escravos brancos, não apenas pretos. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/201cexistem-tambem-escravos-brancos-nao-apeenas-pretos201d-5989/>. Acesso 29 mai 2024.
- (10) Salário de médicos cubanos terá reajuste de 25%. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/salario-de-medicos-cubanos-tera-reajuste-de-25-2536/>. Acesso: 29 mai 2024.
- (11) Salário integral para os médicos cubanos. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/editoriais/salario-integral-para-os-medicos-cubanos-eg3seisg6u597fwxrtmk7z9se/?ref=busca>. Acesso em: 29 mai 2024.
- (12) Cuba vai retirar escravos do mais médicos: Bolsonaro está certo!. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/cuba-vai-retirar-escravos-mais-medicos-bolsonaro-esta-certo/>. Acesso: 29 mai 2024.
- (13) Justa alforria para os médicos cubanos. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/justa-alforria-para-os-medicos-cubanos/?ref=busca>. Acesso: 29 mai 2024.

- (14) Sobre a “escravidão” dos médicos cubanos. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/sobre-escravidao-dos-medicos-cubanos/?ref=busca>. Acesso: 29 mai 2024.
- (15) A medicina cubana é boa mesmo?. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/a-medicina-cubana-e-boa-mesmo/?ref=busca>. Acesso: 08 jul 2024.
- (16) A medicina cubana funciona? Zoe Martinez, cubana, responde a Mariana Godoy. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/medicina-cubana-funciona-zoe-martinez-cubana-responde-mariana-godoy/?ref=busca>. Acesso: 09 jul 2024.
- (17) Associação Médica Brasileira promete ir à Justiça contra revalidação de diplomas. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/associacao-medica-brasileira-promete-ir-a-justica-contr-revalidacao-de-diplomas/?ref=>. Acesso: 09 jul 2024.
- (18) Bolsonaro questiona qualidade de médicos cubanos: “Teriam salvado a vida de Hugo Chávez”. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-cubanos-medicos-pelo-brasil/?ref=busca>. Acesso: 09 jul 2024.
- (19) Bolsonaro diz que se médicos cubanos fossem bons, teriam salvado Hugo Chávez. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-se-medicos-cubanos-fossem-bons-teriam-salvado-hugo-chavez/>. Acesso: 09 jul 2024.

ANEXOS

Anexo 1: Representação que pretendia ser destinada à Assembleia Geral Constituinte do então Império do Brasil, sobre o tema da escravatura. O texto foi escrito por José Bonifácio de Andrade e Silva em 1825. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518681>. Acesso em: 15 fev. 2024.

(7)

nobre e santa, que pode animar corações generosos e humanos. Legisladores, não temais os urros do sordido interesse: cumpre progredir sem pavor na carreira da justiça e da regeneração politica; mas todavia cumpre que sejamos precavidos e prudentes. Se o antigo Despotismo foi insensível a tudo, assim lhe convinha ser por utilidade propria: queria que fôssemos hum povo mesclado e heterogeneo, sem nacionalidade, e sem irmandade, para melhor nos escravizar. Graças aos Ceos, e á nossa posição geographica, já somos hum Povo livre e independente. Mas como poderá haver huma Constituição liberal e duradoura em hum paiz continuamente habitado por huma multidão immensa de escravos brutaes e inimigos? Começemos pois desde ja esta grande obra pela expiação de nossos crimes e peccados velhos. Sim, não se trata sómente de sermos justos, devemos tambem ser penitentes; devemos mostrar á face de Deos e dos outros homens, que nos arrependemos de tudo o que nesta parte temos obrado ha seculos contra a justiça e contra a religião, que nos bradão accordes que *não façamos aos outros o que queremos que não nos fação a nós*. He preciso pois que cessem de huma vez os roubos, incendios, e guerras que fomentamos entre os selvagens d'Africa. He preciso que não venhão mais a nossos pórtos milhares e milhares de negros, que morrião.

(8)

abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda : he preciso que cessem de huma vez todas essas mortes e martirios sem conto, com que flagellavamos e flagellamos ainda esses desgraçados em nosso proprio territorio. He tempo pois, e mais que tempo, que acabemos com hum trafico tão barbaro e carniceiro ; he tempo tambem que vamos acabando gradualmente até os ultimos vestigios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações huma Nação homogenea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitaveis e felizes. He da maior necessidade ir acabando tanta heterogeneidade physica e civil ; cuidemos pois desde já em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrarios, e em *amalgamar* tantos metaes diversos, para que saia hum *Todo* homogeneo e compacto, que se não esfarelle ao pequeno toque de qualquer nova convulsão politica. Mas que sciencia chimica, e que dexteridade não são precisas aos operadores de tão grande e difficil manipulação ? Sejamos pois sabios e prudentes, porém constantes sempre.

Com effeito, Senhores, Nação nenhuma talvez peccou mais contra a humanidade do que a Portugueza, de que faziamos outr'ora parte. Andou sempre devastando não só as terras d'Africa e d'Azia, como dice Camões, mas igualmente as do nosso

Anexo 2: Nota publicada no site do Conselho Federal de Medicina com críticas ao Programa Mais Médicos. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/artigos/criticas-ao-mais-medicos>. Acesso em: 08 ago. 2024.

Críticas ao Mais Médicos

Publicado em 02/01/2018



Mauro Luiz de Brito Ribeiro

O Conselho Federal de Medicina (CFM) lamenta que o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) tenha perdido a oportunidade de recolocar no trilho da legalidade o funcionamento do Mais Médicos. Isso ocorreu quando essa corte não acatou, recentemente, Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) movida contra esse programa de caráter eleitoral e sem condições de oferecer ao País as soluções definitivas para o acesso à assistência em saúde.

Em seu voto, o relator do caso, ministro Marco Aurélio Mello, recomendou a suspensão de pontos específicos do Mais Médicos. Por exemplo, para ele, cubanos que participam do programa deveriam receber a integralidade de sua remuneração, e não apenas uma parcela, como vem ocorrendo desde 2013. Segundo relatos de alguns que abandonaram a iniciativa e pediram asilo político em outros países, a relação deles com as autoridades cubanas é baseada na opressão, estabelecendo uma situação análoga à escravidão, em afronta aos tratados internacionais de direitos humanos, dos quais o governo brasileiro é signatário.

O ministro-relator defendeu também que os portadores de diplomas de medicina obtidos no exterior que estão no Mais Médicos deveriam ser submetidos a exames de validação de seus títulos nos moldes do Revalida. Ainda hoje, pouco se sabe sobre a qualificação dessas pessoas e seu preparo para atender pacientes. É inegável que essa situação estabeleceu no Brasil dois graus de cidadania: o daqueles que contam com o cuidado de médicos com diplomas reconhecidos pelas instituições de ensino nacionais e comprovaram sua capacidade por meio de testes específicos; e o dos que ficam à mercê de pessoas cujo histórico acadêmico e profissional é uma incógnita, abrindo espaço para dúvidas sobre sua eficácia.

Em relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) elaborado em 2014, supervisores contratados pelo Ministério da Saúde para dar suporte ao programa relataram que 17,7% dos intercambistas monitorados admitiram que a falta de conhecimento de protocolos clínicos conturbou diagnósticos e terapêuticos.

Pouco mais de um terço dos supervisores conta ainda que os estrangeiros enfrentavam dificuldades no dia a dia pelo desconhecimento de nomes de medicamentos e suas dosagens corretas. Em outras palavras, ao autorizar a atuação desses indivíduos, o governo e o STF permitem que a população se torne ferramenta de ensino, sem medir os riscos dessa experiência.

Infelizmente, à exceção do relator e da ministra Rosa Weber, que concordou com a posição dele, a maioria dos ministros do Supremo considerou que problemas desse tipo não eram suficientes para justificar o Mais Médicos ou, pelo menos, exigir que as autoridades o adequassem às regras legais e do bom senso. Assim permanece o programa, cuja efetividade nunca foi avaliada com instrumentos metodológicos corretos, tornando-o uma grande ação de marketing a serviço de interesses políticos e ao custo de mais de R\$ 10 bilhões para Cuba nos últimos cinco anos, privando o Brasil de soma importante em tempos de crise econômica.

Como tem sido reiterado em sua crítica, o CFM age como a autarquia federal de direito público, criada pela Lei nº 3.268/57, com o objetivo de defender a boa assistência médica à população brasileira. Longe de vieses corporativistas, o Conselho cumpre seu dever de cobrar propostas de políticas públicas que se distanciem de ações paliativas.

Em lugar de trilhar esse caminho, o governo deveria investir em medidas de longo prazo, como a criação de uma carreira de Estado para o médico no Sistema Único de Saúde (SUS), projeto que ainda aguarda votação na Câmara dos Deputados. Se aprovado, estimulará os profissionais brasileiros a atuar em áreas distantes, assegurando-lhes condições para o ético e competente exercício da medicina e de atendimento à população.

Apesar de acatar o resultado da votação no STF, o CFM não se calará diante do absurdo do Mais Médicos. A autarquia mantém sua posição crítica com respeito a essa iniciativa que, desde sua origem, tem trazido riscos à saúde da população, sem agregar uma solução definitiva e estruturante para o acesso da população à assistência de qualidade, o que inclusive foi ignorado pelo Ministério Público Federal (MPF) em manifestação sobre o tema no Supremo, o que distanciou esse órgão da defesa dos interesses da cidadania, como se esperava de uma instância de fiscalização e controle.

* É presidente em exercício do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Anexo 3: Matéria veiculada pelo jornal *Gazeta do Povo* com título: *Recusa a médicos estrangeiros contém alta dose de preconceito contra vizinhos latinos*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/conexao-brasilia/recusa-a-medicos-estrangeiros-tem-alta-dose-de-preconceito-contra-os-vizinhos/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

EXPLORE | 🔍 | 🕒

GAZETA DO POVO
Domingo, 23 de Março de 2025

Assinar ENTRAR

Recusa a médicos estrangeiros contém alta dose de preconceito contra os vizinhos latinos

Por André Gonçalves 10/07/2013 às 13:04

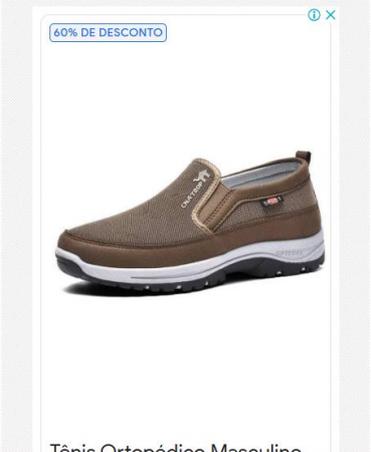
🗨️ 📌 ➦ 🎁

Publicidade



Queremos enfermeiras Suecas

60% DE DESCONTO



Tênis Ortopédico Masculino

EXPLORE | 🔍 | 🕒

GAZETA DO POVO
Domingo, 23 de Março de 2025

Dias atrás recebi uma mensagem pela internet: “não queremos médicos cubanos, queremos enfermeiras suecas!” Claro que era só uma brincadeirinha masculina. Mas toda piada desse gênero reforça um pouco do preconceito nosso de cada dia.

É impressionante como nos últimos anos os brasileiros estão cada vez mais preconceituosos em relação aos vizinhos. A cobertura policialesca sobre o brutal assassinato do garotinho boliviano Brayan, de 5 anos, em São Paulo é uma prova disso. Os pais e parentes do menino são quase sempre apresentados como seres do outro mundo – por serem pobres e índios, nada mais.

Voltando ao caso dos médicos que devem ser importados pelo governo, há um cheiro dessa mesma babaquice no ar. Parece óbvio que, por questões linguísticas, de proximidade territorial e de oportunidade profissional, a maioria dos doutores selecionados pelo governo vão vir da América Latina. Se viessem dos Estados Unidos, duvido que haveria tanta ojeriza.



Aliás, muito desse preconceito é importado da forma como os americanos tratam os latinos. Os brasileiros classe média veem os filmes gringos ridicularizando quem fala espanhol e se acha no direito de fazer a mesma coisa.

Talvez eles não se toquem que o Brasil não tem vocação, nem bala na agulha, para posar assim tão superior aos vizinhos. Xenofobia é uma das pragas da sociedade moderna e é realmente triste ver que ela consegue se espalhar até numa dos países mais multiculturais do planeta.

Anexo 4: Matéria veiculada pelo jornal *Gazeta do Povo* com título: *Ministério da Saúde chama de "xenofobia" protesto contra médicos.* Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ministerio-da-saude-chama-de-xenofobia-protesto-contra-medicos-c7ryxlzb9h9idijk52odyh6xa/>. Acesso em: 23 mai. 2024.



EXPLORE | 🔍 | 🕒

GAZETA DO POVO
Domingo, 23 de Março de 2025

Ministério da Saúde chama de "xenofobia" protesto contra médicos

Por Folhapress 27/08/2013 às 16:57

👍 👎 👏 👤 >

O Ministério da Saúde e entidades de saúde do Ceará fizeram um desagravo aos médicos estrangeiros na manhã desta terça-feira (27) e classificaram de "intolerância, racismo e xenofobia" o protesto feito na noite de ontem pelo Simec (Sindicato dos Médicos do Ceará) contra o programa Mais Médicos, do governo federal.

No protesto, os cubanos foram chamados de "escravos" pelos médicos brasileiros, que também pediam a exigência de prova para revalidação de seus diplomas.

O secretário de gestão estratégica e participativa do Ministério da Saúde, Odorico Monteiro, afirmou que o protesto "foi um ato de truculência, violência, agressividade, xenofobia, preconceito e racismo".

"Fomos um país de origem colonial e vivemos durante 400 anos uma sociedade escravocrata. Entendemos que o preconceito e o racismo de alguns é porque ainda eles têm saudade da casa grande e da senzala", afirmou.

Publicidade

Ele exigiu uma retratação do sindicato dos médicos. "Médicos por serem trabalhadores do governo cubano, por serem negros, por estarem praticando atos de solidariedade internacional não podem ser chamados de escravos", disse.

O Conselho Estadual da Saúde divulgou uma nota, que teve apoio do representante do ministério, elogiando os cubanos e pedindo respeito aos estrangeiros. Monteiro afirmou que foi agredido por empurrões, tapas e um ovo, mas que os estrangeiros só foram agredidos verbalmente.

"Eles vieram ao Brasil como convidados, não se justifica nenhum ato como o que aconteceu ontem aqui", afirmou o secretário de Saúde do Ceará, Arruda Bastos.

O representante do Ministério da Saúde garantiu que as forças policiais brasileiras darão proteção aos médicos estrangeiros durante a estada no país.



O desagravo teve a participação de representantes do Conselho Municipal de Saúde de Fortaleza, Conselho Estadual de Saúde, prefeituras e da Câmara Municipal.

Também teve apoio do Comitê Cearense Memória, Verdade e Justiça. "O **sindicato** transformou o juramento de Hipócrates no juramento da hipocrisia", afirmou Silvio Mota, coordenador do comitê.

Na última segunda-feira, 26 de agosto de 2013, na Escola de Saúde Pública do Ceará, assistimos, lamentavelmente, a uma demonstração de intolerância e xenofobia do Sindicato dos Médicos do Ceará e um grupo de 40 jovens médicos para com os médicos cubanos e outros estrangeiros, que vieram ao Brasil por espírito solidário e respondendo a um chamamento do governo brasileiro. Gritavam, a plenos pulmões, nas portas da ESP, num verdadeiro "corredor polonês", grosserias injustas e xenofóbicas: "escravos, escravos", "incompetentes, incompetentes", "voltem pra senzala" e outros impróprios.

Senhor presidente, para onde você caminha e leva os jovens médicos? E agora, José? José, para onde? Para a agressão física? "Escravos", José? Um povo valoroso que resiste a um boicote econômico há 54 anos da maior potência econômica do mundo, os Estados Unidos, e não se entrega, e não se curva? Um povo que jamais agrediu outros povos e, sim, oferece sempre a sua solidariedade e os seus médicos em situações de catástrofe, como no Haiti e em 69 países que pedem sua ajuda, sempre intermediada pela OMS? Cuba não tem riqueza, José. A sua riqueza é seu povo, são seus médicos, a sua solidariedade. Incompetentes, José? Os indicadores de saúde de Cuba se pareciam com os dos países mais desenvolvidos, a mortalidade infantil é menor que nos Estados Unidos e há 30 anos desenvolvem um Programa Saúde da Família que é exemplo para o mundo inteiro.

Fazemos um apelo a todas as entidades médicas para que respeitem os médicos cubanos e outros estrangeiros, que os acolham como merecem. Pratiquem a solidariedade latino-americana, como nos ensina José Martí, líder da unidade ibero-americana: "Cultivo uma rosa branca, em julho como em janeiro, para o amigo verdadeiro que estende sua mão franca. E para o mau que me arranca o coração com que vivo, cardo ou urtiga não cultivo: cultivo uma rosa branca".

Sejam bem-vindos médicos cubanos e todos os estrangeiros que aqui vieram prestar sua solidariedade e cuidar do nosso povo."

Anexo 5: Matéria veiculada pelo jornal *Carta Capital* com título: *As médicas-imigrantes cubanas e os preconceitos encadeados*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/brasil-debate/as-medicas-imigrantes-cubanas-e-os-preconceitos-encadeados/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

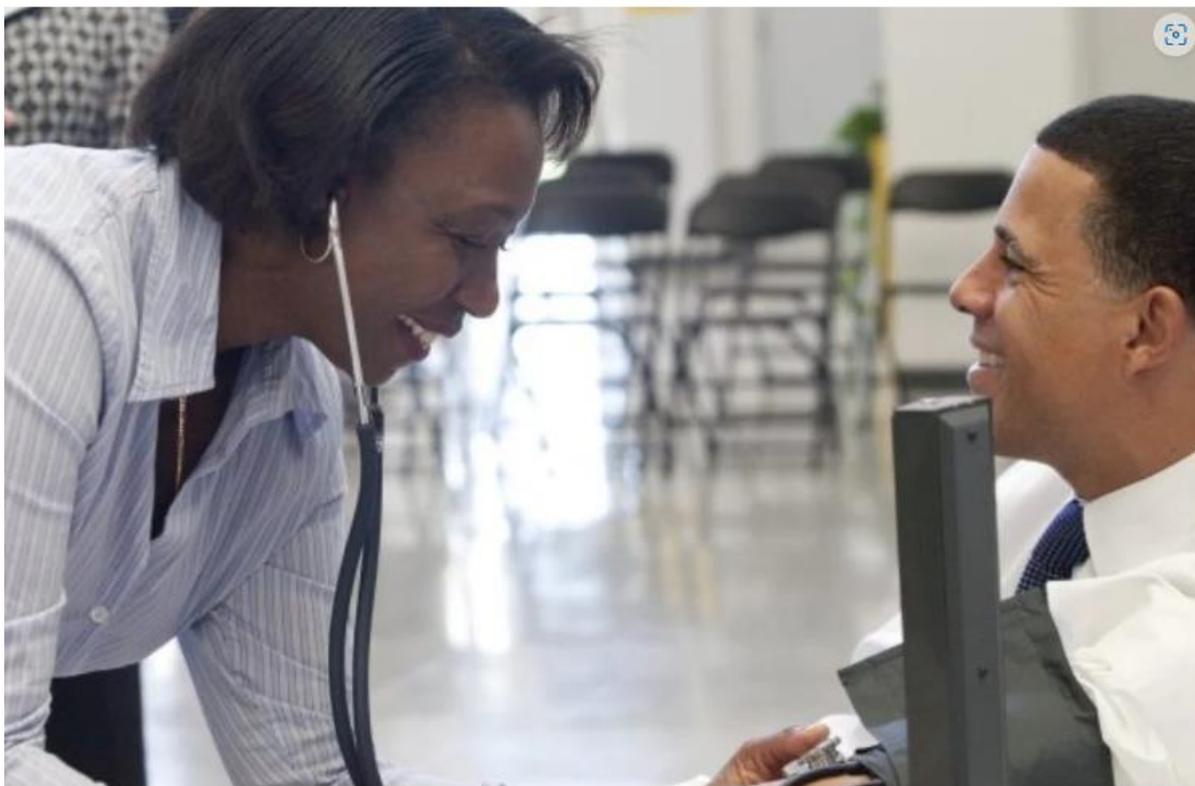
BRASIL DEBATE

As médicas-imigrantes cubanas e os preconceitos encadeados

Mulheres, oriundas de país socialista, muitas delas negras, tiveram que lidar com vários obstáculos e se tornaram as preferidas dos usuários do SUS

POR CARTACAPITAL

29.05.2018 18H00



urbanas e os preconceitos encadeados

No final de 2013, com a implantação do [Programa Mais Médicos](#), foram contratados mais de 12 mil médicos para trabalhar na rede nacional de atendimento básico de saúde pública, em regime temporário. A nacionalidade cubana representou, nessa primeira fase do programa, cerca de 80% desses médicos, com mais da metade desse percentual composto por mulheres.

Esse elevado número de mulheres alinha-se com as tendências globais dos [movimentos migratórios](#) hoje, em sua ligação com o funcionamento do mercado de trabalho. Cerca da metade das populações em movimento é formada por mulheres que, na maioria das vezes, encontram condições muito precárias de inserção laboral nos países de destino, sobretudo no trabalho doméstico e de cuidado, mas também na indústria e nos serviços. Todavia, o caso das médicas mostra como hoje há também um perfil altamente qualificado que compõe esses movimentos.

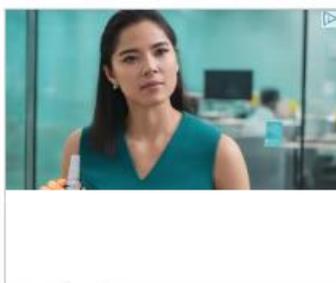
Já nos anos 1980, Mirjana Morokivaisic, uma das maiores especialistas no tema das migrações femininas, chamava atenção à presença e ao protagonismo das mulheres nesses deslocamentos internacionais.

A autora fez uma crítica, ainda muito atual, que denuncia a visão da imigração e do refúgio como fenômenos masculinos, nos quais a mulher, quando ganha visibilidade, é considerada apenas como “acompanhante” e “dependente passiva” do homem no projeto e na experiência imigratórios.

ubananas e os preconceitos encadeados

As **médicas cubanas** – muitas delas mães, tendo que suportar a distância de seus filhos e da família – representam mais um caso que desmente essa visão sobre as migrações desatenta em relação ao sexo. Ao chegarem no Brasil, algumas dessas mulheres já estavam fazendo uma segunda experiência de imigração e de trabalho fora de Cuba.

Aqui, sua atuação profissional ocorreu em mais de dois mil municípios, sobretudo nas periferias – mesmo naquelas marcadas pela violência. Essas médicas também penetraram, por meio de sua profissão de prevenção e cura, o profundo do Brasil, na região árida do Nordeste e em zonas rurais e de floresta, onde estão as populações indígenas e quilombolas, dentre outros grupos sociais.



O registro histórico dessa fase inicial do Mais Médicos não pode apagar o protagonismo das médicas cubanas que, como sabemos, tiveram que enfrentar muitos obstáculos – sobretudo o racismo e a **xenofobia** – colocados à sua presença e à sua atuação profissional. É preciso lembrar que esses obstáculos se somam às dificuldades de um machismo historicamente imperante na estrutura do nosso mercado de trabalho e de nossa sociedade, colocando uma carga de peso adicional para essas médicas.

De fato, o caso dos médicos cubanos no Brasil evidencia como a xenofobia se mescla com o racismo e age mesmo em estratos altos do mercado de trabalho, como a profissão médica, refletindo também um contexto internacional mais amplo de hostilidades aos imigrantes e refugiados na atualidade.



Anexo 6: Matéria veiculada pelo jornal *Gazeta do Povo* com título: *Sobre a “escravidão” dos médicos cubanos*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/sobre-escravidao-dos-medicos-cubanos/?ref=busca>. Acesso: 29 mai. 2024.



> Rodrigo Constantino

Sobre a “escravidão” dos médicos cubanos

Por Rodrigo Constantino 21/11/2018 às 18:35



Publicidade



Say goodbye to fear of speaking New Language

We are looking for 12 volunteers who 16/18 to start speaking new language fluently this month. No matter what.

We will transform you into a confident speaker who sounds native and gets results. Do you want finger experience faster and hearing the phrase quickly you'd like?

Just take 15-20 minutes daily and get a personalized speaking plan from our AI personal language coach.

[Click here](#)

AI German Tutor

Feel and sound like a native in 3 months. Learn the most popular languages in months.

Makes You Fluent

“O presidente eleito, Jair Bolsonaro, reiterou hoje (16) que a decisão de impor novas exigências aos profissionais cubanos, vinculados ao Programa Mais Médicos, tem razões humanitárias, para protegê-los do que considera “trabalho escravo”...

Querer a revisão do programa e do convênio com Cuba é uma prerrogativa do governo eleito. Mas essa tese da libertação dos escravos (da “Lei Áurea” bolsonarista) não cola. É muito, mas muito furada. Oportunismo puro.

Ainda que se admita que os médicos cubanos são escravos (e há bons argumentos nesse sentido), sua escravidão não deriva do fato de estarem trabalhando aqui, nem tampouco começou com a vinda deles para cá. Eles já eram escravos antes e continuarão escravos depois que forem embora.

Publicidade

Aqui, pelo menos, eles têm uma vida razoavelmente digna, recebendo um salário pelo trabalho – que se não é o ideal, é mais do que recebe a média dos brasileiros e 99,99% dos cubanos em Cuba. E essa pouca dignidade eles certamente perderão ao retornar para a “Ilha Cárcere”, tanto que a maioria não gostaria de retornar se pudesse trazer para cá as respectivas famílias – o que a ditadura não permitirá, independentemente do que Bolsonaro faça ou diga.

Anexo 7: Matéria veiculada pelo jornal *Carta Capital* com título: “*Existem também escravos brancos, não apenas pretos*”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/201d-cexistem-tambem-escravos-brancos-nao- apenas-pretos201d-5989/>. Acesso 29 mai. 2024.

POLÍTICA

“Existem também escravos brancos, não apenas pretos”

Presidente do Sindicato dos Médicos do Ceará, José Maria Pontes, nega que ato realizado em Fortaleza fosse racista ou direcionado aos cubanos

POR CARTACAPITAL
27.08.2013 19H19



icos, não apenas pretos”

O presidente do Sindicato dos Médicos do Ceará, José Maria Pontes, negou nesta terça-feira 27 que o protesto realizado por médicos na segunda-feira 26, em Fortaleza, tivesse conotação racista ou mesmo que fosse direcionado aos médicos cubanos que vão participar do programa federal Mais Médicos.

Em entrevista ao site do jornal *Zero Hora*, Pontes afirmou que “em nenhum momento” a manifestação foi contra os médicos cubanos. De acordo com Pontes, o alvo eram os gestores responsáveis pelo Mais Médicos, considerado por ele uma “palhaçada”.

Confrontado com o fato de os médicos do Ceará terem gritado “escravos, escravos” para os médicos, negros, Pontes rebateu as acusações e disse que não havia “sentido pejorativo”. “Temos que esclarecer qual foi a intenção. Primeiro, existem também escravos brancos, não apenas pretos. O objetivo daquele grito era dizer que não aceitamos trabalho escravo, não aceitamos a exploração de profissionais”, afirmou. Pontes admitiu, entretanto, ter ficado preocupado com uma “má interpretação” dos gritos. “Aí comecei a puxar ‘Fora, Padilha! Fora, Padilha!’”.

De acordo com o presidente do sindicato, o que gera indignação por parte da categoria é o fato de os médicos participantes do Mais Médicos não serem submetidos ao Revalida, o Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos. “O Revalida não é exigido no programa Mais Médicos, colocando em risco a vida da população. É isso que não admitimos”, afirmou Pontes.

Anexo 8: Matéria veiculada pelo jornal *Gazeta do Povo* com título: *Cuba vai retirar escravos do Mais Médicos: Bolsonaro está certo!*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/cuba-vai-retirar-escravos-mais-medicos-bolsonaro-esta-certo/>. Acesso: 29 mai. 2024.

EXPLORE | 🔍 | 🕒

GAZETA DO POVO
Segunda-feira, 24 de Março de 2025

GARANTA SEU

> Rodrigo Constantino

Cuba vai retirar escravos do Mais Médicos: Bolsonaro está certo!

Por Rodrigo Constantino 14/11/2018 às 13:19



👍👎🗨️ >

O governo de Cuba anunciou, nesta quarta-feira (14), o fim de sua participação do programa Mais Médicos no Brasil.

60% DE DESCONTO

Tênis Ortopédico Pheron Titaniur

Transforme Seus Passos Masculino Pheron Titaniur escolher entre conforto e Ortopédico Masculino Ph

DUI

EXPLORE | 🔍 | 🕒

GAZETA DO POVO
Segunda-feira, 24 de Março de 2025



O governo de Cuba **anunciou**, nesta quarta-feira (14), o fim de sua participação do programa Mais Médicos no Brasil.



Em nota divulgada pelo Ministério da Saúde do país caribenho, a decisão é atribuída a questionamentos feitos pelo presidente eleito, Jair Bolsonaro (PSL), à qualificação dos médicos cubanos e à exigência de revalidação de diplomas no Brasil.

Pelas regras do Mais Médicos, profissionais sem diploma revalidado só podem atuar nas unidades básicas de saúde vinculadas ao programa “nos primeiros três anos”, como “intercambistas”.

A renovação por igual período só pode ser feita caso esses profissionais tenham o diploma revalidado e o aval de gestores nos municípios. No ano passado, o STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu que a ausência de revalidação do diploma era constitucional.

Um dos programas mais conhecidos na saúde, o Mais Médicos foi criado em 2013, na gestão da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), para ampliar o número desses profissionais no interior do país.

Fui um crítico severo desse programa desde o começo, e uma rápida busca no blog comprova isso. Exportar “médicos” virou um grande negócio da ditadura cubana. São, na verdade, escravos do governo, e muitas vezes despreparados para exercer a profissão. O mito da saúde cubana engana muita gente, mas a realidade é outra, bem diferente.

Revalidar o diploma é uma exigência básica nessa situação. Compactuar com o regime de escravidão cubano também representa um deslize moral complicado. Leandro Ruschel resumiu bem a questão:



Num gesto magnânimo, o presidente eleito poderia oferecer asilo político a esses cubanos que hoje vivem no Brasil, se desejarem. São escravos, e todo escravo merece a liberdade. É preciso expor a real natureza desse regime nefasto ainda idolatrado pelos idiotas úteis do comunismo.

Anexo 9: Matéria veiculada pelo jornal *Gazeta do Povo* com título: *Bolsonaro questiona qualidade de médicos cubanos: “Teriam salvado a vida de Hugo Chávez”*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-cubanos-medicos-pelo-brasil/?ref=busca>. Acesso: 09 jul. 2024.





GAZETA DO POVO
 Segunda-feira, 24 de Março de 2025

Assinar

ENTRAR

Médicos pelo Brasil

Bolsonaro questiona qualidade de médicos cubanos: “Teriam salvado a vida de Hugo Chávez”

Por Gazeta do Povo 01/08/2019 às 12:32

 3
 





Jair Bolsonaro questionou sobre os profissionais cubanos ao criar Médicos pelo Brasil (Foto: Agência Brasil)



O presidente Jair Bolsonaro questionou a qualidade dos profissionais cubanos ao criar nesta quinta-feira (1) por medida provisória o programa [Médicos pelo Brasil](#), que substituiu o Mais Médicos, criado na gestão de Dilma Rousseff (PT). “Se os cubanos fossem tão bons assim, teriam salvado a vida de Hugo Chávez. Se os cubanos fossem tão bom assim, Dilma e Lula teriam no Planalto para atendê-los cubanos, e não brasileiros”, disse. Durante o discurso, o presidente ainda agradeceu a Deus e aos profissionais de saúde que trataram dele após ter sido vítima de um ataque a faca durante a campanha eleitoral no ano passado. Bolsonaro ainda criticou o programa da gestão petista e disse que desrespeitava os direitos humanos ao deixar os médicos cubanos longe das famílias.

Publicidade

60% DE DESCONTO



Tênis Ortopédico Masculino Pheron Titanium Marrom / 42

Transforme Seus Passos: Tênis Ortopédico Masculino Pheron Titanium Está cansado de escolher entre conforto e estilo? Com o Tênis Ortopédico Masculino Pheron Titanium, voos...

DUNE

Anexo 10: Matéria veiculada pelo jornal *Carta Capital* com título: *Bolsonaro diz que se médicos cubanos fossem bons, teriam salvado Hugo Chávez*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-se-medicos-cubanos-fossem-bons-teriam-salvado-hugo-chavez/>. Acesso: 09 jul 2024.



POLÍTICA

Bolsonaro diz que se médicos cubanos fossem bons, teriam salvado Hugo Chávez

Presidente fez críticas a profissionais de Cuba durante cerimônia de lançamento de programa substituto do Mais Médicos

POR CARTACAPITAL

01.08.2019 18H11 | ATUALIZADO HÁ 5 ANOS



anos fossem bons, teriam salvado Hugo Chávez

16 100 

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) lançou nesta quinta-feira 1 o programa Médicos pelo Brasil, que substituirá o Mais Médicos, criado no governo de Dilma Rousseff, em 2013. O novo projeto quer abrir 18 mil vagas e um plano de carreira para os profissionais.

Os médicos poderão ganhar até 21 mil reais no primeiro ano de trabalho, valor que pode chegar a 31 mil posteriormente. O governo promete alcançar 4.823 municípios no primeiro ano, número que deve aumentar de acordo com a demanda.

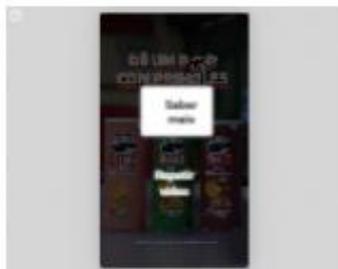
A incorporação dos cerca de 1,8 mil médicos cubanos que permaneceram no País, após o fim do acordo com o governo de Cuba, não está cogitada para o Médicos pelo Brasil. Na cerimônia de lançamento, Bolsonaro fez críticas aos profissionais cubanos.

“Eu tinha uma preocupação enorme com a questão ideológica, porque eu conhecia o que estava sendo tramado naquele momento. Não era a vida dos brasileiros. Mas o que era vendido aqui era uma coisa completamente diferente. Se os cubanos fossem tão bons assim, teriam salvado a vida de Hugo Chávez. Não deu certo, deu azar”, disse o presidente, em tom de deboche. Chávez morreu de câncer, após passar por tratamento em Cuba. “Se os cubanos fossem tão bons assim, Dilma e Lula teriam aqui, no Planalto, cubanos, e não brasileiros.”



Segundo o Ministério da Saúde, o Mais Médicos tinha problemas como “processo seletivo frágil, vínculo precário, médicos sem supervisão, cadastros com inconsistências e a definição controversa de município prioritário”.

O governo anuncia que realizará a contratação dos profissionais pelo regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Até então, os contratos eram temporários, de até três anos. Ainda não há data para a primeira seleção de médicos.



O ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, afirmou também que o programa Mais Médicos não será anulado de imediato e que o governo aderirá ao novo projeto gradualmente. A expectativa é de que esta mudança finalise em 2020.